

AMOR SOB REFORMA



DA MESMA AUTORA DE "AMOR AGRIDOCE"

LIVIA MEDEIROS

AMOR SOB
REFORMA

AMOR SOB REFORMA

DA MESMA AUTORA DE "AMOR AGRIDOCE"

LIVIA MEDEIROS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Reitora

Nadir do Nascimento Nogueira

Vice-Reitor

Edmilson Miranda de Moura

Superintendente de Comunicação Social

Jacqueline Lima Dourado

Coordenadora da EDUFPI

Olivia Cristina Perez

Coordenador da Gráfica Universitária da UFPI

Renan da Silva Marques

EDUFPI - Conselho Editorial

Jacqueline Lima Dourado (presidente)

Olivia Cristina Perez (vice-presidente)

Carlos Herold Junior

César Ricardo Siqueira Bolaño

Fernanda Antônia da Fonseca Sobral

Jasmine Soares Ribeiro Malta

João Batista Lopes

Kássio Fernando da Silva Gomes

Maria do Socorro Rios Magalhães

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

Equipe Técnica

Projeto Gráfico

Sérgio Donato – SUPERFREAK Creative Lab

Diagramação e Finalização

Lidia Araújo dos M. Moura Fé

Ilustração da Capa

"Léo e Sofia", Artista: Karolayne N. Santos (@kahnsdesign)

Avaliação Técnica Editorial

Ariane Cavalcante Lima

Jasmine Ribeiro Malta

Revisão Geral

Beatriz Rodrigues

Ariane Cavalcante Lima

Assistente Editorial

Tayrla Kelly Gomes Carvalho

Impressão

Gráfica Universitária da UFPI

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Piauí

Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

Divisão de Representação da Informação

M488a Medeiros, Livia.
Amor sob reforma / Livia Medeiros - Teresina:
EDUFPI, 2026.
280 p.

ISBN: 978-65-5904-472-6 (E-book)

1. Literatura Brasileira - Romance. 2. Comédia
Romântica. 3. Transexualidade. 4. Música. I. Título.

CDD B869.3

Bibliotecária: Jociede da Silva Reis - Bibliotecária - CRB 3/1001



Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella
CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI – Brasil



Agradecimentos

Escrever um livro sobre luto enquanto se está de luto foi algo que eu nunca imaginei fazer, mas aconteceu, e serviu para ajudar a curar, em parte, uma dor muito forte.

Meu querido avô Francisco faleceu em outubro de 2024. Foi um mês difícil ter de conciliar tudo da vida em prol de ajudá-lo no hospital, mas, mesmo com toda a ajuda da família, ele não resistiu. Ele gostava do fato de eu ser escritora. Não chegou a ler nada, mas sabia que se orgulhava de mim. Sempre vou lembrar dele com carinho, porque cuidou de mim desde bebê, me ensinou lições valiosas e muito mais – coisas que vou guardar na memória como se as enclausurasse num potinho.

Enquanto tudo acontecia, eu tinha apenas a ideia base para *Amor Sob Reforma*, e já sabia que o Léo também tinha perdido o pai e isso seria o motivo para toda a história acontecer (isso já era um fato definido desde o primeiro semestre do ano, veja bem). Em novembro do mesmo ano, me vi com tempo livre para planejar o livro, e a ficha caiu com muita força. Perdi meu avô, que sempre cuidou de mim, e o Léo perdeu o seu pai. Como isso não pode ser doloroso?

De certa forma, o livro funcionou para colocar muitas coisas para fora, todas as lágrimas que acumulei, se é que é possível, foram derramadas ao longo da escrita. Mas digo tudo isso com o coração mais leve agora, porque quando alguém querido vai embora, só restam as boas lembranças. Aquele buraco no

peito que parece grande demais vai diminuindo, mas continua lá, de certa forma.

Obrigada por tudo, vovô.

Agora, quero agradecer a todos que fizeram parte do processo de escrita desse livro. Primeiro, preciso agradecer a toda a equipe da EDUFPI pela publicação dessa obra. Quando submeti o manuscrito ao edital torci muito para passar e poder espalhar essa história tão linda para mais pessoas. Obrigada pela confiança no meu trabalho e pelo apoio em todo o processo!

Agradeço à minha família pelo apoio e empolgação em todas as minhas publicações. O entusiasmo de vocês me deixou mais feliz ainda e isso é a melhor coisa que uma escritora pode querer. O processo de escrita pode ser muito solitário, mas não com vocês. Acho muito legal quando todos falam “Lívia é escritora”, “A Livinha escreve!” e variações do tipo. Obrigada por tudo!

Quero agradecer às *Winx*, minhas amigas que ajudaram a construir o *plot* desse livro, ou pelo menos a ideia inicial. Eu precisava de uma “profissão” para o Léo, aí mostrei uma imagem do ator que tinha em mente e perguntei de “quê” ele tinha cara. Vocês disseram “bartender” e riram, e agora eu estou rindo porque o Léo é quase isso mesmo haha. Obrigada!

Obrigada Bia, minha querida amiga que sempre está nos agradecimentos. Dessa vez, quero agradecer por ter me ajudado com a construção da Sofia e toda sua vivência como pessoa transsexual, além de explicar fatos que eu não sabia, e muito mais. A Sofia nasceu por conta da nossa conversa sobre querermos personagens trans vivendo uma história de amor e foi exatamente isso que aconteceu. Você é incrível!

Obrigada ao Marcos, que me acompanhou nessa jornada por mais de um ano - além da jornada de outros livros. Você não só me ouviu falar sobre tudo, mas escutou as músicas que

inspiraram a Aura (Jonas Brothers, Charlie Brown Jr., entre outros). Amo ter experiências tão calorosas com você!

Obrigada às minhas amigas Laura e Ester. Nem tenho palavras para expressar o quão importante o apoio de vocês é para mim, de verdade. A animação e o incentivo de vocês me deixam mais forte a cada dia.

E por fim, obrigada a você, pessoa que leu este livro! Espero que tenha gostado da jornada de Léo e Sofia tanto quanto eu. Graças a você a literatura piauiense permanece viva!

Sumário

Apresentação	13
Prefácio	17
Capítulo 1	19
Um papagaio chamado Zezo	19
Capítulo 2	27
Retorno a um antigo lar	27
Alvin e os Esquilos	30
Capítulo 3	33
Fuscas laranjas podem ser letais	33
Alvin e os Esquilos	43
Capítulo 4	45
Bem-vindo de volta!	45
Essa família é meio doida	45
Capítulo 5	57
O primeiro dia de trabalho	57
Alvin e os Esquilos	65
Capítulo 6	67
Ele é bonito mesmo ou só faz parte de uma banda de rock?	
(Resposta: sim, ele é)	67
Capítulo 7	75
As antigas fitas de vídeo cassete	75

Capítulo 8	81
Você não sabe que todo o princípio básico de fazer uma obra é “enrolar”?	81
Capítulo 9	89
O primeiro amor - Julho de 2014	89
Capítulo 10	97
Quando alguém canta “Samurai” para um papagaio, você para e escuta. É lindo	97
Capítulo 11	105
Toalhas! Toalhas! Toalhas!	105
Alvin e os Esquilos	110
Capítulo 12	113
Isso conta como um primeiro encontro?	113
Capítulo 13	123
Sofia definitivamente está se apaixonando	123
Capítulo 14	137
A queda de energia	137
Capítulo 15	149
Beijos na chuva são os melhores	149
Capítulo 16	159
Uma manhã produtiva...	159
Capítulo 17	167
Tem como não gostar de um lugar onde a Polícia Municipal anda de bicicleta?	167

Capítulo 18	177
Mães e seus superpoderes de telepatia	177
Alvin e os Esquilos	185
Capítulo 19	187
Uma visita inesperada	187
Capítulo 20	191
Tudo bem desabar, sempre vai ter alguém para te segurar	191
Capítulo 21	197
(Mais) visitas inesperadas!	197
Capítulo 22	215
A Aura se diverte com a sua maior fã	215
Capítulo 23	223
Os melhores amigos que alguém poderia ter	223
Capítulo 24	233
Depois de várias semanas, uma decisão (Ah, e Léo finalmente aparou a barba!)	233
Capítulo 25	245
Reconciliações	245
Capítulo 26	253
O último show	253
Epílogo	267

Apresentação

Amor sob Reforma nasceu a partir da ideia, acima de tudo, de falar sobre conexão — o retorno para um antigo lar, o encontro com uma antiga amizade e a descoberta de que, na vida, nunca é tarde demais para recomeçar.

O personagem Leonardo (ou Léo) retorna a Pedro II, sua cidade natal, após anos de turnê como baixista da banda Aura e mais alguns anos no ócio morando com sua mãe em Teresina. Depois da Pandemia de COVID-19, seu pai acaba por falecer e isso deixa Léo muito abalado, com medo de voltar aonde tudo começou. Porém, seu pai lhe deixou de herança uma lanchonete e agora seu principal objetivo é reformá-la para só então decidir o que fazer com o local. Vender? Ficar? Ele ainda não sabe. A única constante é a dor que sente sempre que olha para qualquer canto daquele lugar, porque seu pai sempre está lá, de certa forma.

A escolha da cidade foi simples, e talvez nem tenha sido uma escolha. Foi *o certo*. Grande parte da família de uma de minhas avós é de lá, inclusive ela passou sua infância na cidade. Lembro de uma viagem maravilhosa que fiz para lá aos 10 ou 11 anos de idade e me encantei pelo lugar. Coincidentemente, alguns meses após escrever o livro, voltei para lá aos 22 anos e até assisti a vários shows do Festival de Inverno. Uma das melhores coisas de escrever sobre lugares que você conhece é poder revisitá-los com um brilho diferente no olhar.

Escrever sobre Léo e seu processo de luto foi algo mais do que pessoal. Poucas semanas antes de começar o livro, meu avô faleceu e isso influenciou a narrativa de um modo inevitável. Foi quase uma surpresa: de repente me vi encarando a tela do computador em choque, não com um vazio, mas cheia de sentimentos para contar a ponto de transbordar. Eram tantas palavras que eu nem sabia por onde começar. No fim, consegui entender tudo o que sentia, e Léo foi um amigo. Seu pai o admirava como músico, assim como meu avô também adorava o fato de eu ser escritora. Este livro é para ele.

Mas, assim como toda comédia romântica, é preciso ter a leveza, e foi aí que entrou a Sofia! Ela é engraçada, irônica e ri das derrotas que a própria vida lhe dá. Além disso, a decisão de fazê-la uma personagem transsexual partiu de conversas com amigas próximas e a necessidade de haver mais histórias de romance com esse protagonismo. Por que não podemos ter mais histórias sobre pessoas *trans* muito bem resolvidas com isso, apenas vivendo um amor? Bem, isso é o que a Sofia possui: um recomeço na sua cidade natal, um amor de infância, um Fusca de cor duvidosa e uma família engraçada.

Ah, e um papagaio chamado Zezo, é claro.

Para melhorar ainda mais a experiência do leitor, criei uma *playlist* com músicas que me ajudaram a construir a obra ou que são mencionadas no próprio livro. Há um pouco de tudo: *pop*, *acústico*, *rock*, e muito mais. A Aura nasceu de várias canções e bandas que moram no meu coração, já o Léo é mais sentimental e sensível, e a Sofia partiu de canções mais alegres dos anos 2000. Seja pela letra ou pelo sentimento que as músicas transmitem, acredito que vão servir de ótima trilha.

Falando em música, a escolha para a epígrafe foi um trecho de *Begin Again*, da cantora Taylor Swift. A música fala sobre alguém que passou por um relacionamento conturbado e, por isso, não tinha tantas esperanças de algo bom acontecer

de novo — porém, um tempo depois, ela vê o amor florescer de novo ao conhecer uma pessoa leve.

A escolha da canção ressalta como nunca é tarde demais para encontrar alguém bom, que te faça feliz e mostre que o amor pode ser mágico e surgir até dos lugares mais inesperados. No caso de Sofia – que está passando por um fim de divórcio conturbado –, ela percebe que tudo a levou até sua paixão de infância em uma lanchonete modesta de Pedro II. Então, sim, Sofia pode recomeçar e ter alguém que a trate bem e a ame como ela merece.

Amor sob Reforma é gentil, divertido e leve. Aborda música, recomeços e beijos na chuva — e posso ser suspeita para dizer, mas pode ser justamente o livro que você está precisando agora!

Lívia Medeiros

Escute a playlist!



Prefácio

A garota — hoje mulher — que nunca sonhou acordada em viver um romance de cinema com o ídolo da boyband preferida põe o dedo aqui! Nenhum dedo, certo, como eu imaginei. E então a Lívia Medeiros é justamente a pessoa que nos dá um vislumbre de como seria realizar esse desejo, só que em detalhes.

Se com essas poucas linhas eu já te convenci a dar uma chance ao mais novo romance da Lívia, fique à vontade e siga em frente. No entanto, se você precisa um pouco mais de argumento, fica aqui que eu te falo.

As histórias da Lívia vão muito além de uma fanfic entre fã e ídolo. Aliás, lá pelas tantas essa premissa acaba sendo apenas um pano de fundo que ajuda a dar um temperinho gostoso na leitura, mas garanto que não é o ponto principal. Porque quando você já está comprometido com aquela história, percebe que está acompanhando a linda jornada de personagens muito apaixonantes, com camadas a serem desvendadas e desafios próprios que nos transformam em torcedores da primeira fileira.

Nada de mocinho com uma única dimensão, seja o moreno sarcástico ou o *golden retriever*. Esqueça a mocinha frágil e perdida que precisa de um salvador. Aqui temos pessoas complexas, que enfrentam dificuldades com as quais podemos nos identificar e que, muitas vezes, quebram estereótipos. A

autora tem um jeito muito especial de trazer representatividade, além de caprichar na ambientação piauiense e nos brindar com expressões, gastronomia e várias outras referências culturais do seu estado.

E se foi assim com os dois primeiros títulos que contam as histórias dos meninos da Banda Aura, tenho certeza que o romance entre Leonardo e a Sofia vai te conquistar exatamente da mesma forma. Somos levados para um cantinho novo no Piauí e uma história de segunda chance para a mocinha, que passou pelo trauma de um divórcio, e para o casal que vai redescobrir suas raízes.

Amor sob Reforma é sobre reconexão. Seja com um amigo, com a terra natal, com o passado, com a música e com o amor. E para nós, leitores, de retorno ao mundo da Aura! Boa leitura!

Marcela Rocha Mendes

Jornalista, escritora e revisora.

*Formada pela Universidade Federal do Paraná,
trabalha em veículos de comunicação há mais de 15 anos e
já publicou dez livros entre independentes e por editora.*

Capítulo 1

Um papagaio chamado Zezo

Sofia não conseguia parar de pensar que o seu eu de dezesseis anos estaria decepcionado com ela.

Mas, *ei*, tudo bem. Você não tem como prever todo o curso da sua vida — se tivesse, Sofia certamente não teria se apaixonado, casado, se divorciado, acumulado dívidas horripilantes e ficado sem oportunidades de emprego estável a ponto de morar sozinha... apenas para acabar de volta na casa da infância.

Ela apertou as mãos no volante com mais força conforme atravessava o portal de entrada de Pedro II, sua cidade-natal. Era cedo de manhã, fazia um friozinho agradável em comparação ao que estava acostumada da capital do Piauí, e Sofia torceu para que o sentimento de pertencimento começasse a assolar logo, ao invés do frio na barriga.

Carregava só o básico no porta-malas e no banco de trás do carro, pelo menos o que coubera no Fusca laranja vintage (por “vintage” lê-se *velho*, mas ele sobreviveu a uma viagem de três horas). Ela observou a cidade tomar forma com suas casas baixas, simples e, em maior parte, antigas e coloridas. As construções sempre a fascinaram quando criança, e hoje não era diferente, porque se hoje se tornou arquiteta foi por conta da paixão pelas casas de Pedro II.

Ainda assim, fazer o caminho inverso, com tudo quase igual, do que fizera aos dezoito anos era meio assustador e es-

tranho, e Sofia se sentia uma fracassada. Talvez essa palavra fosse pesada demais, mas era o que tinha no momento. Podia listar nos dedos o que trouxera de diferente na bagagem desta vez, aos vinte e seis anos:

- um diploma;
- uma pele mais bonita;
- alguns arrependimentos;
- um corte de cabelo novo: curtinho acima dos ombros;
- papéis de divórcio!;
- uma cirurgia de redesignação sexual feita com sucesso! (obaaa!).

Ela não teve tempo de pensar em mais conquistas que tapassem o buraco vazio no seu peito, porque parou na frente de casa. Ainda era a mesma de sempre e Sofia tinha costume de voltar à cidade no fim do ano, então, nada de novo. Porém, agora, seria para valer. O muro era baixo, com um jardim bonito montado por sua mãe bem na frente. Decidiu que guardaria o carro na garagem depois de tirar as malas, então só pegou sua bolsa, saiu do carro e entrou em casa.

— Oi, cheguei! — chamou alto, mas não havia ninguém na sala além dos enfeites de dez religiões diferentes que sua mãe gostava de colecionar e iam desde o hinduísmo até o catolicismo. Enfim, Sofia já tentara explicar sobre aquilo, mas dona Isis não deu a mínima. — Oi, Buda — cumprimentou a figura e seguiu em frente.

Jogou a bolsa no sofá e arrumou o cabelo na frente do rosto para observar melhor os quadros, curvando-se um pouco para baixo. Era uma pessoa alta e magra, ao contrário da parte materna da família que morava ali. Os quadros dispostos aleatoriamente nas paredes eram baixos, mostravam seus familiares mais antigos em fotos preto e branco — rostos que Sofia

sempre teve um pouco de medo na infância, mas que agora sabia o nome de todos. Sua casa de infância nunca esteve tão... ela mesma.

Sofia suspirou e foi até os fundos da casa quando ouviu o som de água corrente (a mãe devia estar lavando roupa) e parou no meio do caminho quando ouviu um berro estrondoso:

— *DECIDA SE VAI EMBORA OU FICA COMIGO!*

Ela pulou para trás, longe do som, e gritou quando viu que havia um papagaio no chão que caminhava em sua direção.

— Puta que pariu! — recuou para longe do pássaro.

— *DECIHIDA!* — ele repetiu, cantando.

— O que aconteceu?! — sua mãe entrou gritando na cozinha, mãos molhadas e testa suada. Ela observou a cena e gargalhou. — Ah, você chegou.

— Mãe — disse, sem fôlego, e apontou para o papagaio que a encarava cheio de curiosidade. Como ele tinha tanta personalidade com aqueles olhos tão pequenos? — A senhora esqueceu de me avisar sobre... *ele*.

— Desculpa, meu amor.

Isis se agachou e estendeu o dedo. O papagaio deu dois passinhos na direção dela e subiu sem esforço. Depois, foi levado ao ombro da mãe. Suas penas tinham um verde vibrante e amarelado perto dos olhos.

— Este é o Zezo, eu o adotei semana passada e esqueci de te avisar por causa da mudança e tudo mais.

Isis, apesar de ter a aparência cansada ainda sendo nove horas da manhã, estava radiante. Sofia era sua cópia: mesma pele branca, cabelo castanho e pouco ondulado, além dos olhos da mesma cor. Sofia sempre considerou que as características mais marcantes de sua mãe eram os olhos grandes e sobrelhas grossas, além de algumas sardas no rosto e a risada melodiosa. Isis tinha energia, era curiosa e falante também.

Outra coisa que amava demais sobre ser parecida com a Isis: depois de Sofia começar a transição, aos doze anos, elas ficaram ainda mais similares, do jeito que sempre sonhou.

A mãe só era mais baixinha, mas tudo bem.

Sofia ainda estava sem fôlego olhando para o novo membro da família.

— Ok...

— *Bom dia* — o papagaio disse.

Sofia quase caiu para trás.

— Ele me dá medo.

— Mas não precisa. — a mãe sorriu e fez sons de beijos ao papagaio. — Sua prima o adora. Está tentando ensinar ele a cantar uma música da Adele.

— Sei. Deixa eu adivinhar, a senhora colocou o nome dele de Zezo porque...

— Ele adora o Zezo, *né*, meu amor?

— *Né, meu amor* — repetiu.

Sofia piscou duas vezes, tentando processar aquilo tudo. Sua mãe abriu os braços.

— Que saudade, filha, como foi a viagem?

— Foi ótima, mas estou com sono — limpou a garganta. — Que tal eu te abraçar sem ele no seu ombro?

Isis assentiu e saiu para o quintal para deixar Zezo onde ele supostamente ficava. Enquanto isso, Sofia só conseguia pensar no quão maluco seria voltar a morar naquela casa, ainda mais na cidade. A ficha começava a cair e tudo isso por causa de um papagaio.

Sua mãe retornou e a puxou para um abraço super apertado e familiar. Ela tinha cheiro de água e sabão em pó.

— A senhora tá lavando roupa na mão?

— Minha máquina quebrou há um mês.

— Mãe... — bufou e revirou os olhos. Afastou o abraço para pegar o celular e deixar uma nota para si mesma no aplica-

tivo de lembretes: trazer a maior quantidade de móveis possíveis *URGENTE!!!* — Por que a senhora não me diz essas coisas? Pagaio? Máquina? Precisa de alguém pra consertar um buraco no chão também? — retrucou conforme digitava furiosamente.

— Porque eu não quis te incomodar. Tem tanta coisa acontecendo na sua vida agora...

Sofia teve vontade de rir.

— Sorte a sua que agora é o momento menos caótico da minha vida.

Isis pôs a mão na cintura e seguiu para a mesa da cozinha.

— Vamos tomar café, depois você pode dormir. Sua cara tá péssima. — Isis dispôs louça para a filha se aprontar à vontade: jarra de café, pratos, colheres, queijo e presunto e muito mais, como se Sofia comesse por três. — Comprei conjuntos de cama novos pra você e o quarto está arrumado e cheiroso.

— Não precisa cuidar de mim — começou a dizer, mas Isis a empurrou pelos ombros a fim de deixar a filha sentada na cadeira de madeira. — Mãe.

— Você se divorciou — falou, explicando tudo. Sofia estava prestes a responder um “não me diga”, quando Isis piscou e começou a listar nos dedos: — Na verdade, você fez muitas coisas nos últimos oito anos e eu não estive presente tanto assim. Faculdade, formatura, casamento, casa nova, divórcio, e sei lá o quê mais. Seu coração está partido e eu sou sua mãe. Vou cuidar de você.

— Na verdade meu coração está mais pra “puto de raiva” do que triste, mas se a senhora diz...

— Sofia Azevedo! — repreendeu.

A filha tomou um susto e começou a comer.

Ela precisava daquilo. Podia ser apenas um pão com café que já estava ótimo, mas para ser sincera, era bom estar na presença da mãe por muito tempo e ser cuidada por ela após

passar tanto tempo sozinha em um apartamento minúsculo e temporário onde, no final do mês, o único rastro de comida era uma camisinha com aroma de bacon guardada na gaveta (sério).

Quando se divorciou de Mathias, ela não quis ficar mais um segundo perto dele e alugou o primeiro lugar que encontrou. Pegou alguns móveis e, enquanto toda a papelada bruta era resolvida, ficou por lá. Conseguiu poucos trabalhos de arquiteta aqui e ali, bons o bastante para pagar as contas e a advogada.

Quando percebeu estar exausta de tudo – tudo mesmo –, decidiu ir embora e começar do zero.

No início pareceu uma ideia genial. Ela estava cansada de chorar o dia todo, ligar para sua mãe no meio da noite e dormir apenas por quatro horas seguidas. Isis não parava de implorar para que a filha voltasse para casa a fim de descansar e respirar fundo.

Agora, Sofia tinha *medo*. Não ter nenhum objetivo parecia assustador.

Mas ela precisava de apoio emocional.

E precisava economizar dinheiro.

E ter comida boa também não seria nada mau.

— Tia! — alguém abriu a porta da sala e exclamou. Sofia arregalou os olhos e quase se engasgou com um pedaço de cuscuz ao reconhecer a voz. — Prima! Achei mesmo que você tinha chegado pelo horário, aí vi um carro horroroso estacionado lá fora e tive certeza.

— Vai se foder — Sofia riu e abraçou Nanda.

Sua prima tinha dezessete anos, era mais baixa, branca e tinha o cabelo escuro e liso. Sofia sabia que em algum momento ela apareceria, porque Fernanda passava mais tempo na casa de Isis do que na própria, visto que sua mãe era enfermeira e trabalhava em plantões muito longos e mal tinha tempo de cuidar dela.

— Sem xingamentos nessa casa — Isis disse de modo arrastado e bebericou seu café.

— *Vai se foder* — Zezo repetiu do quintal.

— Viu só?

— Esse bicho me dá medo — Nanda confidenciou e a prima assentiu. — E aí, vamos explorar a cidade?

— Que tal deixar pra explorar quando você entrar de férias? — Isis repreendeu, e Sofia recordou que era quase fim do primeiro semestre da escola de Nanda. Caramba, o tempo passava rápido para cacete. — Você tem provas, ensaios da festa junina e simulados pra o ENEM. Eu sei do seu calendário todo, nem tenta me enganar.

Nanda estalou a língua.

— Ok, vamos deixar pra outra hora. Depois do café, eu te ajudo com as malas.

Sofia sorriu para ela, já feliz por estar na sua presença de novo. Aquela família era repleta de mulheres agitadas e esponsâneas. Mesmo que Sofia conhecesse a cidade com a palma da mão, ficou animada para andar por aí com a prima e para entrar novamente na rotina daquela casa.

As três se sentaram para comer e bater papo. Sofia sentia sono e cansaço nas pernas de tanto dirigir, mas pelo menos pôde respirar fundo e não pensar em todas as coisas que deixou para trás.

Foi um alívio.

Capítulo 2

Retorno a um antigo lar

Apesar de ser uma pessoa boa demais para ser verdade, José Alberto não permaneceu muito tempo no mundo.

Ele fumou desde a infância e só parou aos vinte e quatro anos, quando seu filho Leonardo nasceu. Então, com os problemas respiratórios que só pioraram depois da pandemia, seus pulmões não aguentaram.

Foi uma tristeza sem fim e seu filho evitava pensar nisso. Era impossível ficar para baixo quando se pensava em José, alguém tão feliz, extrovertido e gentil. A dor assolava, sim, o peito de Léo, mais pela saudade do que qualquer outra coisa.

Era uma noite fria quando passou pelo portal de entrada da cidade de Pedro II, então ele sentiu calafrios até estacionar na frente da antiga lanchonete do pai. Os postes da rua iluminavam bem a rua deserta e Leonardo não sentiu medo, só algo tão estranho e novo que nem sabia descrever.

Cerrou os olhos azuis e encarou a placa velha do prédio que dizia “Cantinho do Zé”. As paredes tinham a tinta desgastada, e não havia sequer sinal de que a construção estava à venda (porque não estava. José deixou o estabelecimento para o filho).

Um estabelecimento velho, aos pedaços, que fora fechado durante a quarentena e nunca mais abriu.

Léo suspirou e saiu do carro, já pegando as chaves necessárias. O térreo do prédio era a lanchonete clássica e sim-

ples que agora tinha móveis amontoados, panos cobrindo tudo e poeira por cima, além de teias de aranha, goteiras e rachaduras. As luzes não funcionavam, e ele teve de iluminar o caminho com a lanterna do celular, apesar de conhecer cada cantinho dali.

Subiu as escadas para o apartamento em cima, o último e único andar. Pelo menos estava bem cuidado, visto que José continuou a morar ali até mais ou menos um ano e meio, quando faleceu. Quando o pai adoeceu, Léo foi para a cidade e, depois de seu falecimento, ficou mais um pouco para resolver toda a papelada de certidões de óbito, banco, funerária e tudo mais. Honestamente, não lembrava muito bem desses detalhes, como se seu cérebro tivesse deixado uma cortina translúcida por cima das memórias dolorosas.

Na época, tudo o que Léo queria era ir embora, porque cada canto daquele lugar o lembrava de sua infância e das férias que tivera com o pai. Seu cheiro, suas roupas, tudo mesmo. Voltou para a capital e continuou a morar com a mãe até ter coragem o bastante para pegar a lanchonete e decidir o próximo passo.

Qual seria? Léo ainda não tinha certeza.

Só sabia que não sairia dali enquanto não desse vida e cor ao lugar de novo. Uma última vez, pelo seu pai.

Conseguiu acender uma lâmpada que ainda funcionava e olhou ao redor. Era um apartamento espaçoso e havia sujeira no chão, mas nada insuportável. Ele poderia dormir ali sem ter uma crise alérgica.

Seu celular vibrou na mão e Léo deu um puxão leve no cabelo escuro e liso. Tinha poucos contatos e só duas conversas importavam mais no momento:

Mãe: Você chegou?

Mãe: Oi

Mãe: Oi!!!

Mãe: Me liga quando chegar

As mensagens tinham um intervalo de um minuto cada. Depois, ele passou para o grupo de mensagens com seus dois melhores amigos:

Alvin e os Esquilos

Ben: de acordo com o meu cronômetro você já deve ter chegado @Léo

Nic: avisa quando chegar pfv

Nic: tô com sono e só vou dormir quando souber que vc tá bem

Ben: são 20h da noite...

Nic: sono de beleza

Ele deu um sorrisinho e digitou uma mensagem simples no grupo avisando sobre a chegada. Logo depois, ligou para a mãe e sentiu o coração martelar depressa. Não gostava de ligações, ou de falar muito no geral, em especial com Charlotte, porque ela sempre foi um pouco controladora demais.

— Oi, mãe — disse, com a voz rouca. Andou devagar pela sala, tentando fazer o sangue circular pelo corpo depois de tanto tempo no carro.

— Tudo bem aí?

— Sim, normal — Léo tomou fôlego. — Estou bem cansado, posso falar com a senhora amanhã?

— Pode. Que bom que chegou bem, eu só queria dizer que se quiser desistir dessa ideia, *o que deveria fazer* — acrescentou, de modo bem enfático, fazendo Léo revirar os olhos — pode voltar pra Teresina e resolvemos o que fazer com a lanchonete. O que você quiser.

Charlotte detestava ter o filho longe. Queria saber cada passo seu, mesmo se tivesse que ajudá-lo com todos os assuntos que envolvessem o ex-marido.

— Não vou desistir — garantiu e coçou a barba por fazer.

— Não gosto que fique aí sozinho. São muitas memórias.

Leonardo ficou em silêncio por um segundo, refletindo. O olho bateu justo na poltrona da sala onde José costumava sentar para assistir qualquer jogo de futebol passando na TV ou programas de culinária. Como num flash, o filho quase conseguiu visualizá-lo ali.

— É por isso mesmo que vim — concluiu.

Para reconectar-se com o pai.

Aproveitar o tempo que tinha.

— Se está dizendo...

Leonardo engoliu seco e fez menção de tocar a poltrona, mas logo ali no canto havia o piano de madeira antigo, fechado e coberto por um pano. Ao mesmo tempo que teve vontade de abrir e ouvir cada nota, sentiu um choque percorrer as terminações nervosas e recuou.

— Vou ficar bem, mãe. Ligo pra senhora depois, tá? Vou tirar as coisas do carro e dormir — Léo umedeceu os lábios. — Amanhã o trabalho começa pra valer.

Charlotte fez um som com a garganta que indicava insatisfação pura.

— Certo. Boa noite.

— Boa noite.

Desligou antes que a mãe pudesse contradizer mais uma vez, então tratou de descer as escadas e pegar os poucos pertences que fariam diferença: suas roupas, o violino, o baixo, o violão e os equipamentos de música em geral.

O resto? Leonardo cuidaria disso depois.

Amanhã, reforçou a si mesmo. Amanhã é um novo dia.

— Vou deixar o senhor orgulhoso, pai — murmurou.

Capítulo 3

Fuscas laranjas podem ser letais

O rádio do Fusca de Sofia tocava *Take it Easy*, do Eagles, conforme ela dirigia devagar pela cidade e cantarolava baixinho, balançando a cabeça no ritmo da música.

Era uma manhã comum de segunda-feira e o Sol às dez horas começava a esquentar. Após passar um dia se deixando ser mimada por Isis e de assistir metade de um dorama, Sofia decidiu que era hora de levantar a bunda do sofá e traçar um plano. Para a sua sorte, ela sempre foi uma pessoa boa em planejamento e organização:

- Arranjar um emprego (que não sugue a minha alma e todas as minhas esperanças);
- Trabalhar (óbvio);
- Usar metade do dinheiro para pagar as contas e guardar a outra metade na poupança;
- Juntar dinheiro mesmo;
- Morar sozinha (algum dia).

Dava para ver que era bem vago. Ela não tinha a menor ideia do que fazer, do quanto iria ganhar, muito menos quanto tempo ficaria na cidade-natal.

Não que odiasse Pedro II. Ela apenas sentia falta da energia agitada da capital a qual se acostumou durante muito tempo. Além do mais, não tinha ideia se seria fácil conseguir algum trabalho na área de arquitetura.

Sofia suspirou e vagou com seu carro devagar pela rua. Chegou perto da Praça da Bonelle, repleta de construções antigas e sempre coloridas que tanto amava. As lojas que vendiam peças de Opala estavam abertas, bem como os bares e as lanchonetes. Pessoas praticavam exercícios físicos na praça e crianças pequenas brincavam. Decidiu avançar um pouco mais quando percebeu que não possuía o que procurar, porque embora já tivesse um destino era melhor ter várias opções.

Bem ali naquela praça ocorria o Festival de Inverno e era um pouquinho longe da sua casa.

Foi entrando em outra direção conhecida, onde havia mais moradias do que lojas. As casas eram pequenininhas como tocas de *hobbits*; seu carro fazia mais barulho do que o normal devido à rua de pedras e, se erguesse um pouco a cabeça, poderia avistar a torre da igreja azul da praça Domingos Mourão Filho.

Encontrou um lugar bom para estacionar, apesar de estar duas ruas distantes da primeira construtora que apareceu quando fez sua pesquisa no Google Maps.

Então, algo lhe chamou atenção.

Primeiro, havia um carro grande e muito chique estacionado na frente da antiga lanchonete do Sr. Zé. Era tão chique que Sofia nem reconhecia a logomarca daquele veículo. Perto dele, o Fusca parecia um inseto. A vaga estava bem atrás do carrão. Sofia foi um pouquinho para frente a fim de fazer a baliza e lutar contra a direção pesada do Fusca.

Segundo, ela viu um movimento de dentro da lanchonete. Foi rápido, mas o bastante para assustá-la.

Tudo foi tão rápido que ela nem sabia exatamente o que aconteceu.

A música do Eagles tocava no volume máximo. Fazia calor. Seu carro era uma bosta e não tinha direção hidráulica.

Tudo.

Tudo aconteceu.

Quando Sofia deu por si, ela sentiu e ouviu quando o espelho retrovisor passou encostando numa linha reta e fina na pintura do carrão.

Sofia freou o mais depressa que pôde. Todos os seus sentidos pararam de funcionar por um milésimo de segundo. Quis chorar e gritar ao mesmo tempo, o corpo inteiro ficou gelado como se o sangue tivesse se esvaído de uma vez.

Ela soltou uma exclamação e cobriu a boca. Não sabia como, mas conseguiu estacionar o carro, apesar de todos os músculos tremerem. Saiu do veículo e foi dar uma olhada no estrago.

— Puta. Que. Pariu. — foi tudo o que conseguiu exprimir. O carro afetado tinha uma linha reta que percorria quase toda a lateral. O coração de Sofia batia depressa demais e ela ganhou um novo medo naquele momento: *dirigir*.

Qual seria o custo de consertar aquele estrago? Ela não fazia a menor ideia.

Estremeceu. O veículo só podia ser da pessoa que estacionou bem na frente da lanchonete, alguém desconhecido.

Sofia engoliu seco e tentou controlar a respiração. Tinha quase certeza de que seus passos eram lentos e as pernas viraram macarrão de tão bambas. Quem visse de longe achava que ela precisava muito fazer xixi.

— Ok, ok, ok, ok... — repetia sem parar pra si mesma. Olhou para dentro da lanchonete de novo, mas o vidro era meio sujo, assim como seu interior. Não havia ninguém à vista. Será que ela inventou a visão o tempo todo ou foi realmente o Sr. José que veio lhe dar um susto? — Não é engraçado, Zé — bufou e olhou pra cima de modo rápido antes de abrir a porta.

Então havia mesmo alguém ali. A porta destrancada fez um som ruidoso de ferrugem e o antigo sino que anunciava a entrada de clientes soou.

Sofia entrou, um passo de cada vez, evitando matar uma barata que corria desesperada entre as antigas mesas. A boa

notícia era que uma das janelas laterais estava aberta, assim o ambiente não ficava tão abafado.

— Olá — chamou alto e cerrou os olhos para os materiais de construção dispostos perto do balcão: estruturas de metal, sacos de cimento, um carrinho de mão e mais. Será que um milionário comprou a lanchonete para construir um supermercado em cima? — Oi! — chamou de novo, dessa vez cantarolando, nervosa.

Sentiu o movimento dos fundos da lanchonete, então, virou o corpo de abrupto, já que todos os sentidos estavam à flor da pele.

A visão foi de surpresa e alívio.

— Sofia?

Ela abriu a boca seca e balbuciou alguma coisa confusa até algo como:

— Léo.

O homem pousou um saco de cimento no chão e tirou seus fones de ouvido. Sofia parou de respirar ao observá-lo. Continuava o mesmo de sempre: pele branca que precisava muito de um bronzado, cabelo escuro e liso, meio bagunçado e olhos azuis encantadores. Quando criança, Sofia costumava achar que ele era um príncipe.

Mas Leonardo mudou um pouco. Precisava aparar a barba, parecia magro demais e as bolsas escuras de olheiras denunciavam as noites mal dormidas.

Apesar de tudo, ele deu um sorrisinho de canto para ela.

— Caramba, você tá linda.

Sempre aquela voz doce e grave. Sofia engasgou.

— ... Mas tá parecendo que viu um fantasma — continuou ele, agora franzindo o cenho. — Aconteceu alguma coisa? Você tá bem?

Eles permaneceram distantes, em cantos opostos da lanchonete. Sofia desviou o olhar para o chão, depois o teto,

até parar em Léo mais uma vez e sua camiseta branca *oversized* da banda Radiohead.

Tinha tantas perguntas para ele, mas a principal era o que quase a fazia chorar agora:

— O carro lá fora é seu? — conseguiu dizer.

— O *Rolls Royce*?

— O *o quê*? — riu de tão nervosa.

— É... a marca do carro — falou, arrastado, porque só assim Sofia entenderia. — Um cinza.

— Você inventou esses nomes agora.

— Não — riu em resposta. — O que tem ele?

— Eu... Acabei de arranhar a sua pintura.

Leonardo piscou.

— Me desculpa! Eu estava andando bem devagar, aí me distraí quando dei a ré e quando vi já tinha acontecido. — Sofia fechou os olhos num aperto bem forte e falou sem parar, porque não tinha coragem de encarar seu velho amigo de infância quando acabara de fazer merda com o veículo dele. — Vou ajudar a pagar o conserto, eu juro. Quer dizer, eu nem tenho dinheiro agora e estava justamente procurando algum lugar pra trabalhar, tipo, minha conta deve ter uns vinte reais e treze centavos, então eu tô bem fodida e...

— Sofia...

— ...eu vou dar um jeito assim que possível, não sei, você me diz o seu *pix* e a gente vai conversando. Você ainda tem meu Instagram? Eu troco meu número contigo se preferir...

— Sofia! — enfatizou e a segurou pelos ombros.

Ela abriu os olhos de abrupto. Agora, Léo estava tão perto que ela conseguia sentir o seu cheiro de perfume misturado ao suor. As mãos dele não a largaram e Sofia quase estremeceu graças à cor de seus olhos.

— Tá tudo bem, eu dou uma olhada no carro depois, ok? Ele é minha última preocupação agora — examinou seu rosto. — Vou pegar um copo de água pra você.

Sofia engoliu seco e assentiu, aliviada. O homem se desvencilhou e foi até os fundos, na cozinha.

— Eu vou pagar tudo!

— Não precisa! — Léo respondeu.

Ela mordeu o lábio com força e agradeceu ao universo, porque estava desesperada pra caralho. Tinha mesmo de ser uma sortuda por isso.

— Respira — Léo falou e pousou um copo com água gelada no balcão. Sofia sentou em um dos banquinhos antigos, que chiou. — O lugar tá uma bagunça, desculpa.

— Tudo bem.

Ela bebeu a água, ainda sentindo a tremedeira. Leonardo a observava do outro lado cheio de curiosidade. Sofia devia estar um desastre, olhando de longe, e é porque ela tentou se manter apresentável para uma possível entrevista de emprego.

Terminou de beber e afastou o copo. Os dois se encararam em silêncio por tempo o bastante para haver uma comunicação telepática e, enfim, puderam absorver toda a cena.

Ela não via Leonardo há cerca de dois anos. Foi logo antes de José falecer e de modo breve, quando ela passava suas férias de fim de ano na cidade e acabou por conciliar com as dele. Deve ter sido na feira, em meio às barracas de alface. Foi um aceno breve e educado, assim como os encontros anteriores desde que Sofia foi embora de vez para Teresina.

Engraçado, ela pensou. Ela e Léo moraram na capital ao mesmo tempo e nunca se toparam por lá. Exceto agora.

— Quando você chegou? — perguntou ele.

— Ontem de manhã.

Suas sobranceiras se ergueram um pouco.

— Cheguei ontem à noite.

Aquilo a fez sorrir.

— Quais são as chances de chegarmos na cidade no mesmo dia?

— Né?

Ela umedeceu os lábios. Ao mesmo tempo que estava nervosa de estar na presença dele, alguém que não conhecia tão bem quando entraram na vida adulta, também foi como se o tempo não tivesse passado.

Sofia não estava mais nervosa.

— E a banda? — perguntou, com um sorrisinho de canto. Léo fez uma expressão engraçada.

— O Nicolas passou meses viajando com a namorada e agora estão trabalhando de novo, sei lá, eu não entendo de TV. O Ben escreveu um livro e compôs quase quarenta músicas inspiradas na namorada dele, que também é escritora. — Léo coçou a nuca e deu de ombros. — É uma longa história.

Sofia queria dizer que já sabia daquilo tudo. Acompanhava os meninos nas redes sociais, mas também eram seus amigos.

— Mas vamos continuar a produzir algumas músicas que talvez virem um álbum.

— Que legal.

— Resumindo, estão ótimos. Preocupados comigo.

Sofia ergueu a sobrancelha.

— Por que se preocupar?

Léo indicou a lanchonete.

— Vim pra cá sozinho e sem data pra voltar.

Ela respirou fundo. Tudo o que tinha para dizer já fora expressado quando José faleceu. Sofia não foi ao velório ou ao enterro porque tudo aconteceu muito depressa ali em Pedro II e ela nem tinha dinheiro ou saúde mental para lidar com a tristeza, uma crise no trabalho e no casamento. Falou com Léo por mensagem algumas vezes, mas nada que evoluísse para uma conversa e isso só a fez se sentir péssima. Durante uma de suas passagens pela cidade pôde visitá-lo no cemitério, ao menos.

Sentia falta de Zé. Ele sempre foi uma pessoa boa, compreensível, que adorava conversar com todo mundo sobre

qualquer coisa. Quando Sofia começou a transição, ele logo se acostumou a tratá-la como uma menina. Se ela brincava na praça com Leonardo e os meninos, Zé oferecia suco de maracujá bem geladinho e biscoito para todos e, logo depois, as crianças riam sem parar, sentadas na mesa perto da enorme janela de vidro, observando tudo ao redor.

Além disso, Zé era o maior fã da banda Aura. Sofia lembrava de toda a arrumação que ele fizera na garagem apenas para deixá-los tocar em paz: colocou abafadores nas paredes, comprou amplificadores e microfones, e o resto era trazido de Teresina pelos garotos. A casa virava uma colônia de férias quando Leonardo, Benjamin e Nicolas chegavam no finalzinho de junho, cheios de instrumentos e ideias.

Sofia sentia inveja daquela proximidade que os amigos tinham o ano inteiro na capital e vivia implorando para Isis deixá-la dormir ali algumas noites, apenas para se divertir junto enquanto havia tempo. Ela nunca soube tocar ou cantar nada, só gostava de ouvir e ajudar.

Então, o tempo passou, os meninos postaram covers no YouTube e ficaram famosos. Então, quando Leonardo tinha quatorze anos, ficou mais difícil para voltar, com tantos shows, entrevistas e participações na TV.

Sofia ficou na cidade até os dezoito anos, e cerca de um ano depois a Aura acabou. Ninguém nunca mais retornou para a cidade a fim de gravar músicas e se divertir.

Leonardo fingiu uma tosse e acabou interrompendo os pensamentos tão vívidos de Sofia:

- Como está o seu...?
- Ex-marido? Espero que bem mal.
- *Ex*? Caramba, eu sinto muito.

Leonardo se mostrou surpreso de verdade, os olhos azuis ficaram enormes e bem redondos, expressando seu choque. Ambos procuraram a aliança no dedo de Sofia e não encontraram.

Ela deu de ombros. Era assunto para depois. Conhecendo seu amigo ele tinha milhares de perguntas apesar de não expressar nenhuma delas, e Sofia não estava com ânimo para explicar toda a linha do tempo que começava com ela conhecendo Mathias até terminar de vez com ele porque foi um grande babaca insensível.

— Então voltou pra cidade sozinho — começou ela — pra dar um jeito nesse lugar. Vai vender ou ficar de vez?

— Ainda não tenho certeza. O papai queria dar um jeito aqui, mas como ficou doente isso foi impossível. Era um desejo dele trazer a vida pra cá de novo e é isso que vou fazer.

Sofia fez um bico. No teto, haviam fios soltos onde deveriam estar as lâmpadas.

— Então vai dar trabalho, ein...

— Não tô com pressa — Léo engoliu seco. — Na verdade, tô animado. Finalmente alguma coisa pra fazer e ainda ficar longe da minha mãe.

Aquilo fez Sofia rir.

— Ela deve estar uma fera.

— Você não tem ideia. — apertou os olhos, provavelmente pensando nas provocações da mãe, que mais parecia uma duquesa do que uma pessoa de verdade.

Sofia tamborilou os dedos na bancada e suspirou. Não era nem meio-dia e sua cabeça já girava sem parar, e ainda tinha muito o que fazer. Fez força para sair do banco e ir embora, mas Léo perguntou:

— Você disse que tá procurando um emprego?

Uma ideia estúpida passou por sua cabeça, mas ela não podia fazer isso.

Não. Aí seria demais.

— Pois é, vou continuar procurando em algumas construtoras aqui perto.

Havia um limite na amizade deles, que nem se podia chamar de amizade porque Sofia mal o conhecia *agora*. Co-

nhecia o Léo criança, que gostava de subir em árvores e colocar sal e gelo na mão pra ver quanto tempo aguentaria a dor. Não conhecia o Leonardo depois da Aura, que morava com a mãe em Teresina e assistia aulas de música clássica.

Se pedisse um emprego a Léo se sentiria péssima. Sabia que ele poderia fazer isso. Charlotte tinha dinheiro e ele tinha dinheiro também, claro, graças à Aura ser uma das maiores bandas dos últimos tempos.

Ela ultrapassou o pior dos limites quando riscou o tal do *Rolls Royce* e não pagou nada por isso.

— Eu já vou, preciso ajudar a mamãe lá em casa. — falou e saiu do banco com pressa.

— Espera! — Léo a chamou e contornou o balcão. Antes que Sofia pudesse ir embora, ele a segurou pelo ombro de novo, dessa vez com mais delicadeza. — Não some, tá? Eu senti sua falta.

Tão sincero desde sempre.

A expressão de Sofia se suavizou. Ela tomou fôlego antes de ir embora.

— Também senti sua falta.

Alvin e os Esquilos

Léo: Comprei alguns materiais de construção hoje mais cedo e tombei com a Sofia

Léo: na verdade, ela que tombou comigo

Ben: nooossa que saudades, como ela tá?

Léo: acho que bem, tava meio estranha com algo que aconteceu

Léo: não sei qual palavra usar

Ben: aturdida, atônita

Léo: é.

Léo: vcs sabiam que ela se divorciou?

Léo: a gente não conversou muito, mas deu a entender que ela voltou pra cidade pra recomeçar

Nic: Léo, seu safadinho...

Nic: ela acabou de chegar e já tá jogando essa informação

Léo: eu não disse nada!!!

Ben: caramba, eu não sabia do divórcio

Nic: ela se casou bem cedo, não foi? Coisa rápida. A gente ainda tava na faculdade

Léo: foi, sim

Nic: ela tá na cidade, você tá na cidade...

Nic: os dois solteiros

Ben: que romântico

Léo: nossa, eu odeio vocês

Léo: a gente literalmente chegou há menos
de 48 horas com objetivos diferentes

Ben: 😊

Léo: tchau

Nic: vai atualizando a gente, seu chato

Nic: e assim que possível, envie gravações do baixo da
faixa #6

Léo: 👍

Ben: meu Deus, ele parece um idoso digitando

Capítulo 4

Bem-vindo de volta! Essa família é meio doida

No primeiro dia da reforma, Léo arrumou tudo o que pôde da parte elétrica, tanto da lanchonete quanto do apartamento. Comprou alguns materiais e começou a pensar no passo a passo da coisa, porque nunca fizera algo assim sozinho. Quando deu por si, já havia anoitecido e ele fez um jantar rápido, tomou banho e dormiu cedo.

Acordou às cinco da manhã.

Esfregou bem os olhos e saiu da cama com uma disposição leve. Costumava fazer tudo na preguiça ao acordar, mas continuava. Quando seu pai morreu e ele frequentou a terapia, uma das recomendações foi criar uma rotina e se manter ativo de algum modo, e Leonardo descobriu que era muito bom para espairecer ou organizar os pensamentos.

Por isso, há cerca de um ano, ele acordava cedo e ia correr.

Aquela era a primeira vez que corria na cidade-natal, e não sabia do movimento das ruas, se outras pessoas faziam o mesmo, ou quais os melhores percursos. Descobriria tudo hoje, e ignorava o salto de ansiedade que o coração dava. Tinham tantas coisas desconhecidas agora, mas ele não podia ter medo de tentar.

Amarrou seus tênis, colocou os fones de ouvido e o relógio, e saiu meia hora depois de acordar, como sempre.

Começava com uma caminhada e alternava com uma corrida, equilibrando bem as duas coisas. Quando o corpo começava a suar e a sensação de queimação aumentava, significava que poderia acelerar mais.

Não demorou nem dez minutos para ficar ofegante e interromper os passos.

— Merda — chiou e se apoiou nos joelhos.

Pedro II era localizada em uma *serra*. Respirar se tornava mais difícil, naturalmente.

Leonardo respirou fundo e ignorou a dor nas pernas. Decidiu pegar leve desta vez. Continuou por mais um quilômetro, sempre permanecendo em um raio próximo de sua casa e da praça. Até cumprimentou algumas pessoas conhecidas, antigos amigos de seu pai, porém, não ficou parado.

— O garoto estrela voltou! — um senhor de idade, dono de um bar, o viu quando limpava a rua e cumprimentou Leonardo com um aceno breve.

Teve tempo o bastante para relaxar a mente e despertar o corpo. A vontade e o ânimo de reformar a lanchonete aumentaram, então Léo olhou no relógio: passou-se uma hora.

Desacelerou um pouco mais e quando deu por si passava no bairro da casa de Sofia. Ali, as residências eram baixinhas, com garagens expostas e protegidas por grades. Tudo era colorido e cheio de plantas bonitas, além das árvores altas que faziam sombras e deixavam o ar mais fresco do que já era.

Léo procurou com atenção a casa da antiga amiga de infância e a encontrou no mesmo segundo. Não lembrava do seu interior, só um pouco do quarto e da sala, porque era onde costumavam brincar e assistir televisão, isso se não estivessem na praça ou na lanchonete.

Para a sua surpresa, a mãe de Sofia limpava o esgoto na frente da casa. A mulher baixinha pressentiu seu movimento e parou o que fazia com a vassoura.

Leonardo conteve a risada. Isis colocou a mão na cintura e cerrou os olhos para vê-lo com atenção.

— Não acredito — ela tomou ar. — Léo! É você, meu filho?

— Oi, dona Isis. — sorriu de canto e caminhou até ela.

A senhora o puxou para um abraço apertado mesmo que Léo insistisse em estar suado demais. Ela beijou suas bochechas e as apertou, visando-o com atenção.

— Como você tá bonito, rapaz. A Sofia me falou ontem, mas não acreditei. Vai reformar a lanchonete do Zé?

— É o que eu pretendo, sim.

— Pode contar comigo pra qualquer coisa. Aquele lugar merece voltar a funcionar — Isis deu batidinhas em seu ombro. — Vem, entra pra tomar café. Você tá bonito, mas tá muito magrinho.

— Na verdade, eu... — Léo indicou a rua e Isis ignorou.

— Que é isso... entra logo, tem comida de sobra e aposto que nem comeu ainda. tá cedo.

Léo não teve nem tempo de suspirar, porque a mulher sempre foi insistente. Isis era aquele tipo de mãe que tinha os dedos fortes, sabia como gritar e persuadir bem, tanto que até dava medo.

Ela o puxou pela manga da camiseta e ele não teve escolha além de tirar os fones de ouvido e entrar na casa.

— Nossa, a casa tá bem bonita — observou, impressionado, conforme se lembrava de tudo.

— Obrigada.

Ele seguiu para a cozinha habitual e logo as memórias foram voltando. Isis costumava fazer picolés caseiros e deixá-los no congelador, assim todas as crianças entravam em disparada na cozinha, com os pés descalços e sujos, para comer os doces. Ela ficava uma fera.

Isis serviu café com bolo caseiro, suco e pão com manteiga. Léo não sabia o que fazer primeiro, porque a mulher fa-

zia diversas perguntas sobre a reforma da casa e sua saúde. A típica conversa de alguém interessado e preocupado, mas Léo sempre foi uma pessoa meio lenta para as coisas e por isso gaguejou em todas as respostas.

— Já tá na hora — Isis olhou o relógio de parede. — Vou acordar a Sofia, porque se não depender de mim, já sabe, né? SOFIA! — gritou conforme saía da cozinha.

Léo arregalou os olhos e, bem devagar, colocou uma colherzinha de açúcar no café. Ouviu alguma discussão vinda do quarto de Sofia e logo depois ouviu mais alguém na casa.

— *Bom dia!* — disse a voz esganiçada.

Ele procurou ao redor, então olhou para baixo e viu.

— Um papagaio! — exclamou, feliz. — Bom dia.

— *Bom dia!*

— Bom dia!

Ele só sabia repetir isso?

— *Bolo!* — berrou e estalou a língua.

Leonardo começou a rir e estendeu o dedo para ele.

— Sobe aqui, você quer bolo?

Ele ouviu a conversa paralela entre Sofia e Isis do corredor, as vozes aumentando a cada segundo:

— Mãe, tá de madrugada ainda, pelo amor de Deus.

— São sete da manhã, minha filha, se quiser algum rumo na vida tem que levantar. As pessoas vão ficar por aí te chamando de desempregada e sem futuro.

— Hum, eu tô desempregada. Não é uma ofensa, não.

— Mas eu não sou obrigada a ouvir.

— *Aff*, odeio seus vizinhos.

— Nossos vizinhos.

Sofia parou na entrada da cozinha e fechou a boca. A visão foi hilária: Leonardo comia um pedaço de bolo salgado lentamente enquanto o papagaio assistia tudo, pousado em seu ombro, movendo a cabeça devagar e estalando a língua.

— Bom dia — Sofia murmurou e seu rosto ficou vermelho de vergonha.

Léo engoliu o bolo e reparou nela e sua camisola com a estampa de *My Little Pony*. Seu cabelo estava uma bagunça e os olhos inchados. Ele tentou não notar suas pernas expostas, também, mas ficou meio óbvio.

Caramba, ela estava mesmo mais bonita do que nunca. Sempre foi. No dia anterior Léo quase ficou sem palavras e isso se repetia agora. Nada foi sua imaginação.

Sofia era real. Muito real.

Os dois não souberam o que dizer, apenas sentiram vergonha.

— *Bom dia!* — o papagaio esganiçou.

Sofia riu e cruzou os braços.

— Conheceu o Zezo.

Léo umedeceu os lábios e acariciou o topo da cabeça do pássaro.

— Então esse é o nome dele. Que legal.

Ela balançou a cabeça, desacreditada.

— Por que você tá aqui à essa hora da manhã?

— Eu corro bem cedo, e aí sua mãe me viu e...

— Te prendeu.

Bem na hora Isis apareceu com um sorriso no rosto, apontando para o papagaio.

— Falei que ele é carinhoso. Sofia tem medo de chegar perto.

A filha revirou os olhos e todos sentaram à mesa. Sofia, bem distante de Léo e do papagaio, que logo ficaram confortáveis na presença um do outro. O pássaro dava dois passos para os lados vez ou outra, e nunca ameaçou morder a orelha do homem, como se eles fossem melhores amigos há anos.

Isis perguntou a Léo sobre sua mudança, se seria temporária ou não. Enquanto isso, ele olhava para Sofia vez ou outra,

ainda querendo guardar a imagem de seu eu atual na cabeça. No dia anterior ele ficou tão surpreso e feliz por vê-la que torceu para acontecer de novo. O coração havia dado um salto, cheio de alívio por falar com algum conhecido, mesmo que por alguns minutinhos.

Apesar da questão do divórcio e da mudança, Sofia estava melhor do que nunca. Tinha o tipo de semblante tranquilo e que sempre ameaçava sorrir a algum momento. Além disso, seus olhos grandes e atentos, cheios de vida.

Quando ela foi embora, Léo sentiu sua falta.

— ... Eu não trouxe muita coisa de casa. Sempre morei com a minha mãe, então está tudo em Teresina — ele explicou a Isis, que assentiu. — Trouxe meus equipamentos de música e roupas.

— Ah! — Isis exclamou e Sofia fingiu uma tosse.

— Lá vem.

— Como andam meus meninos? Sabia que tenho todos os seus DVDs?

— Sêrio?

Léo percebeu o modo que Sofia mordeu o lábio para evitar uma risada.

— Ela é a maior fã da Aura, nunca superou que vocês encerraram a banda. Mas a música favorita de todas é o *cover* de...

— *Yellow*, do Coldplay! — Isis exclamou e escondeu o rosto, como se fosse chorar. Assustado, Léo procurou Sofia com os olhos, que apenas deu de ombros. — É tão bonita.

Nossa, eles devem ter gravado aquele *cover* com quantos anos? Doze? Léo só se lembrava de gostar muito da música e de cantar um pouco junto de Benjamin, que era o vocalista principal.

— Devia cantar mais, querido, sua voz é muito bonita.

Léo ficou tímido.

— Obrigado. Eu já toco muitos instrumentos, aí não sei se seria útil em outra coisa.

— Mesmo assim, devia fazer muito mais.

Ele não soube o que responder. Léo nunca foi do tipo que criava coisas, só acompanhava. Nic, por outro lado, sempre teve o dom para a produção musical, de manter o ritmo na bateria e juntar elementos que ninguém imaginou para formar algo incrível; sem falar de Benjamin, o guitarrista, cantor e compositor, que sabia escrever e criar melodias como ninguém.

Leonardo criava sempre se baseando no que já havia de disponível. O que pediam para fazer, ele fazia, em qualquer instrumento: baixo, teclado e violino, principalmente. Tantas aulas de música serviram para alguma coisa.

— A banda deve ter sido um choque e tanto pra sua mãe, né? — Isis disse, intrigada. — Ainda lembro dela por aqui, nunca mais voltou pra cidade.

— Ela é incomodada até hoje. — Léo sorriu de canto e pegou um pouco de suco. Ao seu lado, Sofia riu também.

Charlotte e José se apaixonaram ainda bem novos. Mas ela sempre quis morar na capital e Zé era uma pessoa mais simples, que queria tomar conta da lanchonete. Pouco depois de Leonardo nascer, a mulher se divorciou e ficou com a guarda do filho.

Charlotte era advogada. Tinha uma casa grande, iluminada e cheia de móveis lustrosos, e descobriu que o filho tinha talento para aprender qualquer coisa bem rápido. Por isso, colocou Leonardo em todas as aulas de música clássica disponíveis e, querendo ou não, ele aprendeu a ler partituras e a tocar violino e piano desde cedo.

Para o seu horror, Leonardo passava as férias na casa do pai ouvindo rock. Assim que a banda começou, Charlotte odiou: seu filho, andando por aí com os amigos, tocando músicas que falavam sobre jovens rebeldes e decepções amorosas, com muito barulho, *skates*, tatuagens e todos os clichês pos-

síveis que eles se adequaram apenas porque eram elementos clássicos do *rock* e do *punk*.

Deu certo, não deu?

Léo ainda amava música mais do que tudo, assim como os amigos. Eles apenas fizeram uma longa pausa para descansar e descobrir o que queriam de suas vidas.

Nic se encontrou como apresentador de TV. Ben escrevia e até arranjou um emprego em uma livraria. Eles estavam felizes, ainda faziam música por diversão e Benjamin até lançou um EP no ano anterior.

Só Leonardo parecia o único perdido, sem rumo. Não tinha nenhum talento além da música e, sem a banda, não fazia nada de novo ou relevante – ao menos não em sua percepção.

Tentou não se apegar muito à nostalgia que Isis comentou tão entusiasmada. Para seu alívio ela falou bastante e logo mudou de assunto ao perceber o quanto ele não expressava frases curtas demais.

— Sofia contou do divórcio? Ela ficou com alguns móveis e vai me dar todos — Isis disse. Nesse meio tempo, Léo deu um pedaço de bolo para Zezo. — Preciso de uma máquina de lavar, uma TV e uma *air*... Como que diz mesmo?

— *Airfryer* — Sofia falou de boca cheia de pão.

— Essa coisa aí.

— E como foi a busca por um emprego ontem? — Léo perguntou a Sofia. Caramba, era como se Isis falasse apenas dos assuntos mais sensíveis para eles, deixando-os constrangidos. — Conseguiu alguma coisa?

Sofia bebericou do café, precisando muito daquilo antes de responder. Seu cabelo ondulado parecia um ninho e ela nem se importou de ficar assim na presença de Léo, mesmo depois de tantos anos sem qualquer intimidade. Ele também tentou ignorar o fato de estar apenas de *shorts* de academia. Não gostava muito do próprio corpo, se achava esguio demais

agora e tinha de comer, mas haviam tantas coisas mais importantes agora.

— Não. Quer dizer, até que sim, mas o salário não é dos melhores ou então a carga horária é imensa. Ontem fui atrás de quatro lugares e só dois estavam contratando, então... — deu de ombros. — Sei lá.

— Léo, arruma um emprego pra minha filha? — Isis falou de abrupto, assustando a todos, incluindo Zezo.

— Mãe! — repreendeu.

— O quê? Ele é da família!

— Típico jeitinho brasileiro de pedir favor, né? A senhora não é nada discreta. — Sofia ficou mais envergonhada e corada do que antes. — Desculpa por isso, ignora ela.

Leonardo não conseguiu se conter e riu para elas. Em seu ombro, Zezo estalava a língua e se movia agitado.

— Na verdade, eu vou mesmo precisar de uma ajudinha.

Ele tinha de admitir que era necessário. Seus conhecimentos eram meio limitados, e Léo não tinha o menor senso de decoração e estética, infelizmente, puxado de seu pai. Tudo o que entendia do assunto veio de horas e horas de aprendizagem com José quando ele o arrastava para consertar algum canto da casa e aprender com isso.

A parte bruta: cimento, tinta, tijolos, argamassa, fios e canos... Léo podia se virar.

Mas como organizar tudo? Não tinha o menor senso de direção. Se tentasse fazer isso sem auxílio demoraria o dobro do tempo necessário. Seria muito esforço e ele não queria ficar tão exausto a ponto de não aguentar fazer outras coisas pelo resto do dia. Prometeu aos amigos que os ajudaria com as gravações de músicas, mesmo em outra cidade.

— Você tá falando sério? — sua amiga murmurou.

Ele alternou o olhar entre Sofia e Isis. A mulher mais velha juntava as mãos num agradecimento aos céus.

— Claro, se você topar. — deu de ombros. — Não vou conseguir fazer isso sozinho. E não precisa ser o dia todo, também.

Sofia negou.

— Não vou deixar você me pagar um salário.

— Por que não? — Léo e Isis falaram em uníssono.

— Porque é estranho — Ela abraçou o próprio corpo. — A gente costumava comer lama e agora isso? Ah, é muita gentileza da sua parte e não posso aceitar.

— Ela *vai* aceitar — Isis chiou entredentes. — Tem muitas contas pra pagar, não é verdade?

Ele olhou bem para Sofia, que fazia aquela expressão de resistência, mas que lá no fundo queria muito aquilo.

Leonardo cedeu. Por algum motivo seu coração batia muito rápido.

— Olha, eu entendo. A gente se distanciou, por vários motivos, mas não é como se tivesse acontecido algo de ruim — disse, escolhendo bem as palavras. Ele nunca foi uma pessoa tão falante, e expressar os sentimentos ainda podia ser meio difícil. Estava aprendendo na terapia. — Mas isso vai bom. Você não vai se preocupar com dinheiro por uns dois meses e eu vou reformar a lanchonete do papai do jeito que ele sempre quis. Enquanto isso a gente pode... — engoliu seco — se conectar de novo. Eu não sei nada da sua vida e vice-versa, mas seria legal, né?

Léo respirou fundo. Caramba, essa coisa de falar era cansativa.

Ao seu lado, Isis apertou os olhos com as pontas dos dedos.

— Que coisa linda.

— A senhora é tão dramática — Sofia disse com a voz trêmula, depois mirou Leonardo com a atenção de um felino. — E... eu concordo com o que falou.

Ele sentiu um sorrisinho crescer no canto da boca.

— Então você topa?

Sofia mordeu o lábio, pensando mais um pouco. Léo, Isis e Zezo esperaram com paciência.

— Quer que eu comece hoje? Porque depois daqui já quero dormir de novo, minha noite foi péssima.

— Então é um sim? — Léo se iluminou.

— Sim.

Isis soltou uma exclamação alegre e ergueu as mãos para o céu. Zezo apregoeou um “Oba! Oba!”.

A mãe de Sofia começou a falar um monte de coisas: planos para a lanchonete, para a vida de Sofia, e não parava de agradecer a boa vontade de Leonardo. No meio disso, Zezo cantarolou e a porta da frente se abriu com Nanda, que chegou para tomar café também. Leonardo, no entanto, não se importou com a casa barulhenta, porque só conseguia olhar para Sofia e sentir-se mais tranquilo.

Eles trocaram sorrisos cúmplices, como se dissessem mais do que as palavras poderiam expressar.

— Bem-vindo de volta — sussurrou ela e inclinou o corpo um pouco pra frente. — Essa família é meio doida.

Ah, ele sabia e adorava.

— Obrigado.

Algo dizia a Léo que aquelas férias seriam ótimas.

Capítulo 5

O primeiro dia de trabalho

Depois de meses, Sofia enfim poderia dizer que começava um novo emprego.

Na casa de seu amigo de infância.

Em uma reforma.

Aquilo não era nem um pouco estranho.

Ela estacionou seu carro na frente da loja, onde o carro chique de Léo costumava ficar e saiu com seu material necessário (por hora): uma bolsa que guardava sua garrafinha de água, um tablet e o celular. Léo não especificou o que deveria levar, mas ela, pelo menos, se preparou no planejamento da reforma.

Sofia examinaria os materiais disponíveis, veria a estrutura do lugar e depois partiria para a parte técnica e artística do projeto. Tudo com a aprovação de Léo, claro. Aquilo ela entendia muito bem. Gostava de trabalhar na sua área, era boa em tudo e quando ligava uma chavezinha de modo “arquiteta” ninguém era capaz de pará-la.

Não bateu à porta da lanchonete, porque Léo já estava ali embaixo e a viu chegando.

— Oi! — ela disse animada, porque estava, de fato, pronta para começar.

— Oi — ele olhou para atrás dela. — O seu carro é laranja.

As pessoas sempre falavam aquilo como se fizessem uma pergunta. Por que não azul, verde ou preto?

— Eu perdi uma aposta.

— Jura? — o semblante de Léo mudou para divertimento e ele abriu passagem para Sofia.

— Não. O carro era de um tio meu, que pintou dessa cor nos anos oitenta e nunca mais mudou. É meio caro pra mudar, então deixei assim mesmo. Um carro é um carro.

Léo soltou uma risada.

— Cavalo dado não se olha os dentes.

Ela observou a lanchonete. Boa parte dos móveis foram arrastados para um canto e a poeira de antes foi varrida para longe, ou pelo menos boa parte dela. A pintura das paredes era desgastada e haviam tantas goteiras que o cérebro de Sofia associou a cena com um cenário de filme de terror (daqueles que se passam em um hospício ou mansão assombrada).

— Ok, o que você tem em mente?

Quando se virou para Léo, teve de engolir seco. Nos últimos dias tentou ignorar o fato de ele estar mais bonito. Sua saúde começava a voltar, junto às bochechas e a cor meio rosada causada pelo suor. Ainda assim, ele tinha um charme que sempre encantou Sofia. Devia ser algo a ver com o cabelo meio espetado que ele nem percebia devido à tanto trabalho, as roupas meio largas, a barba por fazer (nossa, como Sofia *amava* homens de barba...) e os olhos.

Sempre os *olhos*.

O azul se assemelhava à cor do céu na primavera, quando a cidade era repleta de árvores de ipê amarelo e o vento era abafado, mas não insuportável. Sofia olhava pra cima e encontrava aquela tonalidade perfeita.

— ... E toda aquela parte ali, quero mudar pra algo mais moderno — Léo dizia, e droga, ela não prestou atenção em nada. Ele piscou. — Você me ouviu?

— Na verdade, não, desculpa. — Sofia apertou as têmporas. — Fiquei processando o fato de estar aqui.

Léo coçou a barba. *Argh, que merda.* Sofia desviou o olhar.

— Eu entendo, é meio estranho, mas não precisa ser.

— Com o tempo a gente se acostuma.

Sofia sentou-se à mesa em uma das cadeiras que pareciam pouco acabadas. Por sorte, os móveis eram antigos e a maioria feitos de uma madeira real e bem resistente. Ela tirou o tablet de dentro da bolsa e começou:

— Vai precisar repetir tudo o que me falou depois. Quero fazer um projeto inicial aqui primeiro, simular como a reforma vai ficar, tanto a estrutura da lanchonete quanto a decoração e tudo mais. O que importa agora é saber qual o seu orçamento.

Léo, sentado à sua frente, piscou uma vez.

— Não tenho um orçamento.

Sofia estreitou os olhos.

— Não tem orçamento — ecoou, surpresa.

— Se precisar de algo, eu compro. Qualquer coisa pra deixar esse lugar bem arrumado — deu de ombros. — Também vou mudar algumas coisas lá em cima, pode ser?

Ela ficou sem palavras. Aquele era, tipo, seu sonho de criança — uma criança viciada em *The Sims* e livre para fazer o que quisesse sem se preocupar com gastos.

— Nossa, eu odeio como você é rico — concluiu e, para seu alívio, Leonardo esboçou um sorriso. — Foi mal. Você tá me pagando e eu não devia dizer essas coisas.

— Imagina. Nós somos amigos.

Sofia mordeu o lábio, querendo dizer que mesmo entre amigos sempre havia um limite, considerando aquele âmbito profissional. Mas com Léo, de algum jeito, ela sentia uma leveza inexplicável. Talvez porque ele sempre foi muito sincero e educado, e se mostrava feliz por vê-la de novo. Era tudo muito genuíno quando se tratava de Leonardo.

Ela parou de fazer rabiscos com sua caneta *touch* e respirou fundo.

— Então acho que estamos livres pra criar.

Seu amigo assentiu. Ambos conversaram e fizeram anotações sobre a obra e materiais que já tinham ou que precisavam durante meia hora, depois Sofia se viu guiada por toda a estrutura da lanchonete e o apartamento. Escreveu tudo o que pôde, tirou fotos e começou seu trabalho de desenho baseando-se no desejo de Léo.

Percebeu que a reforma seria simples, em teoria. O problema da lanchonete era a estrutura antiga, mas nada grave. Fariam algumas substituições, como canos, e reformariam o banheiro dos clientes e a parte da cozinha, de modo que tudo ficasse mais arejado e iluminado. O balcão e as prateleiras do fundo precisavam ser trocados, um pilar de madeira não era confiável e as janelas de vidro eram ótimas. No apartamento, algumas paredes sequer tinham revestimento necessário, estando apenas no tijolo. O chão também precisava ser arrumado, e depois que pintassem tudo, ficaria perfeito.

— Seu pai começou a reformar aqui em cima e não continuou, né? — Sofia observou ao olhar para o chão, e Léo anuiu.

— Ele começou a fazer algumas coisas sem planejamento, só pra distrair a cabeça durante a quarentena. Mas a saúde dele piorou, então ficou cansado demais pra qualquer coisa.

Sofia olhava a casa. Quando criança, subiu ali algumas vezes, porque passava mais tempo na garagem e na lanchonete com os meninos. Conseguia reparar no gosto de José em cada canto, como ele gostava de coisas antigas e bonitas aos olhos. Tinha muitos discos de vinil na sala, duas vitrolas e um rádio. O sofá parecia confortável apesar de ele só usar a poltrona, e todos os jarros de plantas, hoje vazios, indicavam que ele adorava cuidar delas.

Ela parou no corredor dos quartos e olhou algumas fotos na parede, depois sorriu apontando para uma delas.

— Caramba, olha como você era fofo. As bochechas continuavam as mesmas.

Léo umedeceu os lábios, tímido. A foto tinha um Léo vestido com roupas enormes (provavelmente de José), incluindo um boné verde escuro. Ao seu lado e agachado para ficar da mesma altura do filho, estava Zé, com roupas similares: camisa flanela, boné, jeans gastos. Eles tinham os mesmos olhos azuis, e agora que Leonardo era adulto dava para ver que puxou algo do formato do rosto e da barba. A diferença era apenas o corpo, porque ao contrário do filho, Zé era alto demais e forte.

Quer dizer, Sofia não sabia se Léo era forte ou não. Isso lhe gerou um pensamento intrusivo e ela se engasgou ao tentar imaginar um Léo sem camisa.

— Acho que tenho fotos com você em algum lugar aqui — o homem observou, e franziu o cenho ao pensar. — Devem estar nos álbuns. Mas não sei se você quer ver tudo, por causa da transição e tudo mais.

Sofia deu um sorriso de canto.

— Eu não me importo — falou, honesta. Tinha muito carinho pela criança que foi. — Lembro que o seu pai tirava fotos quando estávamos na garagem ensaiando com os meninos. Ele trazia suco de uva e biscoitos, aí pedia pra vocês tocarem alguma coisa do *Iron Maiden*.

— Verdade. Ele ficava conversando com você enquanto a banda discutia. O papai tirava umas vinte fotos até eu expulsar ele — Léo revirou os olhos. — Nossa, aqui tem um álbum só disso. Achava a coisa mais legal do mundo. Ele sempre quis ser músico, sabia? — Sofia balançou a cabeça. — Tocava um pouco de violão, e amava qualquer tipo de rock, mas nunca conseguiu fazer algo disso. A lanchonete era do pai dele e aí teve que assumir o lugar. — deu de ombros. — Acho que realizei o sonho dele.

Sofia sorriu.

— E agora está realizando outro.

Léo assentiu. Ele colocou as mãos na cintura, olhou ao redor devagar, no tipo de pose que Zé costumava fazer. Ca-

ramba, a cada segundo que Sofia passava naquela casa, mais se lembrava dele e percebia como Léo se tornara sua cópia.

— Acho que ele vai gostar do resultado.

Sofia não podia discordar. Leonardo, mesmo depois de toda a fama com a Aura e a criação com Charlotte, ainda tinha o jeitinho simples de ser, herdado de Zé. Era um homem de poucas palavras, que fazia as coisas com esforço e sem reclamar, e ainda cumprimentava a todos da cidade. Sofia tinha certeza de tudo porque *sabia* como Léo era.

— Vamos deixar as fotos pra depois, muito trabalho pra fazer, né?

Sofia assentiu e o seguiu escada abaixo. Ficou encarando a postura tranquila de Leonardo e pensando que, sim, ele também mudou em certas coisas. Era estranho vê-lo falar tanto e notou que ele escolhia bem as palavras antes de expressá-las, às vezes até fechava os olhos a fim de se concentrar.

Sofia achou aquilo adorável.

Ele não gostava de ser o centro das atenções, nem quando estava na Aura tocando para milhares de pessoas. A música se tornou sua forma de comunicação com o mundo e quando isso acabou deve ter ficado mais difícil.

Mas ele tentava. De verdade.

Sofia e Léo ficaram na lanchonete por mais algum tempo. Ele, na parte elétrica, e Sofia na limpeza e organização de materiais. Teve de buscar algumas ferramentas na antiga garagem de Zé e ali encontrou tanta coisa que parou para separar o que seria útil ou não.

Não demorou para Léo encontrá-la ali, no chão, listando tudo.

— Você me assustou.

— Ah, foi mal.

— Achei que alguma coisa tinha caído na sua cabeça — falou, agora com o tom de voz mais assustado. Léo cerrou os olhos para a cena. — Você está fazendo um inventário?

O rosto de Sofia esquentou.

— Tô.

Ela sempre foi organizada demais. Gostava de saber tudo o que tinha disponível, porque também adorava reutilizar objetos e móveis e transformá-los em algo novo e útil. Na faculdade, ela sempre se saiu bem em todas as matérias e projetos, mesmo que isso lhe custasse noites de sono. Sofia nunca deixava nada passar – nem mesmo uma antiga *Pokébola* de pelúcia esquecida naquela garagem.

Léo exibiu um sorriso brincalhão, bem devagar.

— *Nerd*.

Sofia revirou os olhos e jogou a bola de pelúcia nele.

...

— Ok, agora uma última coisa.

Léo esperou Sofia pegar o celular na bolsa. O sol estava prestes a se pôr e o primeiro dia foi cansativo, para dizer o mínimo, mas eles ainda tinham algo importante: quebrar uma parede.

Quer dizer, parte de uma parede. A passagem para a cozinha era muito estreita, e Léo queria abrir espaço.

— Fica bem aqui e dá um sorriso — Sofia disse e indicou um ponto específico. Dali, poderia tirar uma foto que capturasse bem o ambiente e o próprio Léo, com óculos de proteção, um martelo e luvas nas mãos. — Hm, acho que tá faltando o capacete.

O homem suspirou, e dava para notar sua timidez.

— Precisa mesmo disso?

— Vamos tirar foto do “antes de depois” da reforma. Vai ser legal, dá um sorrisinho! — exclamou, animada. — Vamos, antes que o Sol se ponha.

Léo arrumou a postura como se sentisse desconforto em seu corpo, então sorriu minimamente ao exibir o martelo na mão. Sofia também sorriu ao capturar a foto.

— Pronto! Ficou uma fofura.

Ela guardou o aparelho no bolso e Léo martelou a parede com força.

Ambos recuaram um pouco com o barulho e intensidade do golpe. O resultado foi um buraco enorme.

— Pronto — ele deixou o martelo no balcão e tirou as luvas. — Amanhã continuamos.

— Impressionante — Sofia murmurou e bateu palmas de brincadeira.

O dia foi tão corrido que eles mal tiveram tempo de botar a mão na massa. Sofia adiantou muitos detalhes do projeto, e Léo cuidou de boa parte dos ajustes mínimos do apartamento. Era um começo e aquela martelada marcou o início da bagunça.

Eles sorriram um para o outro. De novo, um sorriso dizia mais do que podiam expressar em palavras: mais especificamente um “estou feliz por estar aqui com você, mas...”

— Eu tô *exausta* — gemeu.

— Eu também.

Sofia pegou suas coisas e se despediu de Léo. Ele a acompanhou até a porta, onde desejou boa noite e a viu entrar no Fusca, que era tão laranja quanto o céu do crepúsculo.

Alvin e os Esquilos

Ben: como foi o primeiro dia com a Sofia? @Léo

Léo: foi ótimo, mas a parte da bagunça ainda não começou, vai ser só amanhã

Léo: ela é muito boa, bem detalhista e percebeu coisas que eu nem fazia ideia

Léo: vai ser de grande ajuda

Nic: perfeito!! Assim eu me preocupo menos com vc nessa obra. Eu ia me odiar se caísse um tijolo na sua cabeça

Léo: nenhum tijolo vai cair na minha cabeça

Nic: ok eu acredito

Ben: “disse ele, ainda preocupado”

Léo: vocês não precisam ficar tomando conta de mim desse jeito, eu tô bem

Ben: mas é isso que amigos fazem, e você já passou por muita coisa

Ben: sabe que se precisar é só chamar a gente, né? Podemos ajudar na reforma

Léo: ainda não. Vcs precisam aproveitar que o Nic tá de férias e produzir as músicas, deixa que eu faço as coisas daqui

Léo: aliás, agora que a Sofia pode me ajudar, não vou ficar tão cansado à noite e aproveito pra gravar algumas coisas. Mando pra vocês mais tarde

Nic: combinado

Capítulo 6

Ele é bonito mesmo ou só faz parte de uma banda de rock? (Resposta: sim, ele é)

Sofia chegou em casa se sentindo cansada mentalmente.

Não fez tanto esforço físico, mas estar no ambiente da reforma, em meio ao barulho e bagunça, com todos os seus desenhos e anotações; foi o bastante para deixar o cérebro meio derretido – de um jeito metafórico, claro. Ela ficou sem trabalhar por muito tempo e exercitar suas habilidades enferrujadas foi um esforço que ela não imaginou ser tão exigente.

— Cheguei! — falou alto ao passar pela porta. Conseguiu sentir cheiro de comida vindo da cozinha.

— Vai banhar — Isis respondeu no mesmo tom, e Sofia foi direto para o banheiro a fim de tirar a poeira do corpo. Sentiu-se grata por ter sua mãe e por ter voltado, porque ela não tinha energia nem de preparar qualquer coisa para comer.

Colocou roupas leves e deixou o cabelo secar naturalmente. Quando chegou na cozinha, Isis e Fernanda estavam assistindo alguma coisa pelo celular.

— Estou só esquentando as sobras do almoço — falou sua mãe, com um sorrisinho, depois voltou a se concentrar no celular. — Olha só isso, querida, eles não eram uns amores? Ainda são, mas essas bochechas gordinhas já sumiram.

— O que vocês tão vendo aí, hein?

Sofia ficou atrás delas e riu.

— Meu Deus, não vejo um clipe desses há anos.

— Eu adorei — confessou Nanda. — Não sabia que eles eram tão famosos, isso aqui tem quase trinta milhões de visualizações!

— Você devia ter uns sete ou oito anos na época. — Sofia passou a mão nos cabelos da prima, que sorria admirada com o clipe.

Sofia conhecia bem aquela música, assistiu-os compor palavra por palavra na garagem do tio Zé. Era chamada *Mundo de Ilusões*, uma espécie de *rock* e balada juntas, com a guitarra e violino bem marcados. Algo sentimental e intenso, que três adolescentes de quinze anos conseguiram transmitir. Falava sobre como eles tinham a esperança de encontrar um amor, mesmo em um mundo solitário e amedrontador.

Era tudo tão íntimo e nostálgico ao mesmo tempo. O vídeo era mais sobre os bastidores da primeira turnê nacional da Aura, com imagens em preto e branco, gravações mais próximas de como eles se divertiam em cima e fora dos palcos; exibia a montagem de palcos, ensaios, os fãs, e o show em si. Os garotos vez ou outra vestiam roupas mais livres e estilo *skate-punk* ou *rock* — porém, para aquele videoclipe em si, usavam ternos com as gravatas frouxas. Sofia lembrava vagamente que aquele ato do show era mais voltado para esse estilo.

Era uma sensação estranha saber que o tempo passou tão rápido. Viu o cabelo espetado de Léo e seus olhos claros e roupas largas, Ben com sua guitarra e brincos de pressão nas orelhas, e Nic de boné virado para trás — mostrando a grande influência que Charlie Brown Jr. tivera sobre eles. O coração de Sofia bateu rápido ao ver a multidão nos shows, os gritos, a animação...

— Eles eram mais do que isso — sussurrou para si mesma, apesar da prima se virar para ela. — Você precisava ver, Nanda. O Piauí ficou em alvoroço por causa deles, foram o nosso

orgulho por muito tempo, fizeram shows em toda cidade que podiam aqui primeiro e depois de meses continuaram a turnê pelo país.

— Ainda são nosso orgulho — apontou Isis, que pausou o vídeo e colocou o celular na mesa. — Agora, filha, como foi o primeiro dia?

Ela sentou-se e suspirou.

— Ótimo. Ainda tem muito trabalho.

Sofia começou a explicar a situação da lanchonete, mas algo interrompeu sua linha de raciocínio.

— O que é isso?

Ela pegou um envelope enorme em cima da mesa e havia seu nome escrito logo abaixo.

— Chegou pra você enquanto estava fora.

Sofia estremeceu. Na verdade, nem precisava perguntar o que era quando já sabia. Ela mudou seu endereço para a cidade natal e qualquer documentação importante iria parar lá.

Isso significava papéis de divórcio.

— Mais dessa papelada chata — resmungou ao abrir e passou os olhos por cima das letras miúdas.

— Você nunca oficializou? — Fernanda perguntou.

— Mais ou menos. Isso aqui é sobre a divisão de bens. O Mathias não quer falar comigo e nem eu com ele, então qualquer coisinha envolve advogados e papelada — Sofia sentiu o corpo gelar, e nem precisava. Ela só ficava nervosa de modo automático. — Vou receber muita coisa de volta e os móveis vão ficar com a mamãe.

— Oba! — cantarolou Isis, ansiosa por ter uma nova máquina de lavar.

— Oba! — Zezo repetiu lá do quintal.

Sofia desejou que tudo fosse mais simples, mas infelizmente não era o caso. Para ela, bastava um e-mail com assinatura digital para resolver qualquer coisa, mas sua advogada ainda insistia na importância disso tudo.

Ela deixou aqueles papéis de lado e enterrou a cabeça na mesa.

— Não quero pensar nisso agora.

— Sem pressa — Isis falou irônica.

Sofia estava exausta de papéis importantes. Sempre havia algo do divórcio ou da cirurgia que, por sinal, consumia quase todo o dinheiro que tinha, todos os meses. Ela fez uma nota mental de respirar fundo e esperar um pouco até receber o primeiro pagamento da reforma, então teria pelo menos algo para ajudar nos custos de morar com a mãe de novo — e quem sabe, sobrar algo para, sei lá, comprar um sorvetezinho na praça. *Cinco bolas de sorvete por dois reais*. Era tudo de bom.

— Você deixou o Léo sozinho naquela casa? — Isis disse num tom de voz quase bravo. Ainda sem mostrar o rosto, Sofia fez uma careta.

— Oxe, eu devia fazer o quê?

— Chamar ele pra jantar.

Sofia respirou fundo.

— Todos os dias?

— Talvez.

Fernanda soltou uma risadinha.

— Fico preocupada com ele sozinho ali, menos quando você está lá — explicou Isis. — Ele sempre foi um menino muito calado, guarda as coisas pra si mesmo. Lembro que uma vez acabou machucando o pé enquanto jogavam futebol e só não teve uma infecção porque *eu vi* e dei um jeito — a mãe estalou a língua. — E ele nem chorou.

— Cada pessoa é diferente, tia — Nanda disse.

— Eu sei, mas mesmo assim, ele não devia ficar sozinho. Imagina chegar naquela casa, mais de um ano depois da morte do pai, e não conversar com ninguém? Deve doer demais. Ainda mais cuidar de uma reforma demorada — Isis balançou a cabeça devagar e desligou as bocas do fogão. Àquela altura

Sofia a encarava com atenção. — Essa cidade inteira lembra do Zé com carinho. O Léo também é muito querido, então se ele pedir ajuda, alguém vai ajudar.

— Mas ele não vai fazer isso — murmurou a filha.

Isis deu de ombros.

— Mais uma coisa em comum com o pai. O Zé era o tipo de homem que ajudava todo mundo, mas nunca pedia ajuda. Sorte a dele que você está com o Léo agora, filha. Ele precisa de companhia.

Sofia semicerrou os olhos. Sentiu que, lá no fundo, Isis havia sugerido a contratação da filha para trabalhar na reforma não apenas para benefício financeiro dela, mas para Leonardo ter companhia de alguém que gostava.

O pensamento a deixou com o peito mais leve.

— Olha... — disse, escolhendo bem as palavras. Isis e Nanda serviam o jantar e a escutavam. — Talvez eu possa tentar convencê-lo a vir tomar café aqui. Não acho que ele vai querer almoçar ou jantar, ele tem outras coisas pra fazer.

Nossa, o sorriso que Isis exibiu foi impagável.

— Combinado, então!

Sofia torcia para que isso a deixasse menos preocupada. Além do mais, Isis tinha razão. Léo podia estar mais falante agora, fazer terapia, ter seus amigos e outras tarefas para ocupar a cabeça, mas ainda era preocupante ficar sozinho pelo resto do dia.

Ele confiava em Sofia. E se Isis insistisse um pouco mais, faria aquilo apenas para agradá-la.

As mulheres engataram na conversa enquanto comiam. Fernanda, muito nova para ter acompanhado o auge da banda de Léo, perguntou mais sobre isso.

— Ele falou algo sobre gravar músicas novas, não sei pra onde isso vai — Sofia comentou, e Isis, a maior fã da Aura da região, ficou radiante.

— Nossa, ele era um gatinho — Nanda disse ao olhar o celular, provavelmente pesquisou alguma foto da banda o *Google*. — Isso tem só uns seis anos.

— Seis anos é muito tempo. Deixa eu ver — Isis puxou o celular da jovem. — Ah, um príncipe. Olha as bochechas. Até parece que tinha fama de rebelde.

— Ele ainda é muito bonito — Nanda enfatizou e ergueu as sobrancelhas para a prima, que ficou corada na mesma hora.

— Né, Sofia?

— Não tô entendendo esse papo.

Nanda riu com ceticismo.

— Sofia gostava dele, eu tenho certeza — sua mãe acusou-a, o que deixou Sofia em choque.

— Porra, mãe, não dá corda pra Nanda.

— Ei, não xingamos nessa casa.

— Porra, mãe! — Zezo gritou ao longe, o que rendeu uma risada entre as primas.

— Olha o que você fez.

Aquela casa era um caos, Sofia pensou.

— Filha, olha como eles eram bonitos. Todos vocês eram.
— Isis mostrou uma foto. Era um dos editoriais mais clássicos da *Aura* que foi parar na parede de muitos jovens, com certeza. A imagem, capturada de cima num ângulo *plongée* meio torto, mostrava Léo, Ben e Nic fazendo poses descoladas e usando roupas largas, com cores vibrantes. Era hilário. Nicolas usava um boné virado para trás e óculos de grau, Benjamin tinha pelo menos uns três piercings falsos e o cabelo de Léo ficava todo espetado, além de com certeza estar usando lápis de olho.

Foi o início de um sonho bem sucedido.

— Ok, eu admito que ele era e continua bonito, mas nunca fui apaixonada por ele.

— Até parece — Nanda continuou a provocá-la. — Eu sou, tipo, super lésbica, graças a Deus, e entendo o apelo do cara. Ele tem um charme.

Sofia respirou fundo. Não queria falar sobre aquilo quando seu dia foi bem cheio. Se fosse mesmo colocar as cartas na mesa, precisava assumir a verdade de estar sim meio atraída por Léo, mas ela ignorou isso por vários motivos: o divórcio, as contas do hospital e a reforma.

A vantagem era que aquela seria a primeira vez que Sofia olhava para alguém com interesse depois de Mathias ter sido um babaca.

— Vamos falar sobre suas histórias lésbicas de ensino médio, por favor.

— Ah! Nanda disse que tem uma paquera! — Isis exclamou.

— *Paquera?* — ecoaram.

Isis revirou os olhos como se reclamasse “Essa geração Z...”

— Conta a história.

Nanda, sendo da família, também adorava falar bastante, e o resto do assunto do jantar foi sobre sua paixão de escola que poderia evoluir para algo mais. Foi bom ouvir aquilo e distrair a mente, além de, claro, manter as esperanças que o coração de sua prima não seria partido.

Capítulo 7

As antigas fitas de vídeo cassete

Com todas as memórias sobre álbuns de fotos e ensaios da banda, Léo ficou emotivo e, após o jantar, decidiu olhar os antigos pertences de seu pai.

Metade das fotos estavam guardadas na sala e outras no quarto. Ele não gostava de entrar muito naquele cômodo, então ficou no chão da sala, examinando caixas. Eram coleções de discos, CD's e muito mais, que Léo já vira dezenas de vezes ao longo da vida – incluindo pouco tempo após Zé falecer –, porém, o significado sempre mudava dependendo do dia.

Às vezes, ele revivia as lembranças com o objetivo de ficar mais melancólico e chorar um pouco, apenas para colocar tudo para fora; outras, como agora, era por algo mais sensível ainda. Léo sorriu ao reconhecer tudo, ver fotos de festas de aniversário e mais.

Suas mãos foram parar nas caixas de gravações de festas, a maioria ainda em fita cassete. Seu pai sempre foi muito nostálgico e, apesar de dizer que gostaria de converter tudo aquilo para o digital, nunca o fez.

Léo olhou com atenção para as descrições das fitas: “aniversário de dois anos do Léo”; “batismo”; “primeiro dia de aula”; “casamento Charlotte e José”. Aquela era a sua fita favorita, mas não tinha permissão de ver na presença do pai, que sempre acabava muito magoado por sequer escutar a música de fundo.

Ele engoliu seco e colocou a fita de filme no aparelho, depois ligou a TV. Não demorou muito para começar.

Pelo que lembrava das histórias, o casamento foi ali mesmo em Pedro II – na igreja, e depois em um salão de festas. Léo pulou a parte da cerimônia em si e foi direto para a festa, onde seus pais cortavam o bolo e dançavam.

Sabia que precisava superar aquilo. Afinal, o divórcio aconteceu bem cedo, mas Léo sempre foi fascinado pela história de seus pais e não tinha lembranças o suficiente. Eles se conheceram naquela cidade. Estudaram juntos, se apaixonaram ainda jovens, mas sempre tiveram visões diferentes. Charlotte era a princesa que desejava conhecer o mundo e José sempre esteve confortável. Eles tentaram fazer com que aquilo funcionasse, graças a Leonardo, mas Charlotte queria ter uma vida longe dali, onde teria mais oportunidades. José, mesmo com um coração arrasado, deixou-a partir.

A melhor parte chegou. Charlotte, em seu vestido enorme branco que contrastava com a pele negra, estava radiante ao ser conduzida à pista de dança. José, tão alto e grande, parecia nervoso e muito feliz ao mesmo tempo. Nesse momento, *Tiny Dancer*, do Elton John, começava a tocar para todos ouvirem. O casal dançava lentamente, murmurando palavras que Leonardo nunca conseguiu decifrar. Sua mãe sorria e dava para ver que José tentava não errar os passos.

Quando Léo assistia ao vídeo pensava que só podia ser um conto de fadas, porque sempre fora tão distante e impossível, que devia ser mentira.

De uma coisa ele sabia: José nunca deixou de amar Charlotte.

Ele assistiu tudo e guardou as fitas, quando sem querer chutou uma delas para o lado. Ao pegá-la e ficar de pé, se deu de cara com o velho piano.

Léo respirou fundo. Seria bom tocar um pouco e distrair a cabeça depois de alguns dias cheios.

Se houve algo de bom em todos os anos que Charlotte o forçou a fazer aulas de música, era que Léo, pelo menos, aprendeu mais do que os clássicos. Tinha bom ouvido musical, não esquecia fácil das partituras, e logo sua mente foi direto para a música tema do casamento de seus pais.

Seus dedos fluíam depressa nas teclas, mantendo sempre o ritmo. Na sua cabeça, era como desenhar um círculo, pois sempre começava em algum lugar e parava no mesmo, até chegar no último verso antes do refrão, quando mostrava um pouco mais de agressividade.

O refrão era a melhor parte, onde tudo se misturava de vez. Léo conseguia ouvir todos os instrumentos da música, as vozes, o significado apaixonado da letra – tudo isso sem sequer sair do lugar ou mudar algo.

Imaginou seu pai, como ele sempre lhe pedia para tocar alguma coisa bonita, e dizia que poderia praticar qualquer música que quisesse em sua casa, sem julgamentos; como ele comprava livros de partituras diversas e deixava no piano de propósito para incentivá-lo a aprender mais.

— *É melhor do que te ouvir praticar violino* — ele dizia, e Léo soltava uma risada, porque seu pai detestava o agudo do instrumento.

Quando deu por si, já estava cantarolando para si mesmo, sentia um calor agradável no peito junto da ansiedade de tocar a música inteira sem errar.

Era como se os músculos fossem mais rápidos que os pensamentos, e Léo sorriu.

Quando chegou perto de finalizar a música, seu celular tocou a introdução de *Como Tudo Deve Ser*, do Charlie Brown Jr., e logo viu quem estava chamando.

Léo fez uma careta e atendeu.

— Oi, mãe.

— Filho, como você está?

Ele engoliu seco e saiu de perto do piano para andar pelo apartamento, desviando de algumas caixas cheias de tralhas guardadas da reforma. Metade seria jogado fora, a outra ele ainda precisava decidir o que fazer.

Falar com Charlotte o deixava nervoso. Isso significava ter de movimentar o corpo e respirar fundo.

— Tô bem. A reforma que está ocupando muito do meu tempo.

— Hum. Está muito ruim?

— Não. — Léo coçou a nuca. — Vai ser tranquila, só preciso organizar tudo e ter paciência, porque vai demorar.

Charlotte fez um som de descontentamento.

— Por que não paga logo alguém pra fazer isso? É tanto trabalho.

Exatamente o tipo de coisa que Charlotte dizia com constância. Desde que Léo falou sobre voltar para sua cidade natal sozinho e fazer aquela reforma, a mulher não parava de jogar argumentos na mesa. Ela não entendia o quanto aquilo significava para o filho. Não entendia o quanto Léo estava desesperado para se conectar com seu pai uma última vez e deixá-lo orgulhoso.

Léo nunca foi muito religioso. Ele não tinha a menor ideia do que acontecia depois da morte e nem pensou sobre isso até Zé falecer. Ele no momento só torcia para que seu pai estivesse feliz, de algum lugar, *qualquer* lugar.

Sua mente fez uma conexão rápida, as sinapses entraram em ação e ele gaguejou um pouco antes de dizer:

— Na verdade, não estou sozinho. Eu contratei a Sofia. A senhora lembra dela?

Um silêncio na linha.

— A filha da Isis.

— Isso. Ela é arquiteta.

— Hum.

Mais um silêncio e Léo conseguia visualizar o exato semblante de sua mãe: sobrancelhas unidas, nariz meio torto. Havia desconfiança, apesar de ela parecer menos receosa com essa reforma.

— Se ela é uma profissional, então eu fico mais calma.

— Bom.

— Acho bom me manter atualizada de tudo, todos os dias. Você quase não manda mensagem.

— Mas a senhora passa o dia trabalhando...

— Não importa. Eu quero saber onde o meu filho está.

Léo riu de desdém.

— Eu praticamente não saio daqui, só pra correr e olhe lá.

Charlotte murmurou algo que o filho não ouviu bem e nem se importou. Para ela, ele sempre seria muito sensível, com necessidade de proteção. Enquanto Charlotte cuidou de Leonardo para não mover um dedo a fim de fazer alguma coisa, Zé nunca teve essa delicadeza. Era atencioso, claro, mas sempre o mandava “colocar a mão na massa”.

Léo compreendia a preocupação da mãe.

— Já jantou?

— Sim.

— Ok. Não coma nada que venha numa lata, pelo amor de Deus. Você sabe cozinhar direito? Eu não me lembro de te ver na cozinha.

— O papai me ensinou muita coisa.

Charlotte fez mais uma pausa e, quando voltou, o tom de voz foi mais ameno.

— Como que eu vou esquecer você fazendo a clássica torta de limão? Preciso comer de novo.

— Um dia.

Ele quis dizer “quando eu voltar, faço pra senhora”, mas não sabia se seria certo. Léo não tinha nenhum plano para de-

pois da reforma, e se resolvesse ficar na cidade, como seria? Ele arrumaria toda a lanchonete para mantê-la fechada? Vender?

Não tinha a menor ideia.

De qualquer modo, sua mãe falando da torta de limão de José o deixou mais tranquilo. Era uma das receitas clássicas vendidas na lanchonete, e Léo tinha orgulho de ter aprendido desde cedo a reproduzi-la com perfeição.

— Tudo bem. Vou deixar você descansar — disse Charlotte, com a voz doce. — Até mais.

— Tchau, mãe.

— Te amo, viu?

Léo sorriu de canto.

— Também te amo.

Capítulo 8

Você não sabe que todo o princípio básico de fazer uma obra é “enrolar”?

— Bom dia! Eu trouxe marmitas! — Sofia disse de uma vez ao passar pela porta da lanchonete, o que assustou Leonardo e o fez derrubar uma caixa vazia. — Eita, foi mal.

— Tudo bem — ele riu e colocou a caixa no chão. — Eu já queria deixar isso aqui mesmo. Você disse “marmitas”? — então, Leonardo a encarou de cima a baixo e abriu um sorriso maior ainda. — O que é isso que você tá usando?

Sofia pousou as marmitas em cima do balcão e pôs a mão na cintura, a fim de mostrar a roupa completa. Usava uma jardineira jeans e uma blusa verde que combinava com os tênis.

— Meu *look* de reforma.

— Só por causa da jardineira? — deu pra ver que Léo continha uma risada.

Sofia revirou os olhos e tentou não ficar mexida com seu amigo analisando suas roupas. Portanto, no mais puro fingimento, ela deu de ombros como se não fosse nada demais. Ambos se moveram pela lanchonete e ela notou algumas mudanças ali, muita coisa tinha sumido das mesas e prateleiras.

— Você é o chefe, preciso impressionar, mesmo que vista só suas roupas comuns, eu não quero ficar tão à vontade. Pensei em me produzir um pouquinho mais.

— Então acordou cheia de energia hoje — ele falou em um tom que Sofia estava se reacostumando a ouvir: *provocação*.

Quando crianças, Léo não tinha costume de pregar peças. Era recluso, tímido, e tinha medo até de tocar a campainha do vizinho e sair correndo. Apesar disso, jogava frases sarcásticas para os amigos, os provocava de jeitos sutis e deixava Benjamin e Nicolas putos da vida — coisa hilária de assistir.

Sofia ergueu uma sobrancelha para ele.

— Que engraçadinho. Eu sou uma pessoa muito diurna, viu?

— Uhum — murmurou.

— Aquele dia foi exceção. Eu estava no meu modo “desempregada e sem esperanças”, mas agora é diferente — Sofia tirou o tablet de sua bolsa para abrir o aplicativo com o desenho do projeto da lanchonete. — Então se eu chego em casa exausta, durmo cedo e acordo cedo, entendeu?

Léo refletiu.

— Você tava muito engraçada naquele dia. De pijaminha e tudo.

— Não ria — ameaçou. Aquele era seu pijama favorito.

Tarde demais. Ele riu de um jeito absurdamente fofo onde seus olhos ficavam meio estreitos, e as bochechas, vermelhas. Sofia o encarou impassível e desejou carregar aquela *Pokébola* de pelúcia para cima e para baixo só para jogar em Léo sempre que quisesse.

— Desculpa — Léo secou o olho. — Você tava falando das marmitas.

— Ah, sobre isso, a minha mãe sugeriu que você fosse tomar café com a gente todos os dias depois da sua corrida. Hoje ela fez essa comida super cedo e disse pra te dar metade, como uma amostra de como ela cozinha super bem.

— Uma proposta interessante — Léo falou e olhou para as marmitas com o canto do olho, depois as pegou e apontou

na direção das escadas. — É muito gentil da parte dela, obrigado. Vou colocar lá em cima pra gente comer mais tarde.

Sofia piscou.

— Então tudo bem pra você tomar café lá? — um fragmento de esperança cresceu em seu peito, tanto que ela seguiu Léo pelas escadas dos fundos que levavam ao apartamento.

Seu amigo demorou um pouco para pensar. Uns cinco degraus, na verdade.

— Acho que tudo bem, se isso foi deixar sua mãe mais calma.

Sofia soltou uma risadinha.

— Conhece bem ela.

— Ah, sim. Se eu não for, ela vai continuar mandando marmitas até me convencer de passar lá.

— É uma baita estratégia.

— Meio assustadora. Imagina marmitas mágicas aparecendo aqui do nada? Na cozinha, no corredor...

— Meu Deus — Sofia riu. — Aí ela vai mandar o Zezo trazer recados todos os dias, sem parar.

Léo riu tanto que seus ombros subiram e desceram. Eles seguiram para a cozinha.

— De *madrugada*. Tudo é mais assustador de madrugada.

— Um papagaio batendo na sua janela às três da manhã!

— Chega, Sofia, eu tô ficando com medo!

Eles continuaram a rir um para o outro. Léo guardou as marmitas e prometeu comer tudo na hora do almoço com ela, além de combinar o assunto do café da manhã de uma vez por todas.

Sofia ainda sentia as bochechas doerem de tanto sorrir. Era bom ter essas brincadeiras com Léo depois de tantos anos e saber que nenhum deles mudou.

— Ah, eu tenho uma coisa pra te mostrar — Léo a guiou pela sala cheia de caixas de papelão espalhadas. Sofia sentou no sofá e esperou ele colocar um DVD no aparelho e ligar a televisão. — Esse aqui é hilário.

Sem saber o que esperar, Sofia arregalou os olhos e sentiu um sorriso começar a crescer assim que o vídeo teve seu início. Leonardo sentou ao seu lado e ambos assistiram à gravação.

— ... porque seria muito mais legal gravar essas músicas do que as do *Charlie Brown Jr* — um jovem Benjamin dizia ao afinar a sua guitarra.

O vídeo era uma gravação caseira com a qualidade de mais ou menos dez anos atrás, talvez. Pela altura da câmera, só podia ser José gravando a banda na garagem. Era um dia ensolarado, mas lá dentro ainda era meio escuro.

— *Mas é uma homenagem* — Nicolas rebateu.

— *Eu tô muito triste por causa do Chorão, não vou conseguir.*

— *Pai!* — Léo exclamou ao fundo quando percebeu o homem chegando com a câmera. — *Não filma agora.*

— *Mas é pra registrar. Que dia é hoje mesmo?*

Nossa, como ouvir a voz de José era uma experiência acolhedora e estranha ao mesmo tempo. Sofia quase tinha se esquecido, e mesmo assim, ao ouvi-la de novo, foi como se o tempo não tivesse passado.

— *8 de julho de 2013* — alguém disse, e a câmera se virou para Sofia, ainda bem novinha.

— Nossa, olha como a gente era fofo — a Sofia de agora comentou, e ao olhar para Léo por um segundo percebeu como ele admirava a gravação. — A puberdade ainda não tinha feito um bom trabalho.

— *Ainda não, eu tinha um monte de espinhas.*

— *O que vocês estão fazendo hoje nessas férias?* — Benja-

min se aproximou. A pele marrom da sua ascendência indiana brilhou no Sol por dois segundos quando chegou perto da câmera. José teve de baixá-la para enquadrar o pré-adolescente.

— *Queremos escolher uma música pra ensaiar, gravar e postar no YouTube.*

— *Quais as opções?* — José perguntou.

Benjamin abriu a boca para falar, mas Nicolas entrou na frente dele a fim de aparecer na câmera, ajustando seus óculos e a postura.

Sofia e Léo riram.

— *Dois exibidos.*

— *“Lutar Pelo Que É Meu”, “Um Minuto Para O Fim do Mundo” ...*

— *“Slide” e...* — Léo murmurou.

— *“All Star” e “I Gotta Feeling”* — Sofia exclamou, também aparecendo na frente dos garotos.

— *Essa última nem pensar!*

— *Meu Deus, o que essas músicas têm a ver uma com a outra?* — Zé gargalhou.

— *Nadinha de nada* — disse Sofia adulta.

— *É super legal! Um dia vocês vão me agradecer por isso.*

Eles riram mais ainda, porque a realidade era que as escolhas foram aceitas e, mais tarde, foram os covers de mais visualizações no canal da Aura.

— *Eu sempre tive razão.*

— *Claro que sim.* — Léo deu de ombros.

— *Quero propor um desafio pra vocês* — José falou para todos e quatro pares de olhos o encararam com atenção. — *Tentem escrever e compor uma música original até o final das férias e prometo que ganham lanches de graça.*

Todos, exceto Léo, exclamaram de alegria.

— *O senhor sempre dá lanche de graça pra gente.*

— *Mas e a torta de limão?*

O pequeno Leonardo sorriu.

— *Tudo bem.*

Ele correu para dar um abraço no pai, mesmo segurando um baixo enorme no corpo. Naquela visão, a câmera acabou filmando o chão. Porém, Sofia se sentiu abraçada também.

— *Agora vamos ver esse ensaio!*

O vídeo continuou com uma banda bagunçada e que demorava a se decidir, mas Sofia e Léo não prestavam mais tanta atenção. Ao invés disso, ele sorriu de canto para ela, envergonhado.

— Que cara é essa?

Sofia não percebeu estar fazendo uma cara.

— Não sei, acho que... — engoliu seco. — Tô pensando em como as coisas mudam rápido, né? Deu vontade de voltar no tempo. Seu pai era o melhor.

— Ele era mesmo. — visou o piano logo ali perto, pensando em algo que Sofia não soube decifrar. — Devia ter durado mais. Ainda preciso dele todo dia. Mesmo que eu nunca tenha passado tanto tempo aqui, ainda conversávamos sempre que podia pra saber como estava, ou pra pedir um conselho. Esse tipo de coisa é mais difícil de falar com a minha mãe.

A voz de Léo saiu lenta, de um jeito que dialogava mais consigo mesmo do que com Sofia.

— Eu entendo isso — respondeu, o que era verdade. Ela passou anos distante daquela cidade apenas para voltar e começou a entender que não era algo ruim. Percebeu o quanto sentiu falta de sua mãe e tê-la de volta na rotina era ótimo.

Sofia nunca teve contato com o próprio pai, porque foi um homem qualquer que abandonou sua mãe, então nunca fez questão. Não dava para sentir falta de algo que nunca teve contato. E apesar disso, sempre que lembrava de José, era difícil, porque aquele homem foi um pai muito, muito bom, e cuidou não só de Léo, como de seus amigos também.

Léo olhou para ela de novo, dessa vez com um canto da boca erguido.

— Mães podem ser difíceis.

Sofia soltou uma risada pelo nariz.

— Eu te ajudo. Sua mãe não pode ser mais difícil do que a minha.

Ele fez uma careta. Sofia não fazia ideia.

— Ei, — ela se aproximou dele no sofá — pode ser uma chance de sua mãe te entender um pouco melhor agora, né? Ou... de você se entender mais um pouco sozinho — deu de ombros. — Aproveita. Falo isso por experiência própria.

Sofia pousou a mão no ombro de Léo e logo um choque percorreu seus corpos.

Foi um toque leve, mas inédito.

Ela percebeu que não havia *sequer* encostado em Leonardo desde que se viram.

Era estranho pensar demais nisso agora?

Ele também percebeu, pelo modo que seus olhos azuis miraram suas mãos e as unhas coloridas de amarelo e laranja. O homem engoliu seco tão rápido que ela quase não viu, mas aconteceu.

Antes que Sofia pudesse largá-lo — por algum motivo não conseguia se mover —, Léo recostou a própria palma da mão sobre a sua de maneira acolhedora.

— Obrigado.

Seus ombros relaxaram e ela assentiu.

— Por nada.

Era o que amigos faziam.

Léo se desprendeu do toque devagar e ficou de pé, num pedido silencioso para que ambos comesçassem o trabalho do dia.

— Vamos logo, a gente tá enrolando.

— Você não sabe que todo o princípio básico de fazer uma obra é enrolar? Sem ofensas ao pedreiro, mas... — provocou ela, e Léo soltou uma risada. — Foi você que começou.

— Tem razão.

Sofia sorriu de canto e ativou o seu modo “arquiteta profissional” pelo resto do dia.

Capítulo 9

O primeiro amor

Julho de 2014

O som arranhado do violino incomodou Leonardo a ponto de ele fazer uma careta. Mesmo praticando todos os dias, às vezes duvidava que o som fosse bonito de verdade. Ele só continuou a praticar ali durante as férias porque sua mãe o obrigava – e porque caso ele retornasse à escola de música sem saber muita coisa seria bem pior.

OuvIU uma batida na porta e interrompeu o movimento do arco. Em seguida, José entrou na garagem.

— Acho que já está bom por hoje — falou o pai, com um sorriso amarelo. O filho respirou fundo.

— Graças a Deus.

Ambos riram e o garoto guardou o instrumento em sua *case*. José pegou o banco mais próximo que encontrara e sentou para observar o filho. O ambiente era repleto de instrumentos que ele e os amigos traziam de Teresina, e outros já eram de José.

— Sabe que não precisa tentar entrar na orquestra se não quiser — disse o pai com as sobrancelhas unidas em concentração. Quando Léo o encarou, viu um reflexo dos próprios olhos azuis. Nesse dia, José usava uma barba bem feita e boné verde virado para trás. Não parecia desleixado ou cafona e sim... a cara dele. Era doce, gentil. — Tem quatorze anos.

— Eu sei, pai.

— Então...?

Léo deu de ombros.

— Não vou entrar em orquestra nenhuma agora, a mãe disse que é muito cedo ainda. Além do mais tem a Aura.

José deu um sorriso de canto e inflou o peito.

— Isso sim eu acho legal.

— Claro que acha. — Léo suspirou com um sorriso. A ansiedade lhe atravessava o peito sempre que pensava nisso porque, ano passado, a banda ganhou fama na internet e parecia ser algo exponencial.

A Aura postou apenas duas músicas autorais e todo o resto eram *covers*. Ele e os amigos precisariam voltar à Teresina duas semanas mais cedo naquelas férias para participar de alguns programas de TV – entrevistas, performances e coisas do tipo –, além das negociações com as gravadoras que surgiam. Quem cuidava da maior parte da burocracia era a grande advogada Charlotte, que, por mais que não aprovasse, jamais deixaria uma oportunidade assim passar.

Todos os pais estavam empolgados e aterrorizados ao mesmo tempo. Eram muitas ligações e e-mails, e os rapazes mal podiam saber de tudo por segurança.

— O Nic está torcendo pra ter menos espinhas no rosto, — comentou Léo com graça — Ben anda escrevendo que nem maluco e já fez música até sobre sorvete, se duvidar. Isso é muito doido.

José se inclinou.

— E você, filho? Não falou muito sobre isso.

De novo, Léo deu de ombros. O que ele pensava? Bem... sobre tudo – o que poderia acontecer de bom, de ruim; se era algo passageiro, se ele tinha talento ou força de vontade para seguir em frente.

— Acho que tô com um pouco de medo, pai — admitiu, trêmulo.

José assentiu depressa como se já soubesse da resposta. Ele levantou do banco e fez carinho no topo da cabeça do filho, então o trouxe para perto – o que resultou em Léo ir de encontro à sua barriga. Foi engraçado. Eles riram e o filho o envolveu num abraço apertado.

— Você é muito corajoso — falou Zé. — Tem várias cicatrizes de skate pra provar.

— Hm, não sei se é a mesma coisa.

— Eu sei a verdade, é o que importa.

Léo concordou e fechou os olhos. Durante cinco segundos, sentiu-se um garotinho nos braços dele, com total segurança e confiança. Era o melhor abraço do mundo e nenhum deles precisava se expressar demais verbalmente para entender o que sentiam.

Ambos ouviram um som na porta e se afastaram devagar. O corpo do pai bloqueou a visão de Léo.

— Oi, Sofia — falou animado.

— Boa tarde, tio Zé.

— Fica à vontade, viu? Vou pra lanchonete preparar um lanche pra vocês.

A garota anuiu e Zé fez um último carinho no filho. Léo acompanhou a silhueta do pai se distanciar até os olhos caírem em Sofia.

Ela parecia mais tímida hoje, o que não era muito normal para ela. O tímido do grupo sempre fora Léo, mas ele presumiu que, ao começar a transição, Sofia deveria ter começado a medir melhor palavras ou gestos, com medo.

Não que ela precisasse. Ali, na lanchonete e na garagem, era o espaço mais mágico e seguro do mundo.

Leonardo puxou o banco que seu pai estivera minutos antes e trouxe para perto.

— Senta aí — apontou, sem jeito, e a menina o fez. Usava um shortinho de tecido azul e blusa verde de mangas bufantes.

— Os meninos vão chegar daqui a pouco.

— Eu os vi na pista de skate na praça. Você não quis ir?

Léo fez uma careta e indicou a case do violino.

— Uma hora por dia.

— Ainda bem que não cheguei mais cedo então — ela disse puxando ar, e Léo riu. — Prefiro te ouvir tocando baixo. É engraçado.

— Engraçado?

— É, você fica todo relaxado, mas ainda tem que se equilibrar porque ele é muito grande, a impressão é que você tem um metro e meio de altura. — Sofia riu, e seus olhos se esticaram um pouquinho para os lados.

Ali estava — a Sofia que sempre gostou de jogar alguma piadinha. Ela era o tipo de pessoa que iluminava o ambiente e sempre tinha um sorriso no rosto. Continuava a mesma pessoa de sempre, e agora diferente, claro. Quanto mais Léo a olhava, mais conseguia compreender o todo e percebia que aquele era o verdadeiro “eu”, e como era bonita de se ver.

A garota pegou o baixo e pediu para Léo tocar um pouco enquanto ambos conversavam. Ele dedilhava as cordas pesadas e fazia graça de propósito para dizer que o instrumento era pesado demais. Quando ela ria, ele tirava esse tempinho para admirar seu rosto: era delicado, com marquinhas pequenas nas bochechas e grandes olhos castanhos.

— Léo, o que acha que vai acontecer com a Aura?

— Vão chamar a gente pra todos os festejos de igreja e descobrir que tocamos Charlie Brown Jr., vai ser engraçado.

Sofia lhe deu um leve tapa no braço.

— É sério. Imagina se vocês tocarem no Festival de Inverno.

— Nossa, agora você foi longe.

— Longe nada. A gente anda na praça todo dia, sempre vamos nos shows que seu pai leva a gente. Eu não tenho dúvida que vão ficar famosos.

Léo soltou ar devagar pelo nariz.

— Se isso acontecer, vamos embora por muito tempo — falou com a voz embargada. — Imagina se fizemos turnês, álbuns, essas coisas.

Sofia sorriu.

— Do jeito que você fala é assustador.

— Um pouco, sim.

— Léo — ela enfatizou e se inclinou para mais perto a fim de que escutasse. — É o nosso sonho. Você e os meninos vão poder viajar pra vários lugares e fazer música! Nem vão lembrar daqui.

— Claro que eu vou me lembrar — ele uniu as sobrancelhas. — *Você* vai continuar aqui. Vamos voltar todo ano.

Sofia suspirou devagar e negou, como se ela soubesse de um segredo que ele ainda não tinha ideia.

— Um dia eu também vou embora.

Léo sorriu de canto.

— Todo mundo sempre acaba voltando pra casa, sabe — falou e tocou uma corda do baixo que ressoou grave na caixa de som. Sofia deu de ombros e pôs o cabelo atrás da orelha. — Enquanto esse dia não chega, vou aproveitar um pouco.

Ambos passaram minutos tocando música – ou seja, Léo ficou no baixo ou no violão e Sofia ouviu tudo enquanto caminhava pelo espaço da garagem e brincava com uma *Pokébola* de pelúcia. Nenhum deles se importou com a demora de Nicolas ou de Benjamin, sabiam que aqueles dois se divertiam sem ver o tempo passar.

Em determinado momento, Léo parou de tocar e assistiu Sofia. De novo, uma onda diferente invadiu seu peito – algo que ele nunca tivera antes, e acontecia com frequência sempre que estava perto dela, durante a vida toda. Era bom, como se ela fosse uma peça faltando de um quebra-cabeça difícil que Léo tentava resolver há tempos.

— Posso te falar uma coisa, mas promete que não vai achar estranho? — confidenciou, e ela fez que “sim” com a cabeça.

— Pode falar.

Ele engoliu seco.

— Eu acho que você tá bem bonita. — umedeceu os lábios e Sofia abriu a boca em surpresa. — Tudo parece que está no lugar certo e combina contigo.

Sofia começa a rir. De novo, ela iluminou o local.

— Você sempre foi tão sincero.

— Ah, mas é verdade. Acho bom dizer... tipo, eu não falo muito.

— Não mesmo.

— Mas é bom que saiba disso, caso alguém nunca tenha falado antes.

A garota fungou e algo se passou diante de seus olhos, uma realização boa.

— Obrigada, Léo.

Um sorriso tímido surgiu no semblante dele, e na mesma hora ouviram passos apressados na direção da garagem.

Ben e Nic chegaram como um furacão. Estavam suados, sem fôlego. Levavam *skates* nas mãos, o cabelo de Benjamin estava todo bagunçado e os óculos do baterista estavam tortos.

— Oi, Sofia — cumprimentaram-na animados. Ben apontou para o amigo. — Léo, você tá com calor, cara?

— Não, por quê?

— Tá vermelho. — esticou a mão para apertar uma bochecha dele. — Parece uma pimentinha, que nem esse aqui.

— Tô nada — respondeu e apenas ficou mais corado.

— Tá sim — disse Nicolas, e arrumou o boné virado para trás na cabeça.

Sofia apenas deu de ombros como se dissesse “Não tem como esconder”.

Léo gaguejou e andou em círculos à procura de seu baixo. Todos riram, e a normalidade do lugar retornou. Ele sabia que Sofia guardaria aquele elogio e ele lembraria daquele momento por muito tempo, sem ninguém saber da tensão adorável que acontecia entre ambos.

— Eu fiz uma linha de baixo bem legal, querem ouvir? Se encaixa com aquela “Sinestesia” que o Ben começou a escrever.

— A música nem é essas coisas — resmungou o vocalista.

— Aposto que vai ser um sucesso — Sofia respondeu, pegou o boné de Nicolas e colocou na própria cabeça. — Quero ouvir.

Todos se entreolharam e se aprontaram em seus lugares. Sofia e Léo aguardaram os amigos, e quando seus olhos se encontraram, algo mais profundo do que confiança se instalou ali.

Capítulo 10

Quando alguém canta “Samurai” para um papagaio, você para e escuta. É lindo

Duas semanas se passaram desde que Léo e Sofia começaram a obra, e as coisas não poderiam estar melhores.

Para o acalento de seu cérebro ansioso, Léo conseguiu estabelecer uma rotina que não o sufocasse demais. Todos os dias acordava cedo de manhã pra correr, cumprimentava os conhecidos da cidade no caminho da volta e ia tomar café na casa de Dona Isis.

Não era de todo ruim, na verdade, ele gostava de conversar com ela. Bem na hora, Sofia acordava e se juntava a eles, e Fernanda também. Ele se acostumou com a família Azevedo tão rápido que era como se sempre tivessem se reunido daquela maneira.

Depois, ambos iam até à lanchonete no Fusca dela e os dois começaram uma brincadeira engraçada – ele perguntava porque o carro era tão laranja, e todo dia ela dava uma resposta diferente:

- Porque eu sou daltônica e, pra mim, isso é azul.
- Pra eu nunca me perder no estacionamento.
- Porque ele é tão feio que ninguém vai pedir emprestado.
- Porque eu torço pro time da Holanda, e laranja é a cor deles. Óbvio.

E assim por diante. Sofia amava odiar o carro.

— Ele é tão velho que nem tem porta-copos — ela choramingou um dia. — Tenho que deixar a garrafa de água no banco, e toda vez que freio ela rola pra frente e cai na porra do chão. Não tem ar-condicionado, também, mas as peças são novas. É um guerreiro.

Todo dia, Leonardo dava uma risada gostosa.

Tomava um banho rápido e se juntava à Sofia na obra, que por sinal estava ocorrendo de forma tão organizada que ele sentiu alívio. Ela sabia exatamente o que fazer ou não fazer, recomendava mudanças necessárias e Léo concordava, mesmo que fosse para comprar material a mais. Tudo para ficar funcional e mais bonito.

Durante à noite, ele descansava e ia fazer música. Pegava qualquer coisa que seus amigos tivessem mandado, ou tentava extrair algo de sua mente sozinho. Não era a mesma coisa que estar com eles no estúdio na casa de Nicolas, mas já era um progresso. Eles conseguiram definir um estilo e voz muito únicas para o que seria um álbum independente de Benjamin e participar disso era divertido.

Tudo para distrair sua cabeça.

Qualquer coisa.

Não que ele ignorasse as memórias constantes daquela cidade. Nada disso. Léo sentia que se acostumava com a energia do lugar e parava de ser doloroso. Ele não chorava com tanta frequência ao sequer olhar para a poltrona do pai ou sentir o cheiro de suas roupas no quarto, por exemplo. Era uma saudade pesada no peito, mas de um jeito bom. Como se José estivesse orgulhoso do filho e tentasse passar alguma energia acolhedora todos os dias.

Léo voltou a se alimentar melhor e percebeu o peso do corpo aumentar. Ele se sentia mais disposto, também. Trabalhava com Sofia e ambos se divertiam durante o dia. À noite, Léo conversava com seus amigos ou com sua mãe.

Em uma manhã de sexta-feira, ele terminou sua corrida e caminhou devagar até a casa da família Azevedo, mas pegou um panfleto no chão que era arrastado pelo vento. Era um anúncio do Festival de Inverno que acontecia todos os anos na cidade e atraía milhares de turistas.

Léo sentiu um arrepio na coluna quando o vento passou por ele de novo. O festival era um dos maiores eventos da cidade. Artistas do país inteiro vinham para a serra, um encanto para quem amava todo tipo de música.

— Bom dia, filho — dona Isis falou ao abrir a porta. Léo olhou para ela, desviando a atenção do panfleto. — Entra, o café tá quase pronto.

— Bom dia, Dona Isis. — sorriu de canto e passou pelo portão, depois entrou na casa e foi direto para a mesa da cozinha, como o habitual.

— O que é isso aí?

Léo mostrou o papel para ela.

— Ah, já estão divulgando o festival! Mal posso esperar pra ver os artistas. Estão atrasados, né?

— Já é daqui dois meses. Não sei se saiu a *line-up* completa ainda.

Isis devolveu o papel. O festival começava no dia de Corpus Christi, o que seria mesmo logo, logo.

— Junho é o meu mês favorito — Isis falou ao olhar o café no fogão. — Tem o festival, mas eu quase não vou... E a Festa Junina. A Igreja sempre faz umas festas ótimas, a praça fica toda decorada, tem as feiras de artesanato, apresentações, e eu ainda participo da venda de comida.

Léo arregalou os olhos e sorriu.

— Agora que a senhora falou, lembro que sempre fez Maria Isabel pra vender. É a melhor que eu já comi.

— Obrigada, filho.

Ele enrubesceu. Isis sempre foi tão sincera e gentil, mesmo tendo um jeito meio bruto. Passou a chamar Leonardo de filho, e ele gostava de ouvir.

A mulher continuou a fazer o café e logo Zezo apareceu na porta da cozinha que levava ao quintal.

— Bom dia — Léo falou para a figura já conhecida do papagaio. Achava engraçado o modo que ele andava com o pescoço indo pra lá e pra lá.

— *Bom dia!* — ecoou.

Isis fez um gesto para Zezo subir em seu dedo, depois colocou-o em cima da mesa.

— Ele gosta de chamar atenção. Não pode te ver que já fica animado.

Léo se viu sorrindo como uma criança. Zezo piscava para ele e estalava a língua. Não fazia menção de comer nada, só admirava o homem com uma curiosidade interessante. No início, Léo ficou sem graça, mas agora gostava de Zezo.

— Ele estava cantando *Samurai* ontem — comentou Isis.

— Pelo menos essa conseguiu aprender um pouco. A Nanda tentou ensinar umas músicas em inglês, mas não deu certo.

— Jura? — Léo se serviu de café e pão com queijo, então examinou o papagaio como um modo de desafio. — Será se você sabe mesmo?

Zezo fez um som engraçado e, em resposta, Leonardo começou a cantar a música para ele.

Para sua surpresa, o pássaro sabia mesmo algumas partes. Léo usava a ponta dos dedos para tocar suas penas e acariciar o topo da cabeça, e sorria quando Zezo alcançava alguma nota. A música era muito melódica e a voz de Léo ia para todos os lados.

Cantou por um tempo até depois do refrão e nem percebeu estar sendo observado até Zezo soltar um “Bom dia!”.

Olhou para o lado. Sofia e Nanda estavam na porta da cozinha assistindo a cena com expressões encantadas no rosto.

— Oi — Sofia falou num sussurro e Léo ficou vermelho na mesma hora.

— Puta merda — Nanda exclamou, impressionada. — Isso foi muito bom!

Sofia cutucou a prima nas costelas, para ela não xingar na frente do papagaio e da visita.

— Te acordei? — ele perguntou a Sofia, que negou.

Por um segundo, não tiraram os olhos um do outro. Foi como se, ao cantar em plenos pulmões e com emoção — uma música que gostava tanto — tivesse exposto um pedaço de si que Sofia não via há muito tempo.

E foi isso mesmo.

Ela umedeceu os lábios. Havia um brilho naqueles olhos castanhos que deixou Leonardo feliz. Ele quis cantar de novo, só para ver aquele olhar por mais tempo.

Sofia limpou a garganta.

— Já pensou em trabalhar como músico?

Léo fez uma expressão engraçada, tentando quebrar o clima.

As mulheres se sentaram à mesa. Dona Isis chamou Zezo para perto a fim de não assustar a filha.

— Você canta muito, muito bem — ela o elogiou.

— Obrigado.

Ele tinha costume de cantar só para si e para as gravações da banda. Não era o vocalista principal, apenas harmonizava com Benjamin. Mesmo assim, praticava bastante quando sozinho.

— Devia fazer isso mais vezes — Sofia comentou, servindo-se. Naquela manhã, usava presilhas no cabelo, uma blusa branca leve e shorts de tecido. Era fofo e estiloso, como ela. — Mostrar mais a sua voz, eu quero dizer.

Léo balançou a cabeça e secou o suor das mãos que apareceu do nada.

— Não gosto de chamar tanta atenção.

— Mas... e a banda? — Nanda disse.

— Estar com eles é diferente, tudo fica mais fácil — deu de ombros. — Se fosse pra fazer tudo sozinho, eu teria um ataque de pânico — riu, apesar de ser verdade.

Quando tinha dez anos de idade, Léo foi se apresentar no recital da sua escola de música, apenas ele e o violino. Demorou muito para subir ao palco por causa do nervosismo e isso foi se repetindo ao longo dos anos.

Mas com a Aura completa isso nunca aconteceu. Claro que a ansiedade era comum, mas Léo se sentia livre nos palcos com os amigos. Se ficava nervoso, bastava olhar para trás e ver Nic sorrindo para ele da bateria, ou Benjamin chegava perto dele e afagava seus cabelos com carinho. Eles passavam pelas mesmas coisas, e só assim Léo tinha energia de andar pelo palco com seu baixo, concentrando-se em não errar nada ou apenas em sentir a música, interagir com o público e muito mais.

— Vocês não pensam em voltar?

— Não agora. Estamos fazendo outras coisas. Mas estamos gravando algumas músicas por diversão, sem data pra lançar nada.

Isis juntou as mãos.

— Deviam se apresentar no Festival!

Caramba. A última vez que Léo se apresentou ao vivo foi há mais ou menos um ano. A banda toda se reuniu no estúdio do programa *Chef em Casa* – comandado por Lulu e Nicolas, na época –, e foi o último episódio de Nic. Havia uma diferença em performar poucas músicas para no máximo trinta pessoas dentro de um estúdio de TV de manhã e se apresentar para no mínimo dez mil pessoas na praça.

— Mãe — Sofia rebateu, então indicou a expressão consternada de Leonardo apenas com um manear de cabeça. — Não vamos falar sobre isso.

— Tudo bem, foi só uma ideia.

Léo agradeceu a Sofia apenas com um olhar e ela sorriu de canto, além de, por baixo da mesa, encostar o pé no seu.

Ele deu uma batidinha de volta.

Sofia bateu um pouco mais forte.

Eles ficaram nessa brincadeira, tentando não sorrir ao tomar café ou distrair Fernanda e Isis de sua conversa com um novo tópico.

Há cada dia que passava, Léo e Sofia se conheciam mais, ou melhor, se conheciam de novo.

Era bom ter alguém de confiança, alguém para rir e chutar os pés por baixo da mesa.

Léo estava feliz.

Capítulo 11

Toalhas! Toalhas! Toalhas!

— Por que o carro é laranja?

— Muita vitamina C — Sofia respondeu. — O Piauí é muito quente, aí ele fica bronzeado e com muita vitamina.

— Tipo um daqueles carros de brinquedo que muda de cor? — Léo riu.

— Exatamente.

— No frio ele fica de que cor, então?

— Não tenho a menor ideia — Sofia deu de ombros, sorriu e deu a partida.

O Fusca fez o seu barulho habitual de ronco e eles saíram direto para a lanchonete. O caminho não dava nem dez minutos e de manhã cedo, menos ainda.

Como sempre, estacionou na frente do Cantinho do Zé – inclusive, Sofia queria fazer um design novo para a placa – e Léo procurou a chave. Sofia o observou, tão calmo, com o cabelo ainda meio úmido de suor. Minutos atrás Léo estava tenso só com o comentário de se apresentar e por sorte ela contornou a situação.

Parte sua também desejava que Léo se apresentasse de novo, porque seu talento sempre foi tremendo. Ela ainda não conseguia entender como uma pessoa tinha tanta facilidade com música, como ele encaixava tudo tão facilmente na hora de criar. Era uma faceta dele que Sofia sentia falta de ver.

E, caramba, ver Léo cantar para o papagaio foi um pouco *excitante*. Estranho, mas *excitante*.

Ela ficou hipnotizada com o alcance da voz, o olhar de divertimento e todo o bônus de cabelo úmido, bochechas vermelhas, braços e pernas expostas graças às roupas de corrida... E agora, abrindo o portão de metal que protegia o vidro da lanonete.

Sofia engoliu seco.

— Daqui a pouco eu desço — ele falou quando entraram no estabelecimento.

Ela anuiu e preferiu não olhar Léo de costas rumo à escada. Nas últimas semanas já havia o visto de costas e isso causou uma bela tempestade na sua cabeça.

Precisava lembrar a si mesma de que eram amigos e colegas de trabalho.

Fez seu trabalho habitual ao esperá-lo: conferiu o progresso e comparou com os planejamentos, depois pôs a mão na massa. No momento, faltava deixar a parede mais lisa, e era isso que fariam hoje, depois partiriam para o andar de cima e...

Sofia franziu o cenho em concentração. Havia alguma coisa tocando ali.

Não era seu celular, porque ela sempre deixava no volume que conseguisse ouvir e seu toque era a abertura de *My Little Pony*.

Ela seguiu o som, uma música de *Charlie Brown Jr.*, e logo soube ser o celular de Léo. Quando viu, ele estava em cima do balcão junto de suas chaves e relógio, o que era tão típico dele de fazer. Sofia não desgrudava do próprio celular um segundo, mas Leonardo deixava o seu em qualquer lugar e duvidava que ele tivesse mais de cinco aplicativos instalados ali.

Olhou para a tela e tomou ar. Charlotte estava ligando.

Sofia pegou o aparelho e subiu as escadas. Sabia que Léo sempre atendia as ligações da mãe e as conversas eram um pouco tensas, pelo pouco que ouviu. Charlotte o deixava ansioso, depois iam se acalmando. Sempre havia uma cobrança

muito grande, então Sofia achou melhor levar o celular logo do que fazer Charlotte ligar umas dez vezes e reclamar depois.

Além disso, Sofia *não queria* atender. Tinha um pouco de medo de Charlotte.

Examinou ao redor e não o encontrou. Léo devia estar no banheiro ou no quarto. Foi até o corredor com pressa, então bateu na porta do quarto e depois do banheiro.

— Léo — chamou alto. — Sua mãe está...

A porta do quarto se abriu e Léo apareceu diante dela.

Sofia quase caiu para trás.

Ele usava apenas uma toalha na cintura, segurando-a com uma mão enquanto a outra estava na porta. Sofia tentou não reparar, mas lá estava o torso de Léo: pele clara, com gotículas de água por toda parte. O cabelo também estava úmido e ele cheirava a sabonete – o mesmo cheiro que Sofia sentia todas as manhãs quando descia do apartamento e ela adorava.

Léo não estava mais tão magro, mas também não tinha grandes músculos. Era um corpo absolutamente comum para as rotinas de corrida, e Sofia achou muito atraente.

Sua voz sumiu e ela percebeu as bochechas dele ficarem vermelhas na mesma hora. *Que fofo.*

— Sua mãe está ligando — falou, gaguejando.

— Obrigado.

Ela estendeu a mão trêmula com o celular e Léo pegou o aparelho.

— Te encontro já.

— Ok.

Ele fechou a porta devagar e, quando saiu de seu campo de visão, Sofia suspirou alto e quis beliscar a si mesma.

Que merda estava acontecendo?, pensou.

Ela desceu apressada e foi incapaz de tirar a visão do torso de Léo da mente. Ele tinha aquela região larga e por algum motivo parecia muito... macia. Sofia não sabia explicar. Ela sen-

tiu vontade de abraçá-lo e ser segurada por seus braços, e de inspirar o cheiro refrescante também.

Isso porque viu só a parte da frente. Ela também tinha uma fraqueza por costas.

— Espera, por que eu tô pensando nisso? — balbuciou para si mesma e apertou os olhos com força. — Foco. Foco. Foco.

Engoliu seco e tentou voltar ao trabalho. Não deu dez minutos e Léo desceu para a lanchonete, todo vestido, *graças a Deus*.

— Desculpa por aquilo.

— Tudo bem — falou, trêmula, e encontrou com o olhar dele. Tinha divertimento ali. — Eu que te peguei desprevenido.

Ele balançou a cabeça, com um meio sorriso agora, como se não fosse nada demais.

— Tudo bem com a sua mãe? — Sofia tentou mudar de assunto, ou eles ficariam nesse vai e vem de “desculpa” e “imagina” para sempre.

— Ela só queria saber como eu estou e se a obra vai bem. Quer que eu volte pra casa mês que vem.

Sofia mordeu o lábio.

— Não tem chance desse lugar ficar pronto até junho, pelo menos.

— Eu sei, mas ela é muito insistente — suspirou. — E está com saudades, só isso.

Sofia entendia. Quando se mudou para Teresina, Isis ligava pelo menos três vezes ao dia por três motivos: perguntava sobre algo que não entendia envolvendo o celular; se ela estava bem e como andava seu dia; e, o mais importante, a pedia para voltar para casa.

— É sua primeira vez morando sozinho — Sofia concluiu, porque não tinha pensado nisso com muito afinho antes.

— Sim.

Ah, então ela compreendia bem.

— Então ainda não sabe se vai mesmo voltar — concluiu por si só. Com o avanço da reforma aos poucos, ela imaginava que Léo pudesse tomar uma decisão, e pelo visto não aconteceu.

Léo parou um segundo, a atenção recaindo num ponto distante.

— Todo dia eu penso nisso.

— Seja como for, — respondeu ela, pegando um martelo no chão — faça isso por você e mais ninguém. Sua mãe vai entender.

Sofia entregou a ele o martelo e Léo absorveu aquelas palavras.

— Obrigado.

Ela apertou o ombro dele de leve, contendo o choque que percorreu seu corpo ao fazer isso. Léo assentiu.

— Vamos voltar ao trabalho.

Alvin e os Esquilos

Nic: uma outra música ficou pronta @Léo!

Nic: [arquivo de áudio]

Nic: finalizamos ainda agora, mas se quiser podemos acrescentar mais alguma coisa

Léo: acabei de ouvir, está ótima :)

Léo: gostei de como tudo ficou, a batida move a música inteira do jeito que eu falei

Ben: mais uma pra lista

Ben: ainda não tenho a menor ideia de como vamos montar um álbum, mas tô trabalhando nisso

Nic: e como vc tá @Léo? Esses dias só anda falando de música e mais nada

Ben: verdade

Léo: tá tudo bem, é que a bagunça da reforma me deixa ocupado

Léo: na verdade, aconteceu uma coisa engraçada

Nic: hmmm

Léo: a Sofia me viu só de toalha hoje

Ben: QUÊ?

Nic: KKKKKKKKKKKKKK

Léo: foi sem querer, eu juro

Ben: sei

Ben: seu safado

Léo: é sério

Léo: meu celular tava tocando e ela me procurou
pra entregar, mas como eu só a ouvi correndo
e batendo nas portas achei que fosse uma
emergência

Léo: quando eu abri a porta nem me toquei desse
detalhe

Nic: e aí ela pediu pra você tirar a mostrar tudo!!

Léo: NÃO

Nic: eu tô brincando

Nic: continua

Nic: vai servir de material pro próximo livro do @Ben

Léo: foi tudo muito rápido, ela ficou com
vergonha e eu também

Ben: mas...?

Léo: ela olhou pra mim e eu travei

Nic: e...?

Ben: para de induzir o menino

Nic: foi vc quem começou

Léo: admito que eu gostei do jeito que ela ficou e vice-
-versa, tô até agora pensando nisso

Ben: viu só

Nic: e como você se sente?

Léo: não tenho certeza

Léo: é tão diferente, eu nunca me senti tão bem com alguém além de vocês, acho que é porque conheço a Sofia faz tempo, mas a gente mudou e estamos no conhecendo melhor agora, e eu gosto disso

Léo: é um sentimento novo

Léo: não tenho a menor ideia do que pode ser, porque todas as pessoas com quem eu já me envolvi nunca deram certo, eu não ficava à vontade de jeito nenhum. Não é como vocês com a Lu ou com a Alice, sabem?

Léo: não sei se consegui explicar o que é

Léo: desculpem o desabafo

Nic: a gente tá aqui pra isso

Ben: prometemos não fazer pressão de novo, queremos que você continue desabafando com a gente, e vamos torcer pelo melhor

Nic: e pra que você entenda o que tá passando :)

Léo: obrigado

Ben: <3

Nic: <3 <3

Ben: nós somos muito fofos

Capítulo 12

Isso conta como um primeiro encontro?

A melodia de *Tiny Dancer* retornava à sua mente de vez em quando e não ia embora até Leonardo tocá-la no piano.

Era uma tarde tranquila de sábado, apesar de não tão silenciosa. Da janela de casa, ele conseguia ouvir conversas paralelas vindas da praça, além de sons de carros e um *reggae* tocando bem mais ao longe. Léo decidiu passar o dia sem fazer muita coisa, apenas limpando a casa e nada mais. Talvez ele assistisse um filme mais tarde, pegasse um livro ou algo assim. Contudo, por hora, ele arrastava as pontas dos dedos pelo piano, brincando com música.

Parou quando ouviu o celular tocando e foi até o sofá para atender.

— Oi — disse, animado.

— Ei, eu tô aqui embaixo — Sofia respondeu.

Leonardo foi direto para a escada.

— Por que? — eram quatro da tarde de um sábado. Eles não trabalhavam.

Sofia fez um barulho engraçado com a garganta, como se desdenhasse.

— Porque meu chefe foi bonzinho e o salário já caiu na conta, aí eu tava pensando em tomar um sorvete na praça. Topa?

Ele não pôde conter o sorriso. Não estava fazendo nada demais mesmo e a companhia de Sofia era mais que bem-vinda.

Já estava na porta da lanchonete, e quando abriu tudo e deu de cara com Sofia do outro lado, ela cerrou os olhos para ele.

— O que é isso no seu rosto? — ela disse, ainda no telefone, enquanto ele abria a porta de vidro.

— Minha máscara de hidratação.

Ela soltou uma risada divertida. Léo usava uma máscara de um tom rosa e brilhante no rosto.

— Não sabia que fazia *skincare*.

Ele deu de ombros e ambos encerraram a chamada. Léo fez um gesto com a mão que indicava o próprio rosto.

— Como você acha que eu sou tão bonito?

Sofia apenas balançou a cabeça meio incrédula. Ele tinha o hábito de cuidar da pele desde novo, quando a puberdade entrou em ação e o rosto ficou pipocando espinhas. A equipe da gravadora tentava apaziguar ao máximo as consequências dos hormônios, tanto para ele quanto para Ben e Nic. Até hoje, Léo achava relaxante ter uma rotina de limpeza de pele, mas focava nisso aos fins de semana.

— Vou só me trocar rapidinho e tirar isso do meu rosto — disse e saiu apressado. Sofia anuiu. Antes de sumir pela escada, virou-se para ela. — Ah, e eu vou pagar o sorvete.

— Mas...

Tarde demais, Léo subiu as escadas.

...

— Então quer dizer que eu não era sua primeira opção de companhia — Léo disse e saboreou seu sorvete. Havia uma bola de cada sabor: chocolate, creme e morango. Muito clássico, mas ele gostava.

— Pois é, a Nanda desmarcou comigo. Está num encontro com aquela menina que não para de falar sobre. Mas... —

fez uma pausa e tomou uma colher do sorvete de maracujá. — Você sempre vai estar na minha lista de prioridades.

— Ah, obrigado. Deve ser muito popular pra ter uma lista.

— Sim. Você, a Nanda e a minha mãe.

— E o Zezo?

— Não quero falar daquele papagaio doido.

Eles riram e continuaram a caminhar pela praça. Léo tentou recordar de mais amigos que fizera na cidade, mas não tinha muitos. O tempo e a distância foram consequências disso.

— Não tem mais nenhum amigo da escola aqui?

Sofia negou.

— As crianças eram horríveis comigo. Uma ou outra era exceção, mas quando comecei a transição foi muito difícil — umedeceu os lábios e olhou para Léo de canto. — Eu só tinha você e os meninos, e era só durante as férias.

Isso o fez ficar em silêncio por quase um minuto inteiro, refletindo. Naquela época celulares já existiam, mas nem ele ou os amigos tinham tanto contato assim. Tudo o que sabiam de Sofia era por meio de notícias breves ou nas visitas durante as férias.

A consciência de que ela passou tanto tempo solitária naquela cidade fez Léo se sentir muito culpado. Sabia que não havia como voltar atrás, mas se ele pudesse faria tudo diferente.

— Eu sinto muito — disse, sincero.

Dois segundos se passaram e Sofia mordeu o lábio, depois disse:

— Que careta é essa, Léo?

— É minha cara de bravo.

— Que medo — zombou.

Léo revirou os olhos e empurrou a cabeça dela para longe, coisa que a fez gargalhar. De verdade, não imaginava como

teria sido para Sofia. Ela comentava pouco sobre a escola quando eram crianças e ele apenas a apoiava do melhor jeito que sabia: estando presente.

Eles continuaram a caminhar pela praça. Era uma tarde fresca e graças às árvores ficava melhor ainda, com muita sombra para eles e para o resto das pessoas. Crianças gritavam e corriam perto dos brinquedos e alguns adultos até acenavam para Léo de longe.

Ele reparou em tudo. Sendo início do mês de maio, algumas casas começaram a enfeitar as entradas para a Festa Junina. Além disso, a própria praça parecia mais colorida, com algumas bandeiras penduradas aqui e ali.

Ao seu lado, Sofia também reparava na mudança. Nesse dia, ela usava um vestido leve e amarelo e o cabelo solto fluía com o vento.

— Agora que sabe o meu segredo de limpeza de pele, tem que me contar um seu — disse e colocou mais sorvete na boca, absorvendo o gosto doce.

— Um segredo... — Sofia refletiu sozinha. Por um segundo, olhou para cima na direção das folhas das árvores e a luz do Sol fez sua íris castanha assumir um tom muito, muito lindo. — Eu gosto de coisas consideradas infantis. Tenho uma coleção de bonequinhos, livros de colorir, e muitas coisas de *My Little Pony*.

— Hmm.

— Gosto muito disso, na verdade. Quando era pequena, ganhava brinquedos “de menino”, e até gostava, mas não era a mesma coisa. Minha mãe achava estranho assistir desenhos animados considerados femininos e só depois foi entender. Acho que é uma forma minha de ressignificar tudo, de me apegar a uma infância que nunca tive.

Léo respirou fundo e brincou com a colher.

— Seu segredo é muito mais legal do que o meu.

Sofia o empurrou de lado e ele retribuiu do mesmo jeito. Era bom brincar com ela assim, ouvi-la dizer coisas que ele não imaginou antes, que não fazia ideia. A vivência deles foi tão distante e Léo perdeu boa parte da vida de Sofia.

Ele queria saber mais. Queria recuperar o tempo perdido e saber como ela se tornou aquela mulher tão divertida e inteligente que era hoje.

— Queria ter estado por perto nesses momentos — ele falou. — Não deve ter sido fácil ir morar em Teresina, depois o divórcio e tudo mais.

— Ah, acho que isso só me deixou mais forte. E pra ser sincera, o casamento e o divórcio foram um saco. Pelo menos você nem chegou a conhecer o Mathias.

Léo torceu a boca. Lembrava de vê-lo apenas em algumas fotos nas redes sociais, e só isso.

— Aliás, desculpa não te chamar pro casamento. Tudo aconteceu muito rápido e...

Ele a interrompeu com um gesto rápido, antes que Sofia se sentisse culpada.

— Não sei o que ele te fez, mas não gosto dele.

Seu olhar baixou por um instante e Sofia começou:

— No fim, acho que só fiquei com ele porque achava que era a única pessoa que podia me amar como eu sou. Tudo é mais difícil quando é uma pessoa trans, e fiquei me agarrando ao Mathias por medo até não aguentar mais. Ele era muito estranho, possessivo e... — ela balançou a cabeça. Enquanto isso, Léo prestava atenção, com as sobrancelhas unidas. — E acho que ele nunca processou o fato de eu ter feito a cirurgia, porque a gente se conheceu antes disso. — Sofia terminou seu sorvete. — Chegava a ser meio bizarro. Ele dizia umas coisas que... Deixa pra lá.

Léo sentiu um arrepio.

— O quê?

— Tipo... — Sofia ficou tímida. — No sexo.

— Ah.

Ela engoliu seco. Léo queria saber, mas tinha vergonha de perguntar.

— Coisas relacionadas à minha vagina ser bem “novinha”. Era uma merda.

— Meu Deus.

Sofia deu de ombros como se dissesse *né?*.

— Claro que minha vagina é nova, mas do jeito que ele dizia... — encarou Léo e sorriu. — Você tá vermelho!

Ele se engasgou nas palavras.

— Claro, você tá falando de vagina — sussurrou, o que provava estar mais envergonhado ainda. Seu rosto ficou quente demais.

— Vagina, vagina, vagina.

— Sofia!

Eles gargalharam e Léo não conseguiu terminar o sorvete, porque derreteu todo. Ele não podia pensar na vagina de Sofia, *meu Deus do céu*. Como eles foram de um assunto para o outro tão rápido?

A risada dela era contagiante.

Léo teve de secar os olhos. Apenas ela para fazê-lo rir daquele jeito até a barriga doer.

— Enfim, — Sofia continuou, respirando bem fundo — ao mesmo tempo que ele gostava desse detalhe, reclamava que eu nunca tinha dinheiro pra ajudar em casa, mas fazer o quê se estou pagando a cirurgia até hoje? — exclamou. — Agora que os meus móveis chegaram e vou terminar de pagar a advogada. Os papéis finais do divórcio foram assinados ontem.

— Isso é ótimo.

Ela sorriu em agradecimento.

— Obrigada. Fazer a reforma com você tá sendo uma salvação. É tudo muito caro e a cirurgia custou quase tudo que eu e minha mãe tínhamos.

Sofia chutou uma pedrinha do chão e Léo recolheu as embalagens de sorvete para jogar no lixo.

— Se importa de eu perguntar quanto foi?

— Oitenta mil — disse, e ele arregalou os olhos. — O plano de saúde, por lei, pagou uma parte, mas o resto fomos só eu e a mamãe.

Leonardo estremeceu. Era dinheiro demais.

— A boa notícia é que faltam só seis mil.

Eles ficaram em silêncio por alguns segundos, até Léo parar o passo e a segurar pelo pulso. Sofia se virou, com o rosto tranquilo.

— Eu posso pagar.

Ela não entendeu de início, então algo muito confuso penetrou seus olhos.

— Quê? Não. Léo, isso... Não. Não pode.

Os ombros dele cederam. Sabia que Sofia podia ser teimosa, gostava de fazer as coisas sozinha, porém não era necessário. Foi assim para trabalhar na reforma, e agora isso.

Para ser sincero, queria ajudar. De verdade. Não seria nada demais para ele.

— Por que não?

— Porque você já foi muito gentil em oferecer um emprego. Agora emprestar seis mil reais, é muito.

— Não vou emprestar, eu vou te dar — ele avançou um passo. Ainda tocando o pulso de Sofia de leve, aproveitou para fazer carinho ali. — Ponto final.

Ela apertou a ponte do nariz com os dedos.

— Não.

— Sofia, — insistiu, fazendo-a olhá-lo nos olhos — a gente ficou distante por tanto tempo e eu quero fazer alguma coisa pra compensar isso. Eu te contratei porque você é ótima no que faz, e quero ajudar a pagar pela cirurgia porque você e sua mãe *merecem* um sossego. Depois do que você passou, deve

ser horrível ter tanta preocupação — Léo tomou fôlego, então organizou as palavras. — E antes que diga qualquer coisa, também não é pra tirar peso de consciência nem nada. Eu quero ajudar porque gosto de você e da sua família.

De novo, muitas palavras de uma vez. Ele estava ficando bom nisso.

Sofia baixou os olhos marejados para as mãos deles, com os dedos quase entrelaçados agora. Léo, num ímpeto, percebeu como o toque era bom. Macio, delicado. As unhas de Sofia foram pintadas uma de cada cor esta semana, que iam do laranja ao preto. Divertidas, como ela.

Por fim, ela chorou.

Apertou bem as pálpebras e chorou em silêncio conforme as lágrimas escorriam. Léo não gostava de ver ninguém chorar, apesar de ter se tornado um especialista nisso. Ele a trouxe para mais perto num abraço inédito e com um choque percebeu que não lembrava da última vez que abraçara Sofia.

Ela chorou em seu ombro e o apertou, trazendo o mais perto possível. Leonardo afagou seu cabelo e envolveu sua cintura. A sensação foi muito, muito boa.

— Obrigada — murmurou contra seu ombro.

Ele anuiu devagar.

— Qualquer coisa por você — murmurou de volta.

Sofia foi parar de chorar depois de um minuto. Ela fungou e secou os olhos, mas não se distanciou dele de início.

Quando a mulher recuou, a ponta do nariz e os olhos estavam vermelhos, tudo inchado de um jeito fofo demais. Ela engoliu seco para se recompor.

— De verdade, obrigada.

— Imagina. — Léo arrumou uma mecha de cabelo dela.

Seu coração martelava tão, tão rápido. Era difícil manter a postura e não sabia bem o porquê.

Ela indicou o caminho de volta para a lanchonete e Léo concordou. Ficaram em um silêncio agradável e, para sua surpresa, Sofia envolveu o seu braço de modo que andassem lado a lado. De repente, uma brisa diferente correu entre ambos e o cheiro das árvores mudou, indicando que choveria em breve.

Chegaram na lanchonete e Sofia parou.

— Quer ir pra cachoeira amanhã? Eu, você, a Nanda e a suposta namorada dela.

Ele fingiu pensar. Fazia tempo que não tomava um banho na cachoeira.

— Claro.

Sofia sorriu e, caramba, parecia um raio de Sol.

— Mas a gente vai no meu carro — completou ele.

— Eu ia sugerir isso.

Eles riram um para o outro, então Sofia o puxou para outro abraço acolhedor.

— Vou falando com você. Tchau.

— Tchau.

Ele a observou atravessar a rua e caminhar em passos rápidos, quase saltitando de tão feliz e também ficou feliz por ela – e por tê-la na sua vida de novo.

Ela era... tudo.

Quando Sofia sumiu de vista, Léo suspirou para si mesmo e apertou bem os olhos.

Ok, pensou. *Se acalma.*

Aquele sentimento estranho e bom no peito nunca o havia atingido com mais ninguém antes. Só podia ser.

Léo tinha certeza absoluta de estar criando sentimentos mais do que profundos por Sofia.

Capítulo 13

Sofia definitivamente está se apaixonando

— Ainda lembra do caminho? — perguntou Sofia.

— Mais ou menos.

— Nem eu. A Nanda vai ajudar a gente, então.

Visto que eles não andavam muito pela cidade desde a adolescência, era normal ter esquecido o caminho da cachoeira. Léo ajudou Sofia a colocar algumas bolsas no porta-malas do carro, um violão, além de comida que ela e dona Isis prepararam.

Eram oito da manhã e Léo nunca esteve tão animado. Ele encontrou uma Sofia do mesmo jeito, usando óculos de sol no topo da cabeça, uma blusa de crochê que escondia um biquíni verde por baixo e shorts jeans. Ele também usava suas roupas mais despojadas e chinelos.

— Chegamos! — ouviu a voz de Nanda. A casa dela não era tão longe, e a jovem chegou carregando apenas uma bolsa e uma sacola com comida, provavelmente. — Pessoal, essa é a Cecília, Cecília, eles são o pessoal.

— Oi — a garota sorriu e apertou a mão de Léo primeiro, que estava mais perto, e ele pegou sua bolsa esportiva. — Valeu.

Sofia puxou a garota para um abraço. Cecília era baixinha, tinha pele negra e usava tranças coloridas e grossas, exatamente o tipo de estilo que Sofia gostava.

— Nossa, você é tão bonita! Adorei o seu cabelo.

— Eu disse — Nanda murmurou, orgulhosa.
— Então já estão namorando ou o quê?
— Sofia! — Nanda brigou e ambas partiram em uma briga de cócegas no meio da calçada.

Cecília ficou tímida e cruzou o olhar com Leonardo, que apenas deu de ombros. A família Azevedo era assim mesmo.

— Tudo pronto! — anunciou e foi entrando no veículo para dirigir.

— Esse carro é ótimo — comentou Cecília.

— Parece um *Transformer* — brincou Sofia.

O trajeto durava entre vinte e trinta minutos e graças às orientações de Nanda, que frequentava o lugar sempre, foi mais fácil.

Ao invés de ligar o ar-condicionado, Léo deixou os vidros abertos para poder sentir o ar fresco da Serra dos Matões e lembrar do quanto amava sua *casa*. Sofia, ao lado dele, não pôde deixar de sorrir com a expressão satisfeita no seu rosto, enquanto dirigia feliz, murmurando a música que tocava no veículo enquanto as meninas cantavam à plenos pulmões.

Sofia umedeceu os lábios e se virou para a própria janela antes que ficasse óbvio demais. Na tarde anterior, quando ele propôs pagar o que restava da cirurgia de redesignação, Sofia chorou na sua frente e mais ainda quando foi pra casa, tão feliz e grata. E não só isso, mas ficou desacreditada do quanto Léo era bondoso e sincero. Ele sempre foi assim e Sofia desconfiava que ele não tinha um pinga de maldade ou mentira no corpo.

Ele só podia ser irreal.

Logo, diversas músicas da playlist de Sofia tocaram por todo o veículo – algo que ia desde BTS, Skank e Rita Lee, até Bob Marley, Semisonic e Taylor Swift. Assim, todos cantaram em plenos pulmões. Sofia deu um sorriso automático, deixou o cabelo ser bagunçado pelo vento e olhou para o semblante animado de Léo.

Ele estava ficando melhor a cada dia.

Isso era ótimo.

Então, ele a encarou de canto e piscou, com um meio sorriso. Sofia absorveu aquilo e guardou.

...

Sofia sorriu para as duas jovens cantando e dançando na água. Cecília e Nanda sabiam todas as letras das músicas do ABBA, cantavam uma para a outra, mas o som estava abafado demais por conta da cachoeira.

Todos chegaram tranquilamente no local e caminharam um pouco até de fato encontrarem a cachoeira. Era belíssima, com água cristalina e fresca. Além de ter árvores ao redor, que faziam sombra. Quando Sofia terminou de ajeitar as toalhas, as bolsas e a comida ao redor, ela suspirou e olhou ao redor. Ficou abismada com o som da água corrente, os pássaros e o farfalhar das árvores.

Aquele lugar era inóspito, calmo, e não havia nada além da natureza. Ela mal se lembrava da última vez que viveu algo assim sem se preocupar com mais *nada*.

Por que quis se mudar e ficar tão longe dali, mesmo?, pensou.

Não soube por quanto tempo observou tudo, mas Léo a tocou no ombro.

— Tudo bem?

— Tô... ótima. Aqui é perfeito — suspirou e uma brisa fresca passou por seus cabelos.

— É mesmo. Não acredito que passei tanto tempo longe. Sofia uniu as sobrancelhas e concordou:

— Pensei a mesma coisa — confidenciou.

Léo umedeceu os lábios. Por um momento, tudo ao redor foi coberto por um manto de paz, onde nada mais importa-

va. Sofia não sabia dizer se ele pensava o mesmo que ela, mas refletiu sobre o que poderia ter acontecido se ambos tivessem retornado à cidade de vez quando ele completou dezoito anos – ou se ela, aos vinte e dois, voltasse logo após concluir a faculdade.

O homem piscou e desviou o olhar, quebrando qualquer tensão entre eles:

— Meu pai adorava vir aqui.

— Eu lembro. Foi ali que o Nicolas rasgou o joelho e chorou por uns quinze minutos, lembra? — apontou para um canto perto da água. — Coitadinho.

— Você ficou rindo.

Sofia revirou os olhos e fez uma expressão engraçada como se não fosse grande coisa. Depois, Nanda e Cecília quiseram correr até a água, e ela brigou mandando passarem protetor solar primeiro.

— Você passa em mim? — Léo pediu e Sofia nem tivera tempo de processar o pedido, porque o homem já estava tirando a camiseta.

Sim, ela caiu em mais um clichê da vida, de novo. Desta vez, observou melhor o torso de Léo, a pele branca de quem não tomava Sol suficiente e alguns sinais de nascença espalhados pelas costas e braços.

Ela não recusou. Ambos se sentaram na toalha enquanto as garotas se divertiam de longe, mas sempre à vista. Sofia se sentia mais velha e responsável por observar a prima e outra parte de si ainda se sentia uma pré-adolescente só por deslizar os dedos na pele macia de Léo.

Engoliu seco diversas vezes, mas conseguiu fazer o trabalho sem ficar tão nervosa, incluindo na região de seu peito largo. Quando entregou o protetor solar de volta, eles cruzaram olhares.

Léo cerrava os olhos para ela. A luz ao redor deixava suas íris mais azuis e bonitas do que o normal.

Sem dizer uma palavra, Sofia tirou a blusa e se virou de costas para que ele também fizesse aquele *super ultra mega* favor.

Sofia esperou de olhos fechados, sentindo a mão de Léo percorrer os ombros e as costas devagar. As risadas de Cecília e Nanda ecoavam junto do som da água e da cachoeira, bem como o vento atravessando as folhas das árvores e espalhando tudo.

Aquilo foi o mais calma que Sofia se sentiu em muito, muito tempo.

— Pronto — ela se virou para o amigo e agradeceu, depois passou um pouco do produto no pescoço e na parte da frente. — Você tá bem mesmo?

— Por quê?

Ele abraçou os joelhos.

— Fica fazendo uma cara.

— É uma cara boa, prometo — Sofia sorriu e chegou mais perto, depois respirou bem fundo. — Estava pensando em aproveitar o presente.

Léo se manteve calado, o que foi sinal para Sofia continuar:

— Ainda não sei o que vou fazer depois que acabarmos a reforma, mas não quero me preocupar quando tenho isso aqui — indicou ao redor. — É bom, muito bom. Quase me arrependi de ter me mudado tão cedo, de ter me casado e ficado em Teresina.

Ele negou.

— Não foi bobagem. Pareceu a coisa certa na época.

— Eu sei — deu de ombros e se deitou na toalha, vendo apenas o céu. Ajustou seus óculos escuros e descansou a cabeça embaixo das mãos. — Mas esse lugar é minha casa, acho que não quero ir embora — Sofia pressionou os lábios com força, pensando. — Talvez eu fique com a minha mãe por muito mais

tempo e tente resolver alguma coisa. Senti saudades dela, da cidade, de tudo, e nem me toquei até voltar.

Sofia estava se encantando com tudo como se fosse a primeira vez e quase nada tinha mudado desde que crescera. Era invejável poder agarrar um sentimento nostálgico e revivê-lo na íntegra – todos os cheiros, ambientes, músicas, sensações. O tempo não passava.

Ela só não podia se prender demais àquilo.

Mas, por hora, precisava de uma cura; precisava não se preocupar com nada pelo menos uma vez na vida.

— Ei — Léo a chamou, observando-a de cima. — Vai dar tudo certo. Tá certa em pensar no presente.

Ela esticou a mão para apertar o braço de Léo numa confirmação.

— Obrigada.

Ambos ficaram em silêncio, só ouvindo a trilha sonora ao redor. Em algum momento, Sofia fechou os olhos e Léo pegou algumas frutas para comer.

Em dado momento, ele riu.

— O que elas tão cantando?

— Abba, — uma pausa. — *Mamma Mia* — disse, e abaixou um pouquinho os óculos. — Nunca assistiu?

— Isso é filme de menina — zombou, e levou um tapa no braço. — Ai! Eu tava brincando! — gargalhou, e Sofia riu junto.

— Mas todas as vezes que vi foi com a minha mãe.

— Hmm. E por falar em música, como andam as gravações?

— Boas, só estamos indo bem devagar com algumas faixas mais difíceis. Eu fico inspirado e quero tentar encaixar piano e violino, além do baixo, mas acabo desistindo.

— Por que?

Ele refletiu.

— Insegurança, eu acho. Não é novidade colocar esses instrumentos nas músicas. A gente já usou de tudo, mas sem-

pre foi ideia deles e não minha. Faço pouca coisa na produção, e nunca intervi em nada porque... Eles são melhores. Eu deixo.

Sofia franziu o cenho e sentou-se de novo só para poder ver Léo mais de perto.

— Que merda você tá falando? — sussurrou, depois falou mais alto. — Você é ótimo! Conhecendo os meninos, eles vão ficar super animados com qualquer coisa que criar pra eles — Sofia examinou o rosto de Léo que indicava hesitação. — Léo, você é muito bom. Mesmo.

Ele desviou os olhos.

— Deve ter sido difícil crescer desse jeito — Sofia concluiu, e uma dor assolou seu peito.

Ele gaguejou.

— Minha mãe sempre quis que eu fosse o melhor em tudo. E eu fui, pra ela. Quando tô com a banda, não sinto essa pressão, então prefiro ficar de fora.

— Mas não devia — Sofia tocou-lhe o ombro. — Podem estar perdendo uma coisa muito boa sem suas músicas. Talvez seja o que está faltando pra finalizar o álbum, já pensou nisso?

Léo não teve resposta para aquilo. Umedeceu os lábios e suspirou, depois segurou a mão de Sofia e apertou, mantendo-a por perto.

Ela esperou. Sabia como ele precisava de um tempo para pensar, processar suas palavras e expor qualquer sentimento. Também sabia que parte daquela hesitação foi culpa de Charlotte, que sempre se impôs demais com o filho e ele se tornou inseguro de tomar uma decisão por si mesmo durante a vida toda.

Exceto com os amigos, em parte. Exceto com o seu pai.

Exceto *agora*.

Léo tomou ar e a encarou. Foi só ali que Sofia percebeu o quão próximos estavam, que se ela se inclinasse um pouco poderia roçar a ponta do nariz no dele, sentir sua respiração e talvez até beijá-lo.

— Vou te mostrar uma coisa, então.

Sofia anuiu depressa e Léo ficou de pé para buscar seu violão.

Ele se sentou e deu uma conferida rápida na afinação. Na mesma hora, Sofia relembrou os momentos que passara junto da Aura. Ainda sentia arrepios só de escutar um simples acorde, alguma microfonia, qualquer coisa.

— Ainda tô trabalhando no instrumental e os acordes são até simples — explicou, então limpou a garganta, claramente nervoso. — A letra também não é...

— Só toca, Léo — incentivou-o.

Ele arrumou a postura de novo. O violão não era seu instrumento favorito para tocar, mas gostava de compor bases através dele ou do piano, pelo que Sofia lembrava.

Léo começou com um ritmo lento que ia de Sol, Si menor, Fá e Dó. Sofia percebeu que ele tentava se lembrar da letra ou apenas enrolava para começar a cantar. A música tinha um toque *folk*, ou quase *country*, ela não tinha certeza. Porém, as raízes do *rock* ainda estavam ali presentes desde sempre e ela conseguiu imaginar uma bateria, um teclado e uma guitarra.

Ele começou a cantar. A voz de Léo era parecida com a de Benjamin em alguns aspectos – rouca, que transitava bem entre o grave e agudo dependendo da necessidade.

*O tempo vai passando como o vento no quintal
As memórias se espalham, não sei acompanhar
A vida tem seus jeitos de mudar
É mais difícil que antes*

*E entre as folhas secas
que caem no chão
Acho pedaços de quem já fui
Nascido e criado pra correr com a maré
Mas sempre volto ao lugar onde minha alma é*

Sofia uniu as sobrancelhas em concentração. A música a lembrava de *casa*, de um passado tranquilo. Ficou nítido o objetivo de Léo em compor aquilo.

Ele chegou no que parecia o refrão. Falou sobre como é difícil voltar para algum lugar até se curar, que todas as cicatrizes ainda estão vivas, em carne, e é necessário ter paciência.

Ele não era mais o mesmo, seus sonhos também não. Tudo mudava rápido demais para acompanhar.

*Ainda tenho sonhos, não são os mesmos
Os dias curtos são lições
Reencontrei alguém buscando novas direções
Mas ela se lembra de mim?*

*Ainda tenho fé, ainda tenho tempo
Os meus irmãos me mantêm de pé
Queria ter meus pais
Que perderam um ao outro*

Sofia engoliu seco e apertou os olhos. Não achava ser possível se identificar tanto com uma letra de música, mas ali estava.

Léo continuou a música, repetindo o refrão mais uma vez, e a cada estrofe ganhava mais confiança, sua voz crescia e os dedos corriam pelo violão. Ele deve ter se esquecido de onde estava agora, porque fechou os olhos e cantou. Não percebeu como uma lágrima escapou pelo olho de Sofia, porque ela se conectou de cara com a música.

Ela se conectou também, em especial, com ele.

Havia paixão na canção. Mais do que isso, aquilo era Léo em seu estado mais puro e bruto, que podia fazer magia com uma música “simples” e com sua voz macia. Foi coisa de outro mundo e Sofia se perdeu ali.

Ele finalizou com a melodia e respirou fundo.

Quando visou Sofia, arregalou os olhos.

— Você tá bem?

Ela piscou para enxugar os olhos. Não conseguia entender como Léo se achava ruim ou incapaz de fazer qualquer coisa, porque era óbvio que ele nasceu para a música.

Não conseguiu falar nada, ficou encarando-o com gentileza, agora encantada por tudo que o envolvia.

Ele era incrível.

Ele era lindo. Não apenas lindo fisicamente, mas a sua alma era repleta de algo bom, que merecia amor. Sofia sempre soube disso e agora tinha certeza. Léo merecia tudo, porque já fora machucado por muito tempo e sofreu sozinho, em silêncio, se mantendo em segundo plano para não incomodar ninguém além de si mesmo.

Com certeza os olhos de Sofia brilhavam de encanto, carinho e algo mais. Algo retumbava em seu peito, tão alto que parecia prestes a explodir. Ela sentiu algo no estômago, e tudo, junto daqueles olhos azuis perfeitos de Léo, a deixaram desarmada. Não tinha mais nenhuma dúvida de que Sofia queria estar perto de Léo, e que queria tê-lo para si porque...

Ela estava se apaixonando, com certeza.

O homem afastou o violão e chegou mais perto para enxugar seus olhos. Por um momento, quando segurou o rosto de Sofia, ela quase ficou sem fôlego. Mas ele riu.

— Não acredito que te fiz chorar.

Ela fungou.

— Foi muito sentimento envolvido.

Aquilo era perigoso. Léo, com um violão – sendo o exemplo mais clichê para fazer alguém se apaixonar –, ainda mais com uma composição tão bonita e tocante.

— Desculpa.

Sofia fez um gesto como se dispensasse o comentário.

— Isso foi perfeito. Você precisa mostrar isso pro pessoal.

Ele ficou em silêncio de novo, agora com o semblante mais calmo, contemplando qualquer coisa que estivesse em sua mente agora.

Então Léo deu um sorrisinho de canto e a puxou para um abraço apertado.

Foi meio desengonçado, mas acolhedor, do mesmo jeito que fizeram na tarde anterior quando ele decidiu ajudá-la. Agora, Sofia foi quem o ajudou. Ela se deixou ser abraçada e envolveu o pescoço de Léo, depois apertou bem os olhos e escondeu o rosto na curva de seu ombro.

Foi bom. Muito melhor do que no dia anterior, de alguma forma. Além disso, era a forma de Léo expressar tudo o que não era capaz em palavras – e Sofia, para o acalento de ambos, era capaz de traduzi-lo como ninguém.

Ela entendeu *tudo*.

A mão dela deslizou por seu ombro nu, depois apertou de leve em incentivo. Mais uma vez, ficou sem fôlego quando notou a proximidade de ambos.

Quando Léo fez menção de se afastar, ambos ouviram um chamado:

— Ei!

Foram interrompidos por Nanda e Cecília, que chegaram espalhando água para todo lado graças aos seus cabelos molhados. Sofia e Léo tentaram se afastar na mesma hora, mas o jeito desajeitado e tímido de ambos apenas piorou a situação: o que devia ser algo simples mudou para puxões leves nos ombros e na cintura, e quando ela tentou se levantar ele a puxou.

Isso resultou em Leonardo caindo no chão e Sofia por cima dele.

O baque não foi grave, a toalha e a grama amorteceram a colisão. O que foi desconcertante foi como ela caiu tão leve

em seu peito, ou que ele a envolveu com os braços na mesma hora com receio de que se machucasse. Durante o susto Sofia apertou os olhos e, quando os abriu, encontrou os de Léo tão perto que a visão fez seu coração quase sair pela boca.

Ouviram Nanda e Cecília soltarem exclamações preocupadas, porém não havia nada a temer. A mão de Léo deslizou pelas costas quase nuas de Sofia; suas respirações se misturaram e ela até sentiu o peito dele subir e descer sem fôlego.

— Você tá bem? — perguntou ele, com a voz rouca e sensibilizada.

Ela quase não falou, só anuiu em resposta.

Se quisesse – ou tivesse forças para isso – poderia chegar ainda mais perto.

Seus pensamentos não importavam. O jeito que Léo encarou Sofia, cheio de algo mágico, também não importava. Devia ser coisa do momento, só isso.

Ela não podia... não. Léo era seu amigo de infância, estava passando por tantas coisas e, além disso, ela sentiu algo intenso por causa desse susto e o jeito protetor que a envolveu e como, de algum modo, seus corpos se encaixavam perfeitamente.

Ela engoliu seco e fez esforço para não prestar atenção nos lábios dele.

— Vem, eu te ajudo — Nanda falou rindo e estendeu a mão.

Ela aceitou e conseguiu ficar de pé bem rápido. Cecília secava o corpo com uma toalha e respondeu, tímida:

— Desculpa o susto.

— Tudo bem — Léo respondeu com um sorriso de canto e suspirou. — Vocês devem estar com fome.

A garota assentiu, e Léo e Sofia quase colidiram um com o outro de novo ao procurarem a comida já posicionada para todos. As adolescentes riram com a cena e Sofia ficou com o

rosto quente. Foi como se tudo ao redor ficasse opaco por um tempo e mal ouviu o que acontecia.

— Por que vocês não foram banhar ainda? — Nanda exclamou e foi direto para os lanches. — Ah, o violão! Posso tocar?

— Só depois de comer.

— Pode sim — Léo respondeu ao mesmo tempo que ela e, em seguida, estendeu a mão. — Vamos?

Sofia aceitou e sentiu a palma calejada de Léo. Ele sempre tivera a pele assim devido aos instrumentos e agora às ferramentas. Pensou que quanto mais avançassem rumo à água cristalina acabariam se afastando, porém ele a envolveu ainda mais num aperto confortável.

— O que foi que aconteceu ali mesmo? — o baixista falou para quebrar o silêncio e, ao encará-la, acabou rindo. Sofia sentiu as bochechas doerem também.

— Não tenho ideia.

Apertou mais a mão dele, depois entraram na água. Ninguém mais falou sobre isso o resto do dia, apesar da sensação continuar instalada no peito de Sofia.

Não podia deixar Léo embaralhar sua cabeça de novo daquele jeito, porque se tivesse um pouco de incentivo poderia beijá-lo, ou pior, e fazer um belo estrago com ele. A última coisa que Sofia queria era deixar Léo mais sobrecarregado.

Capítulo 14

A queda de energia

A semana fluiu bem para Léo e a reforma da lanchonete.

Precisava arrumar alguns móveis e comprar outros, e ele e Sofia passaram os últimos dias colocando cimento, azulejos e lixando outras coisas. Ainda não estava perfeito, mas pelo menos sessenta por cento do trabalho foi feito. Havia muita poeira por aí, e ele não se importava tanto. Acostumou-se com o cansaço, com a limpeza constante e a rotina. Acostumou-se também a olhar bastante para Sofia quando ela não prestava atenção, porque já tinha tanta certeza de gostar dela, que agora parecia tão óbvio. Se ela percebesse, seria meio vergonhoso.

Ainda bem que mais ninguém estava ali para presenciar a cena: Sofia franzia as sobrancelhas em concentração ao olhar o projeto e Léo a admirava por qualquer coisa mínima: o cabelo, o semblante adorável, algum vestido bonito que ela usava e por aí vai.

Ele sentiu que ambos tiveram um momento na cachoeira, mas cinco dias se passaram desde então e nenhum tomou iniciativa. Ele deixou pra lá.

— Parece que vai chover — a mulher observou ao olhar pela janela do apartamento. O céu estava cinza claro, repleto de nuvens pesadas, e ameaçava chover assim desde a semana anterior. Sofia olhou as horas no celular e mordeu o lábio. — Ainda tá cedo pra ir embora.

— Não precisa ficar, eu continuo daqui.

Léo decidiu pintar as paredes da casa e reajustar os móveis de lugar. A sala sempre lhe pareceu acolhedora, mas escura e apertada ao mesmo tempo. De acordo com os ajustes de Sofia, ficaria mais iluminada com poucas mudanças.

Ela apenas negou e continuou com a pintura.

Não demorou meia hora para o céu ficar mais escuro, mesmo sendo cinco horas da tarde; e a chuva caiu pesada, sem cerimônia. O barulho cresceu tanto que deixou Léo arrepiado, e um trovão até retumbou mais ao longe.

— Caramba — Sofia murmurou e se encolheu de susto.

Aquilo só o lembrava de seu pai. José sabia quando ia chover, conseguia sentir o cheiro e ver a diferença do verde nas folhas das árvores. Léo brincava que ele deve ter sido algum tipo de *highlander* na vida passada, e os dois ficavam na sala tocando piano, conversando e talvez jogando alguma coisa.

Sempre chovia nas férias de Léo, no meio e no fim do ano. Era tradição e o simples fato de essa chuva acontecer o deixou um pouquinho feliz.

Então a energia foi embora.

Sofia franziu mais o cenho. Ainda era possível enxergar seu rosto graças ao que havia de luz externa, e não duraria muito tempo.

— Merda.

— Vou pegar umas velas — ele deixou os materiais de lado. — Chega de trabalho por hoje. E você já ficou muito tempo, pode ir pra casa.

Eles se levantaram ao mesmo tempo. Léo olhou para cima, pensativo.

— Na verdade, pode até ser bom. Vou verificar se deixei alguma goteira ou infiltração passar despercebido. Nunca se sabe.

— Léo... — Sofia chamou.

— Vou na cozinha e te deixo lá embaixo — ele seguiu para buscar as velas e fósforos e Sofia o acompanhou.

— Por que você faz isso?

— Isso o quê?

— “Vou verificar se deixei passar despercebido” — ela falou numa imitação péssima de sua voz. — Claro que verificou certo, passou uma semana sozinho nessa casa obcecado com as goteiras e com a eletricidade.

Ele deu de ombros.

— Pelo visto também errei na eletricidade.

Sofia revirou os olhos e assistiu-o acender o que tinha de velas.

— A energia cair não é culpa sua. Acontece na cidade quase toda quando chove forte. Bate um vento e os postes desistem — zombou. Léo a encarou por cima do ombro com um sorrisinho. — É sério. Não precisa verificar nada porque está ótimo.

Ele sabia disso. Talvez Sofia estivesse certa e ele errado, mas seu cérebro ansioso não funcionava daquele jeito. Léo queria fazer um trabalho bem feito, todas às vezes, não importando o que fosse. A insegurança era um tópico constante tratado na terapia e ele ainda não passou por cima disso.

— Além do mais, vou ficar aqui contigo — completou ela.

Ele abriu a boca para protestar, mas Sofia já pegava seu celular para falar com dona Isis.

— Oi, mamãe — disse, e a mulher começou a falar do outro lado. Enquanto isso, Léo acendeu o máximo de velas que pôde. — Pois é, tá chovendo muito e faltou energia aqui também. Vou fazer companhia pro Léo, e se a energia voltar aí primeiro, nós vamos até aí, tá bom?

Ela murmurou mais alguma coisa com Isis, depois desligou o telefone.

— Ela tá bem e a Nanda está lá. Me disse pra não te deixar sozinho de jeito nenhum — riu.

— Só porque tá chovendo?

— Isso.

Dona Isis era engraçada. Se importava tanto com Léo e ele não sabia como receber tanto carinho dela.

— Vamos dar só uma olhadinha pra verificar as goteiras, — Léo pediu, entregando-lhe uma vela no suporte — e aí eu posso fazer o jantar.

Ela semicerrou os olhos, pensando.

— Pode ser. Qualquer coisa pra acalmar sua cabeça paranoica.

— Muito obrigado.

Sofia bagunçou o cabelo dele de propósito e saiu da cozinha primeiro em busca das tais goteiras imaginárias.

...

Acontece que Sofia estava certa. Não havia nada de errado na casa, só a mesma bagunça de sempre.

Os dois fizeram um trato de tomar banho — um em cada banheiro diferente, claro — a fim de tirar todo o suor e sujeira do corpo acumulados durante a reforma e depois irem para a cozinha.

Léo saiu do banho primeiro e já foi tratando de procurar o que fazer para o jantar. Quando Sofia saiu do quarto, usando um conjunto de roupas dele, da época em que estava bem mais magro do que agora, ele precisou desviar o rosto e engolir seco por um segundo.

— Coube?

— Sim — ela desamassou um pouco a camiseta, que ainda era um pouco larga nela, e se aproximou. Sofia exalava o cheiro do sabonete e ficou mais forte quando parou ao lado dele. — O que tem aí?

— Achei carne moída, tem sobras de arroz e vários ingredientes pra salada. Aí a gente podia fazer um macarrão rapidinho, o que acha?

Sofia assentiu em concordância, porque aquela chuva não estava nem perto de passar. As gotas pesadas pareciam pedras indo de encontro ao chão da rua e o farfalhar dos galhos de árvores apenas piorava tudo. Seria um pouco mais assustador se Léo estivesse sozinho e Sofia parecia se incomodar com aquilo também.

Léo apertou o ombro dela num gesto de apoio, dizendo que estaria ali com ela. A mulher anuiu devagar mais uma vez, então ambos dividiram as tarefas na cozinha.

Organizar o jantar foi fácil. Léo e Sofia possuíam uma sincronia invejável desde que começaram a trabalhar juntos, algo que até envolvia comunicação e ação ao mesmo tempo – e isso porque estavam na penumbra agora. A luz amarelada poderia piorar tudo, mas não para eles.

Percebeu estar espelhado em Sofia nas pequenas coisas: ela se incomodava com a chuva, porém não dizia, como se fosse totalmente oposta a ela e preferisse o Sol e calor. Léo não odiava a chuva, mas não a desejava também, e ficava guardando isso para si numa caixinha. Sofia, pelo contrário, não conseguia esconder o descontentamento sempre que um raio iluminava o céu.

— Você tá bem? Quer se deitar? — ele perguntou, preocupado. — Pode descansar e eu fico aqui cuidando de tudo.

— Até parece — Sofia cutucou-o nas costelas e voltou a cortar a salada. Ela tinha uma organização e agilidade impressionantes, não deixava nada sujo, e talvez terminasse o trabalho antes de Léo, se ele duvidasse.

Isso ainda o surpreendia. Não que Sofia parecesse alguém desleixada, é só que ela sempre foi uma pessoa animada, que cantarola sozinha, dá pulinhos de alegria em público e ri alto; se atrapalha ao dirigir e anda com as roupas amassadas, ou odeia acordar cedo. Ainda assim, isso não anulava nada em suas outras capacidades. Ela encarava qualquer tarefa como

seu desafio pessoal, e a concentração era enorme até para cortar cebolas.

— Onde aprendeu a fazer isso? — Léo perguntou, impressionado com o manejar da faca. — Parece coisa de reality show.

— Você também não é nada mau — deu de ombros e sorriu. — Tive que aprender a fazer comida só pra mim quando me mudei e nunca mais parei. Aquela sua amiga que apresenta o programa de culinária também é ótima.

— A Lulu é incrível — falou, lembrando da amiga com carinho. — Se ela conseguiu ensinar o Nicolas, então qualquer um consegue também — brincou.

A frase fez Sofia soltar uma risada alta.

— Meu Deus, o Nic era um desastre no programa.

— Você não faz ideia.

Como era bom zombar de seus amigos pelas costas.

— Eu te ensino a cortar direito se você me contar em detalhes o que aconteceu entre os dois — Sofia propôs. — Tipo, tudinho mesmo. Eles tavam fingindo um relacionamento em rede nacional?

— Aquilo não foi planejado. Mas o Nic era apaixonado por ela desde sempre.

— Que romântico.

Sofia ensinou-o a manejar a faca como pôde, e Léo explicou toda a história de como Lulu e Nic se apaixonaram enquanto *fingiam* estar apaixonados. Falando assim parece complicado, mas não. Na verdade, foi uma época muito interessante e que entreteve Léo por bastante tempo.

Eles mudaram os tópicos das conversas a cada cinco minutos, até não lembrarem de onde começaram.

— Não consigo parar de pensar naquela sua música — comentou ela, olhando o molho para o macarrão. A luz da vela deixava tudo mais apetitoso de alguma forma. — A letra era tão... você. Não deve ser a primeira composição.

— Não é, eu sempre ajudei a compor e escrevi algumas letras, mas nunca mostrei pra ninguém — Léo hesitou. — Como eu já disse, a história da insegurança.

— Pois eu acho que os meninos vão adorar— Um sorriso cresceu lentamente nos lábios dela, e Léo manteve a atenção ali por alguns segundos.

— Vou mostrar. Talvez se eu der uma arrumada antes...

— Léo — repreendeu.

— Ok, eu vou mostrar como está — riu ele.

Os dois misturaram o macarrão ao molho e assim o jantar ficou pronto. Decidiram comer ali mesmo no balcão da cozinha, sentados lado a lado no banco e aproveitando a luz das velas já dispostas. Por sorte, Sofia viu que a cajuína ainda estava bem gelada, então ambos se serviram e comeram em silêncio, aproveitando o barulho calmante da chuva, apesar de estrondoso.

— Isso me lembra a infância, não sei porque — ela falou entre garfadas.

— Deve ser porque aqui chove muito. Quando eu vinha nas férias sempre pegava um pouquinho da chuva de junho.

— Minha mãe diz que é por causa de São Pedro, ele abre a temporada de chuvas e todo mundo começa a plantar e arar — Sofia suspirou. — Eu gosto dessa época. A cidade fica animada.

Léo se encolheu.

— Meu pai nunca foi muito fã de Festa Junina, mas de um jeito ou de outro ele acabava indo um dia na praça ou nos festejos da igreja.

— É a data preferida da mamãe, ela gosta de ver a cidade movimentada, de participar do bingo, fazer comida e dançar — Sofia balançou a cabeça. — E ela é uma péssima dançarina.

Léo não conseguia lembrar se aquilo era verdade ou não, e do jeito que Sofia dizia com humor, devia ser verdade.

— Você não puxou isso dela.

Sofia ergueu a sobrancelha.

— Você nem me viu dançar, só quando a gente era pequeno.

— Não sei, você tem cara de quem sabe o faz.

— Obrigada. A Nanda, por outro lado, é péssima na dança. Ainda bem que a Cecília pode ajudar.

Léo lembrou das duas garotas dançando e cantando ao redor uma da outra no domingo. Foi cômico, mas bonitinho, o modo como as duas se completavam em tudo.

Um pensamento lhe ocorreu e ele mexeu na comida antes de falar.

— Acha que elas vão ficar juntas? — perguntou, com a voz meio abatida. — Não estou falando isso de ruim, é porque às vezes os caminhos mudam. Olha pra gente.

Ele se preocupava com o coração de Nanda. E faltava mais um semestre para ela decidir o que fazer a partir de então. Se sáísse da cidade, Cecília iria junto também e vice-versa?

— É, mas a gente tá aqui agora — Sofia observou, como sempre, uma otimista.

Ela tinha razão. Léo respirou fundo.

— Eu entendo a preocupação. Às vezes a gente se apaixona muito cedo e acha que vai durar pra sempre. Há casos e casos — enfatizou na última parte, apontando para si mesma. — Quando a Nanda disse que estava apaixonada, eu duvidei um pouco porque, enfim, o divórcio mexeu com a minha cabeça. Se tivesse dito o que pensei ela teria ficado bem brava comigo, então fiquei de boca fechada — Sofia mordeu o macarrão e Léo esperou. — Eu pensei em dizer pra ela parar com isso, não se jogar de cabeça e aproveitar os anos de faculdade depois, mas quando conheci a Cecília... Sei lá. Tudo fez sentido.

Léo assentiu depressa.

— É mesmo.

Sofia tomou fôlego.

— Você já se apaixonou? — perguntou, quase que baixo demais, como se tivesse medo. — Eu tô perguntando porque a gente passou muito tempo distante, aí não sei de uma grande parcela do que aconteceu.

Léo suspirou. Aquele era um tópico difícil de expressar.

Mas, em suma, ele podia responder o que tinha certeza:

— Não.

Seu pai sempre dizia que, se Léo tinha dúvida em algo, era porque a resposta já estava escondida em algum lugar. Agora que ele falou em voz alta, fazia todo o sentido.

Seu olhar se afeioou mais ao ver Sofia.

— É complicado. Falei disso com os meninos esses dias e, em resumo, acho que todas as pessoas com quem me relacionei desde sempre nunca foram porque eu estava apaixonado, só porque parecia a coisa certa a se fazer. Passei muito tempo com o Nicolas e o Benjamin e vi eles se apaixonando por outras pessoas ao longo dos anos e achei que devia sentir o mesmo — deu de ombros. — Como se fosse uma obrigação. Se eu não gostava de ninguém então devia ter algo de errado comigo.

Sofia uniu as sobrancelhas em concentração e se arrumou no banco. Por sorte, eles já terminavam o jantar e a comida não corria risco de esfriar demais com tantas conversas.

— Não tem nada de errado com você.

Ele não tinha tanta certeza disso.

— Então por que todo mundo consegue gostar de alguém à primeira vista? Ter uma atração instantânea? Eu nunca consegui enxergar essas coisas, não sei, preciso conhecer a outra pessoa muito bem antes de qualquer coisa, senão parece estranho, errado — fez uma careta, porque de fato lhe provocava algo físico. — Nunca falei isso em voz alta antes.

Ele comentou com os amigos, mas foi algo por cima. Eles lhe disseram para tentar entender esses sentimentos. E

agora, a cabeça de Léo só conseguia pensar em Sofia, em como ela fazia seu coração palpitar bem forte e isso era aterrorizante, porque ele nunca sentiu isso antes na vida.

A reação dela não foi nada do que ele esperava. Ela se inclinou mais no banco e sorriu, tocando-lhe a mão em seguida. Seus dedos eram macios e delicados.

— Léo — falou, quase que sem fôlego. As pupilas corriam de um lado para o outro, inspecionando-o à procura de algo muito único que nem ele sabia o que era. A voz de Sofia era tão delicada, e ele absorveu tudo bem devagar. — Já pensou que você talvez possa ser demisssexual?

Ele piscou algumas vezes, e não soube quanto tempo passou desde que ficou calado. A chuva continuava forte, a mão de Sofia ainda recaía sobre a sua, e não havia nenhum indício de o que ela falava ser brincadeira.

— O quê?

— Você acabou de descrever exatamente o que pode ser. Léo sentiu a garganta seca.

— Já ouvi falar disso, só por acaso.

Sofia se ajeitou mais no banco a fim de ficar de frente para ele.

— É um espectro da assexualidade. Cada pessoa é diferente, claro, mas o geral é isso: você precisa ter um vínculo emocional com alguém antes de dar qualquer outro passo. É totalmente normal. — Sofia fez uma pausa e segurou o rosto dele. — Você é normal, Léo. Não que exista algo como “normal”, mas deu pra entender.

Ele franziu os lábios. O que ela dizia fazia muito sentido e dar um nome àquilo fez o peso sair do peito de Léo.

Foi um alívio tremendo.

— Não sei o que dizer — a voz dele quase não saiu.

Sofia sorriu de canto.

— Tudo bem. Você pode pesquisar melhor sobre isso depois, tentar entender. É um processo longo.

Ela continuou com o carinho em sua bochecha e Léo sentiu o corpo inteiro atento àquilo. Ficou arrepiado, quente, com o estômago se revirando. Aquilo explicava muita coisa.

Léo continuou ali sem se mexer, olhando para lugar nenhum. Ficara com a lateral do rosto iluminada pela vela, a chama tremeluzia de forma tímida. Enquanto isso, Sofia o observava sem deixar de largar sua mão. Só depois de sabe-se lá quanto tempo Léo percebeu que ela fazia carinho na região, girando o polegar bem devagar.

— Vou lavar a louça — ela disse, quase num sussurro, e Léo a puxou de volta pela mão, forçando-a a ficar. De onde estavam, os joelhos batiam um no outro.

— Obrigado por explicar isso — falou.

Pela primeira vez em muito tempo, Léo conseguiu respirar de verdade.

Ele apertou mais os dedos de Sofia, como se pudesse trazê-la para mais perto ainda. Não percebeu estar fazendo isso, ele só queria continuar perto dela, em silêncio ou não, porque aquela mulher era uma das poucas razões pelo qual Léo saía da cama de manhã, tinha energia para o resto do dia e se forçava a persistir. Mesmo com o luto ainda presente no peito, mesmo com a solidão que o rodeava e todo o resto.

Sofia não esclareceu só aquela informação para ele. Ela fazia aquilo com tudo o que tocava. Ela era um raio de luz muito bem-vindo.

Ela não respondeu nada durante um segundo. Apenas olhou para Léo, bem no fundo, como se lesse sua alma sem precisar de tradução.

Estavam tão perto.

No outro segundo, Léo notou a sua proximidade.

O olhar de Sofia recaiu sobre os lábios dele e bastou uma inclinação sutil para beijá-lo.

E Léo quis aquilo.

Foi um beijo delicado, quase singelo demais. Houve o choque inicial de Léo, que fechou os olhos e sentiu tudo em seguida. Quanto mais o beijo perdurava, mais ele queria.

Fez menção de entreabrir a boca e segurar Sofia pelo rosto ou qualquer outro lugar, apenas para trazê-la para perto. O coração bateu tão depressa, e o mundo ao redor ficou em segundo plano, gerando uma supernova de emoções nele, que Léo não soube como reagir. Foi pura felicidade e...

Sofia se afastou num susto.

Ela cobriu a boca, sem acreditar, e ficou de pé em seguida.

— Me desculpa.

Ele gaguejou. Logo agora, não sabia o que dizer.

— Você acabou de... — Sofia bufou, frustrada consigo mesma, e andou de um lado para o outro. Ela saiu depressa rumo à sala. — Desculpa. Não devia ter feito isso.

— O que você tá fazendo?

— Procurando minhas chaves!

Léo engoliu seco, nervoso, e se levantou também. Não conseguiu nem processar o fato de Sofia já estar indo *embora*.

Ela dizia mil palavras que não faziam sentido na cabeça de Léo, porque só pensava no quanto queria beijá-la mais. A mulher desceu as escadas depressa, e ele a seguiu quase aos tropeços.

Não, Sofia não podia ir embora assim.

Léo correu atrás dela.

Capítulo 15

Beijos na chuva são os melhores

Sofia só podia estar alucinando para pensar que beijar Léo poderia ser uma boa ideia.

Primeiro, ele havia acabado de receber uma informação muito importante sobre si mesmo, sua sexualidade – sua própria vida.

Segundo, era o Léo. Seu amigo de infância e, muito provavelmente, seu único amigo mais próximo atualmente. E colega de trabalho. E chefe. Além disso, ele estava passando por um período muito sensível agora com toda a reforma e volta pra cidade. A lista de contras só aumentava.

Ela não conseguiu controlar os ímpetos. Lá estava ele, tão bonito como sempre, expondo todos os seus sentimentos, à luz de velas, e aceitando seu carinho. Ao mesmo tempo que Sofia teve vontade de beijá-lo até ficar sem ar, ela quis abraçá-lo e protegê-lo de todo o mal. Não havia como negar que estava apaixonada – tanto que chegou a criar uma dor física em seu peito. O beijo lhe pareceu certo durante dois segundos, até que ela se lembrou de todos os outros detalhes e se afastou, sentindo-se culpada e envergonhada.

Não aguentou mais um segundo ali, e pela expressão de choque de Léo, ele não deve ter gostado.

— Sofia! — ela o ouviu chamando, mas foi mais rápida do que ele. Destrancou a porta e saiu para a calçada, na chuva mesmo, e cerrou os olhos na direção de seu Fusca.

Soltou um xingamento quando sentiu as gotas geladas de chuva a deixarem encharcada. Bastavam alguns passos para entrar no carro e tentar esquecer o que aconteceu e depois criar uma desculpa perfeita para Léo na segunda-feira, mas ouviu ele a chamar de novo.

— Sofia!

Teve vontade de chorar, porque caramba, aquele beijo tão simples foi perfeito e de aquecer seu coração. Desejava Léo, era mais do que óbvio agora, mas não daria certo. Sentia-se culpada por mexer com a cabeça dele assim.

Léo conseguiu alcançá-la e a puxou pelo ombro. Sofia teve de cerrar bem os olhos para enxergá-lo através da chuva pesada, que começava a deixá-los encharcados por completo.

— Me desculpa! — ela falou alto tentando ultrapassar o barulho ao redor.

Léo balançou a cabeça e acabou por sorrir de canto. Abriu a boca para dizer alguma coisa e Sofia estava pronta para ouvir alguma repreensão. Mas Léo não fez isso.

Como sempre, as palavras lhe faltaram e ele segurou o rosto de Sofia com as duas mãos, envolvendo-a de modo que a fez se sentir como a coisa mais preciosa do mundo.

Ela também não soube o que dizer durante aquele milissegundo antes de Léo a puxar para outro beijo.

Desta vez foi mais intenso, urgente, e comunicou tudo o que ele queria: não queria que Sofia fosse embora tão cedo, desejava tê-la por perto, tocá-la e vice-versa. As pernas de Sofia ficaram bambas, e ela se apoiou em Léo ao puxá-lo pela cintura. O beijo foi longo a ponto de faltar o ar e seus lábios deslizaram um no outro com facilidade por conta da chuva.

Sofia não se importou com mais nada, porque entreabriu os lábios e sentiu a língua de Léo percorrer devagar a sua, agora fazendo uma carícia delicada e forte ao mesmo tempo, exatamente como ele. De repente, Sofia não quis parar. Ainda

não entendia o motivo de ele a querer tanto, mas ela gostou e o beijou mais, como se o próximo segundo fosse o último.

Léo sorriu durante o beijo e se distanciou apenas um pouco.

— Por que você é assim? — repreendeu-a, fingindo estar com raiva, e Sofia piscou confusa e para afastar a chuva.

— Assim como?

Ele balançou a cabeça, desacreditado.

— Impulsiva. Saiu correndo e nem me deixou te beijar lá dentro.

Sofia sentiu um sorriso se formar no próprio rosto.

— Pois é, eu não penso antes de agir, então estou tão chocada quanto você.

Isso o fez gargalhar e pousar um beijo na testa dela e, caramba, Sofia ficou muito feliz. Talvez ela devesse pensar mesmo antes de agir ou falar – ou fugir antes que soubesse dos sentimentos de Léo.

— Agora a gente tá ensopado.

— Isso dá pra resolver.

Então ele a beijou de novo, dessa vez a envolvendo pela cintura. Sofia o abraçou e teve a sensação de que poderia derreter junto a ele. Era melhor do que havia imaginado, mais apaixonante, tudo.

Agora que as peças se encaixavam, Sofia se entregou mais. Percebeu que estava esperando por aquele beijo desde sempre. E pelo jeito que Léo a abraçava, percebeu que *ele* estava esperando por *ela* desde sempre.

Eles quase cambalearam pela rua, porque não queriam sair dali apesar de precisarem. Nem o fato de Sofia realizar seu desejo secreto de ter Léo para se afastar do fato de que aquelas gotas de chuva eram frias e a deixavam com os dentes batendo uns nos outros.

Entraram na lanchonete e Léo fechou a porta com rapidez, desta vez trancando tudo a ponto de não verem o lado de fora e o som da chuva ficar abafado quase que por completo.

Quando ele se virou, foi quase impossível distinguir sua silhueta no escuro. Léo estava ensopado, o cabelo pingava sem parar e sua respiração ficou ofegante – assim como a de Sofia –, e seus olhos, de algum jeito, assumiram um tom mais escuro de azul.

— Você tá bem? — perguntou ela. Queria abraçar o próprio corpo devido ao frio.

Léo anuiu depressa e examinou o rosto de Sofia com atenção.

— Não faz isso de novo, por favor.

— Eu sei — sussurrou. — Devia ter lembrado que você ainda tá tentando se expressar melhor. Entrei em pânico.

— Tudo bem — Léo passou os polegares por cima dos olhos de Sofia a fim de afastar a umidade. — Eu posso te beijar de novo?

Ele nem precisava perguntar.

Sofia o trouxe para perto em mais um beijo intenso. Se queria uma confirmação, ali estava. Isso apenas a fez se sentir mais especial, porque de todas as pessoas que Léo poderia querer, ele gostava *dela*, sentia-se bem *com ela*.

A mulher deu um passo para trás e ele a seguiu na mesma direção, e quase bateu em uma das mesas de madeira cobertas por plástico, causando um ruído alto que assustou ambos. Léo engoliu seco, então observou o cenário e apenas segurou Sofia para impulsioná-la para cima. Agora, ela estava em cima da mesa e trazia Léo para mais perto.

Havia mãos para todos os lados, ela não via quase nada e só queria saber da sensação do corpo dele cada vez mais próximo ao seu, de seu cheiro e dos sons deliciosos de prazer que soltava sem perceber.

— Fica — ele pediu. — Por favor.

Sofia anuiu depressa.

— Você tá gelado.

A camiseta de Léo estava encharcada e ambos não precisaram de muito para decidir o que fazer.

Sofia, incapaz de visualizar bem naquela escuridão, achou uma pena não poder ver o torso dele (mais uma vez). Ainda assim, ele descartou a camiseta para algum lugar e, com os dedos delicados, também levantou a blusa de Sofia.

Léo arfou. Foi um som baixo, mas perceptível. Ele encarou seus seios expostos, porque ela não usava mais nada ali por baixo.

— Você quer mesmo isso, Léo?

— Quero, se você se sentir bem.

Sofia quis dizer tudo o que sentia agora, que estava quase desesperada para tê-lo. Sentia o volume dentro do short de Léo aumentar e encostar nela, roçando a cada centímetro mais próximo dela.

— Eu me sinto ótimo.

Os lábios dele traçaram beijos delicados pelo pescoço de Sofia e ela tomou ar, porque o jeito como ele a tocava era novo e, ainda assim, totalmente certo. Havia desejo, gentileza, deleite, e outros sinônimos. Sofia sempre foi um pouco insegura com seus seios serem um pouco menores do que gostaria, mas Léo beijou cada um deles, lambeu de leve e depois os chupou com tanta vontade que a fez gemer alto.

— Léo — emitiu num sussurro de prazer.

Ele apertou a cintura dela e voltou a encará-la.

— Lembra do que a gente tava falando lá em cima? — murmurou. — Eu quero só *você*. Sempre senti todas essas coisas, ou achei que sentia, mas isso, agora, é real — ele a beijou. — Eu quero fazer tudo com você, Sofia.

Caramba, ela quase desmaiou.

Já sabia que estava molhada.

— Pode fazer — disse, porque foi tudo o que conseguiu pensar, e Léo riu junto dela. — É sério.

— Tudo bem.

Ele apertou suas coxas com força, e Sofia gostou. De algum modo, conseguiram tirar seu short meio folgado e empresetado de Léo, e de novo, ela não usava nenhuma roupa íntima.

Antes de Léo tocá-la de qualquer modo, Sofia o interrompeu.

— Escuta, você precisa saber que é diferente de uma mulher cis — disse, sentindo o coração acelerar de nervosismo. — Mas eu gosto.

— Eu não me importo, de verdade — Léo pousou um beijo em seu pescoço. — E não tô dizendo só porque está escuro aqui.

Sofia achou engraçado e soltou um xingamento. Só de imaginar, pensou que iria desmaiar ali mesmo. Ela entreabriu as pernas de modo automático e ficou ainda mais feliz e satisfeita quando Léo se abaixou para chupá-la.

Foi inacreditável.

Tudo. Sofia não podia acreditar que aquele homem, uma de suas primeiras paixões, a correspondia depois de anos. Sofia tentou esquecê-lo e depois que se reconectaram foi inevitável. Nunca imaginou que um dia Léo sequer lhe daria um beijo, e lá estava ele, praticamente de joelhos, colocando a língua dentro dela.

E era apenas o começo.

Sofia se contorceu de prazer cada vez que Léo mudou o modo que a chupava, com a língua úmida e quente, sentindo seu gosto e pressionando o nariz bem onde ela sentia mais êxtase. Era tão leve e lento, mas num ritmo perfeito. Tanto que Sofia fechou os olhos e se deixou levar pelos sentidos, puxou os fios de cabelo de Léo para indicar como queria e quase gozou ali mesmo.

Aprendeu o jeito que ela mais gostava, a língua quente a chupou de modo intenso, como se Léo estivesse sedento por tudo. Seus dedos firmes e calejados apertaram as coxas de Sofia e ela entreabriu os lábios em choque ao vê-lo de cima saboreando-a sem pressa alguma, apenas sentindo como ela se contorcia sempre que um espasmo de prazer atingia o corpo.

Depois que viu que Sofia não aguentaria mais tanto tempo, ele recuou um pouco e passou a língua nos lábios.

— Podemos subir? Tem coisas que não dá pra fazer em cima de uma mesa.

Sofia respirou fundo e concordou. Não sabia se conseguiria caminhar direito, mas saiu da mesa mesmo assim.

Ela deixou suas roupas para trás e teve dificuldade para ver no escuro, ao contrário de Léo que logo percebeu o problema e disse:

— Eu te levo.

Ele simplesmente a pegou pelas pernas e a carregou como se fosse uma noiva. Sofia logo soltou uma exclamação surpresa e ambos desataram a rir conforme o homem lhe carregava ao subir as escadas.

Ambos tatearam as paredes e riram no processo até a luz das velas surgir no campo de visão. Léo a guiou até o quarto, que não tinha nenhuma vela, apesar de a luz de fora ajudar. Ele abraçou Sofia e a beijou com ternura como se fosse a primeira vez. Na verdade, cada toque *era* a primeira vez e a novidade deixava rastros de excitação por todos os lugares.

Deitou Sofia com gentileza na cama e parecia impossível que os dois parassem de se beijar, porque eles tinham todo o tempo do mundo. Foi a coisa mais romântica que ela já sentiu na vida, porque era singelo, doce, firme e seguro.

— Me dá só um segundo — Léo sussurrou contra seus lábios e a mulher assentiu. Quando foi até a sua cabeceira, ela logo soube que procurava por camisinha. — Sei que tenho em

algum lugar. Tipo... eu nem transo, mas o Nicolas e o Benjamin me enchem a paciência sobre isso porque “nunca se sabe, cara” — imitou o tom de voz deles. — Achei.

Sofia riu com aquilo, porque era a cara daquele grupo falar sobre isso. Pelo que ela entendeu, as únicas relações sexuais que Léo tivera não foram tão prazerosas por conta da falta de proximidade dele com outras pessoas — e isso parecia mudar agora. Ele tinha um brilho divertido no olhar misturado ao cantinho da boca repuxado, o cabelo já fora completamente bagunçado e, para ser bem honesta, Sofia não achou que pudesse achá-lo tão atraente quanto agora.

— Você quer mesmo isso, né? — sussurrou ela quando Léo ficou por cima de novo, e tateou a lateral do seu rosto.

— Quero de verdade — enfatizou ele. — Só você.

Isso provocou arrepios pelo corpo inteiro de Sofia. Ela desejou que fosse devagar para aproveitar o momento, mesmo sabendo que Léo também poderia mostrar mais intensidade. Ele apenas assentiu e a penetrou devagar, e a sensação foi tão boa que ela fechou os olhos por um momento e jogou a cabeça para trás.

Léo gemeu perto de seu ouvido, um som grave delicioso de ouvir que vinha lá da garganta, e cada estocada mais funda os fazia se contorcer um no outro, sentindo prazeres múltiplos perfeitos. Sofia o abraçou e arranhou suas costas, incentivando-o mais.

Ela o beijou em todos os lugares: bochecha, pescoço, seios. Ela o sentiu duro e pulsante dentro dela, admirou os movimentos de seu corpo ao impulsionar-se para frente e para trás, seu cheiro de suor, tudo.

Léo murmurou o quanto Sofia era linda e ao mesmo tempo que ambos desejavam que o momento durasse, queriam sentir o prazer logo.

Ela começou a ver estrelas do melhor jeito possível e sentiu o orgasmo chegar. Não se importou nem um pouco de

aquela ser uma transa sem tantos malabarismos, porque era apenas o que eles precisavam: conforto, conexão e amor. Tudo o que ela queria era ficar perto dele, ouvir seus sons e sentir o calor da pele dele contra a sua. Sofia não sentia tanta confiança em alguém há tanto tempo, e Léo tampouco, que ambos necessitavam disso – alguém que conhecessem bem, que poderiam se agarrar sem medo algum. Isso foi o mais importante.

— Mais rápido — disse ela ao arranhar os ombros e costas de Léo, que apertou sua coxa em resposta.

Sofia estava tão apertada e molhada. O encaixe parecia perfeito demais para ser verdade e todo o quarto ficou tão quente. Uma explosão começou a surgir em Sofia, borbulhou a cada segundo que se dava conta de como Léo a admirava cheio de encanto sob a luz das velas. O som do farfalhar da cama se juntou ao da chuva pesada lá fora e Sofia gemeu mais alto em incentivo.

Bastaram poucas estocadas intensas de Léo para ela se estremecer por baixo dele e exclamar de prazer. Percebeu Léo admirar seu semblante e ele mesmo também não durou muito tempo depois disso.

Ele a beijou de modo intenso e gozou também.

Sofia sentiu-o tremer em cima dela e o corpo quase cedeu. Léo saiu de dentro dela, se deitou ao seu lado e respirou ofegante.

A mulher apertou os olhos com força desejando manter a sensação incrível percorrer seu corpo.

A mão de Léo a puxou pela cintura até ambos estarem entrelaçados de novo. Desta vez, Sofia se aninhou ao seu peito e ouviu o coração bater acelerado. Permaneceram assim, absorvendo a adrenalina disparada e, inconscientemente, continuaram com pequenos carinhos aqui e ali.

— Você tá bem? — ele perguntou num sussurro.

— Sim — respondeu no mesmo tom, então ergueu um pouco a cabeça para encará-lo. — Você gostou?

Léo assentiu e sorriu de canto, quase tímido.

— Sim. Eu me sinto bem. Mais por sua causa, na verdade

— Sofia pressionou os lábios e ele continuou. — Gosto de tudo sobre você e gostei de te ver gozar. Isso... nunca tinha acontecido com mais ninguém antes.

Sofia o beijou, prolongando o toque dos lábios contra a pele dele.

Estava feliz por ele.

Continuaram aninhados num abraço, ouvindo suas respirações e a chuva lá fora. Sofia quase dormiu ali, se a energia não tivesse voltado na mesma hora.

A luz do quarto nem estava acesa, mas eles ouviram a geladeira voltar a funcionar e a luz vinda da sala de estar ajudou a iluminar uma fração do apartamento.

Eles sorriram um para o outro e permaneceram ali até caírem no sono.

Capítulo 16

Uma manhã produtiva...

Léo teve a melhor noite de sono possível. Quando acordou, Sofia ainda estava na cama, em um sono profundo e respirando contra seu peito. Ele nem se importou com o braço dormente, porque ela era tão bonita, e ao se mover poderia acordá-la.

Percebeu que chovia lá fora, e talvez nunca tivesse parado desde a noite passada. Agora era apenas um chuvisco. O quarto estava frio e meio iluminado com as frestas da pouca luz da manhã nublada.

Ele piscou diversas vezes e não quis sair dali. Não precisava, certo? Era sábado.

Voltou a olhar para Sofia. À luz do dia, ela era ainda mais bonita. Ficou feliz por ela ter tomado a iniciativa, porque ele não saberia nem por onde começar. Era incrível que ela o correspondesse da mesma forma, além de todo o resto que foi consequência disso tudo.

Ela se espreguiçou e o abraçou de novo. O cabelo estava todo bagunçado porque se mexia demais durante a noite. Até o lençol ficou todo amarrotado e Léo teve vontade de rir no momento que a mulher abriu os olhos.

— Droga — ela grunhiu.

— O quê?

— Para de rir! Eu tava babando em você.

— Eu não tô rindo — zombou, porque não conseguia esconder o divertimento.

Sofia fez uma careta e recebeu um beijo na testa.

— Bom dia.

— Bom dia — ela coçou os olhos.

— Acho que vou tomar banho e arrumar a bagunça da cozinha de ontem — murmurou Léo, prestes a sair da cama, mas Sofia o puxou de volta.

— Espera aí. Fica mais um pouco.

Ele se aconchegou mais nela e não se importou em ficar ali mais alguns minutinhos.

— Como que você tem tanta disposição de manhã? — ela murmurou. — Vamos esperar mais dez minutinhos.

Ele observou o próprio dedo tracejar a pele branca e macia de Sofia, devagar, até parar na base do estômago.

Notou que ela sentiu um arrepio e escondeu o rosto.

— Léo...

— Eu tenho mesmo bastante disposição de manhã — brincou.

— É mesmo?

Ele anuiu devagar e lhe deu um beijo profundo que logo fora correspondido. Léo jamais sentiu isso com ninguém e desde a noite passada se impressionou com a facilidade que foi beijar Sofia, como os seus toques pareciam feitos um para o outro.

Ele entendeu agora. Entendeu porque os amigos falavam tão apaixonados sobre suas namoradas — porque Nic topou trabalhar com Lulu mesmo sem conhecê-la, apenas para ficar perto dela; ou porque Ben escreveu dezenas de músicas para Alice mesmo antes dos dois sequer terem se beijado.

Léo queria fazer de tudo por Sofia. Queria cuidar dela, mantê-la segura em seus braços e ouvir sua voz o dia inteiro; queria fazer músicas para ela, cozinhar suas comidas favoritas e beijá-la até ficar sem fôlego. Ele *sempre* quisera isso.

A mulher envolveu o pescoço dele num abraço e Léo sentiu os seios contra seu peito. Ambos ainda estavam nus da

noite passada e as peles pareciam tão mais macias do que o normal que era impossível não querer ficar abraçado.

Sua mão deslizou pela cintura e quadril até atingir a região entre as pernas. Com os dedos, ele fez uma leve pressão ali e ouviu o arfar singelo de Sofia ao mesmo tempo que fechou os olhos com força. A mão dela apertou o ombro dele em incentivo e Léo a estimulou mais um pouco.

Viu a língua dela umedecer os lábios macios e se entreabrem. Enquanto isso, Léo a observou mais afastado, deliciando-se apenas com a visão de como ela sentia prazer: as sobranças levemente unidas, a respiração que começava a ficar desregulada e o quadril que subia a cada segundo.

— Léo — ela gemeu baixinho e puxou o cabelo dele na região da nuca.

Percebeu que queria aumentar o ritmo, então ele usou o polegar para pressionar o clitóris e a penetrou devagar com um dedo de cada vez. Assim que Sofia sentiu, jogou a cabeça para trás e pressionou as unhas com mais força na pele dele.

Léo se sentia tonto de prazer apenas por vê-la. Gostava do corpo dela, de como se movia, de suas curvas e pequenos sinais de nascença. Depois, um xingamento saiu baixinho da garganta rouca dela e isso quase o fez gemer de volta.

Inclinou-se para chupar um dos seios sem interromper o mover dos dedos. Sofia se agitou mais embaixo dele, puxou seus cabelos e fez mais força com os quadris para senti-lo mais fundo ainda.

Então, ela puxou seu rosto.

— Léo, — disse sem fôlego, rosto vermelho e adorável. — Coloca a camisinha.

Ele respirou fundo e assentiu, depois procurou o preservativo restante na gaveta e fez uma nota mental de comprar mais depois. Sofia continuou a estimular a si mesma sem tirar os olhos dele ou de como Léo estava duro e enorme.

A mulher se virou de costas e ergueu um pouco a perna, e isso quase o desestabilizou. Ter a visão de suas costas e bunda, naquela luz do dia, era ainda melhor. Léo se aproximou por trás e também se deitou, depois pressionou os dedos em Sofia e a deixou mais molhada.

— Isso — ela falou mais e mais, então ambos se ajustaram para que a penetrasse.

Quando Léo sentiu Sofia por inteiro, ele mesmo gemeu contra seu ouvido – algo rouco, profundo –, e tê-la tão quente, apertada e trêmula foi mais do que perfeito. Ela também gemeu contra o colchão de modo alto assim que ele estocou e saiu.

— Pode falar alto, sabe — ele disse em seu ouvido e a penetrou de novo, então Sofia obedeceu. — Eu gosto.

Ela achou ótimo e, por isso, usou a força da garganta para projetar o som que viera guardando. Léo ficou arrepiado da cabeça aos pés e continuou os movimentos, sempre seguindo Sofia pelo quadril, bunda, ou subia até a cintura ou seio. Enquanto isso, a mulher fraquejava ainda mais, cedendo ao prazer de um modo tão apaixonante que Léo quase gozou antes dela.

Mas não, ele precisava esperar ela primeiro. Queria ver sua reação.

— Ai, meu Deus... — um sussurro fraco saiu dos lábios de Sofia, e ela puxou a cabeça de Léo mesmo estando de costas. — Isso!

Ele continuou o ritmo, e quando sentiu o interior de Sofia se comprimir, quente e molhado, apoiou a testa no pescoço dela e sentiu o próprio orgasmo também.

Ambos tremeram ao mesmo tempo, Léo a segurou com força e fechou os olhos. Ouviu a respiração densa de Sofia se transformar em algo mais leve e logo depois o mundo voltou a ser iluminado. Antes, sua visão ficara repleta de pontos pre-

tos e estrelas, tudo dissolvido exceto por Sofia, sempre muito concreta.

Após o que pareceram minutos, ele abriu os olhos e percebeu que suas respirações voltaram ao normal.

— Você tá bem? — murmurou para ela, que assentiu e se virou de frente para ele. Léo tirou o cabelo suado da testa dela, e a mulher fez a mesma coisa com ele. — Posso te contar um segredo?

Sofia anuiu. Ela tinha a boca inchada e vermelha, olhos enormes e a pele branca corada em pontos específicos. Quando o abraçava daquela maneira, parecia o lugar perfeito, como se Léo tivesse sido feito apenas para caber ali.

— Eu sempre fui apaixonado por você.

As pupilas dela ficam maiores do que o normal. Os lábios se entreabriram, e ela tocou a ponta de seu queixo, ainda em choque. Percebeu que Sofia parou de respirar por um segundo.

Então, ela deu um sorriso lento que mais parecia uma obra de arte. Léo ficou feliz por aquilo ser direcionado apenas a ele.

— Léo — murmurou, alternando o olhar entre seus olhos e sua boca. — Isso não é segredo.

Ele riu e soltou ar pelo nariz, então Sofia o puxou para um beijo.

...

Mais ou menos duas horas depois, Sofia e Léo conseguiram sair da cama, tomar banho e fazer o café da manhã.

De novo, Sofia teve de usar uma de suas roupas e isso deixou Léo com vontade de tirá-las de novo. Não podia acreditar que estavam mesmo ali, depois de terem tocado cada centímetro do corpo um do outro. Léo preparava o café da manhã na cozinha, enquanto ela arrumava o balcão e comia torradas,

ao mesmo tempo que tentava falar sobre qualquer assunto que lhe vinha à cabeça.

Sofia falava animada; Léo escutava. Isso os definia mais do que qualquer coisa. Ele adorava o som de sua voz, em especial quando sorria e comentava sobre seus gostos.

— Não sei se você vai assumir a lanchonete, — ela falou entre um gole de café e outro — mas tem talento pra isso.

— Administrar?

— Também, e cozinhar.

Ele deu de ombros. Achava suas receitas simples, tudo o que aprendeu foi com José e outras coisas com a internet ou assistindo o *Chef em Casa*. Gostava de ficar na cozinha, de experimentar e focar apenas naquilo. Era quase terapêutico, na verdade.

Em casa, em Teresina, ele não tinha liberdade para cozinhar além de fins de semana. Léo percebeu que quanto mais ficava em Pedro II, menos queria voltar à capital. Eram detalhes simples, mas que faziam toda a diferença.

— Não sei se consigo administrar um negócio.

— Mesmo sendo pequeno?

— Tenho medo de ficar ansioso demais e estragar tudo.

Sofia balançou a cabeça e deu um meio sorriso.

— Você está ansioso porque acha que vai ficar ansioso?

— Isso — riu.

— Acho que vai gostar de ocupar a mente.

Talvez ela estivesse certa. De qualquer modo, ainda havia o restante da obra. Ele não queria pensar nisso até estar pelo menos no fim dela.

Eles terminaram o café da manhã. Lá fora, a chuva parou e deixou uma sensação agradável no ambiente. Com as janelas abertas e o cheiro de terra molhada entrando no apartamento, Léo sentia vontade de tocar piano ou de dormir o dia inteiro.

Ele lavou e guardou toda a louça com Sofia, depois de

fato ficou no piano tocando o que lhe viesse à mente. Ainda eram nove da manhã, não teria de pensar no que preparar para o almoço por hora.

— Acabei de lembrar que deixamos as roupas lá embaixo

— Sofia disse e riu ao chegar na sala.

Léo se virou e franziu o cenho para as roupas de cama que Sofia carregava nos braços.

— Tava arrumando o quarto?

Ela anuiu.

— Não precisa fazer isso.

— Oxe, mas tá bagunçado.

Léo ergueu a sobancelha. Seu coração bateu depressa.

— Vamos bagunçar tudo de novo mesmo.

Sofia riu de nervosismo e foi uma graça vê-la tímida. Ela se aproximou por trás e o beijou na bochecha.

— O que está tocando?

— *Tiny Dancer*.

Ele murmurou ao apertar as teclas do piano bem devagar, e Sofia o abraçou. Teve a impressão de que podia passar o dia inteiro daquele jeito.

Quando terminou e começou outra, Sofia o beijou de novo e disse que iria buscar suas roupas lá na lanchonete rapidinho. Ele assentiu e se manteve no mesmo lugar, tocando a música que sabia de cabeça.

Não demorou um minuto para Sofia voltar correndo pelas escadas e parar ofegante no meio da sala de estar. Léo parou de tocar e arregalou os olhos.

— O que foi?

— Hmm — engoliu seco. — A sua mãe está aqui.

Capítulo 17

Tem como não gostar de um lugar onde a Polícia Municipal anda de bicicleta?

Eles piscaram um para o outro e Léo se levantou rápido. Não sabia o que fazer primeiro, então disse que iria descer.

Parou no meio da escada.

— Você pode vir comigo?

Ela assentiu, tão assustada quanto ele, e foi mesmo assim.

Léo respirou fundo, lembrando de todas as técnicas que aprendeu para controlar a ansiedade. Detestava não saber o que estava por vir e sua mãe era ótima em fazer surpresas e ir atrás do filho sem ser chamada.

Chegou na lanchonete. Charlotte estava como sempre: a pele negra perfeita, praticamente sem maquiagem, o cabelo encaracolado e volumoso solto, saltinho e roupas sociais leves, além de uma bolsa gigante na curva do braço. Examinava o lugar com atenção, desde o teto até o chão, e quando a visão recaiu sobre o filho, respirou com alívio.

— Léo — disse e caminhou até ele, os saltos fazendo *toc toc* a cada passo.

— Mãe, — ele foi envolvido por seus braços fortes e familiares. Charlotte gostava de balançá-lo de um lado para o outro, e Léo a abraçou de volta. — A senhora não disse que estava vindo.

— Eu sei, mas se tivesse avisado você teria insistido para não vir — Ela se distanciou e o encarou da cabeça aos pés. — Você engordou. Que bom.

A visão de Charlotte recaiu sobre Sofia e ninguém soube interpretar o que sentiu. A mulher assentiu para ela.

— Desculpe não ter apresentado vocês antes. A senhora lembra da Sofia, né?

— Lembro, sim — Charlotte esticou a mão e Sofia a cumprimentou. — Tivemos um susto rápido, mas já passou. Como você está bonita, querida.

— Obrigada — caramba, ela ficou vermelha.

— É bom saber que vocês estão... — Charlotte os analisou, percebendo de cara que Sofia usava as roupas dele — *fo-cando na reforma*.

— Mãe — repreendeu.

— Desculpe.

Sofia limpou a garganta. Não precisava ser um gênio para juntar as informações ao redor — em especial Sofia que recolheu o short de Léo que estava apoiado em uma das cadeiras da lanchonete e logo em seguida abriu a porta para Charlotte entrar no local.

— Vou pegar minhas coisas e ir pra casa — disse ela, apertando o ombro de Léo, depois recuou.

— Espera.

Eles se distanciaram um pouco de Charlotte e sua mãe, ainda bem, os deu privacidade. Léo segurou o rosto de Sofia.

— Você está bem? Ela não te disse nada ruim, né?

— Não! Não. Eu tô bem — sorriu e anuiu depressa. — Vou deixar vocês conversarem, tá bom? Não quero atrapalhar nada e a minha mãe deve estar preocupada mesmo que eu tenha mandado mil mensagens ontem — Sofia beijou-o. — Qualquer coisa é só me ligar.

Ele concordou apesar de não querer que fosse embora. Sofia só pegou o celular e a chave do carro, então se despediu e saiu pela porta da lanchonete. O tempo todo, Léo tentou se manter firme, mas quando ouviu o som do Fusca indo embora, seus ombros cederam.

— Estão fazendo um ótimo trabalho aqui, de verdade — Charlotte falou e passou o dedo pelo balcão, depois esfregou a poeira dos dedos. — Vão terminar rapidinho.

— Mãe — Léo disse, com um tom mais zangado na voz. — Por que a senhora veio e por quanto tempo vai ficar? Eu tenho que preparar um quarto aqui ou...?

— Calma — ergueu a mão. — Já estou em um hotel e reservei por uma semana, mas talvez fique mais um tempinho. Decidi tirar minhas férias mais cedo e já avisei a empresa. Não vou ficar *aqui* por motivos que você já sabe.

Charlotte cruzou os braços ao proferir a última frase, e Léo revirou os olhos. Claro que ela poderia ficar fora da cidade por quanto tempo quisesse, afinal a empresa era sua, e os advogados poderiam sobreviver sem ela. Quanto ao fato de não ficar na casa, era pelo fato de ela ter prometido não subir naquele apartamento de novo. Memórias demais.

Charlotte conhecia cada canto daquele lugar tão bem quanto Léo. Cuidou e criou o filho em seus primeiros anos ali e jamais retornou desde que se mudara. Aquele era o máximo que já havia entrado.

Léo apertou a ponta do nariz com força.

— A senhora é impossível.

— Só porque vim sem avisar?

— Isso! — exclamou. — Como que ainda não sabe disso? Veio aqui verificar por conta própria se estou bem mesmo que eu tenha insistido que sim! Daqui a meia hora vai propor que eu contrate alguém pra terminar a obra e depois me convencer a voltar pra casa.

Ela negou devagar.

— Parece que está ansioso de novo.

Léo sorriu de escárnio.

— A senhora me deixa ansioso.

— Eu?

— Não é culpa... — pausa. — Ok, *é* culpa sua. Parece até que faz de propósito.

Ele andou pela lanchonete sem rumo, evitando olhar para Charlotte e aquele semblante que tanto conhecia. Ela não gostava quando não conseguia ler o filho, saber suas emoções e pensamentos.

— Sabe que eu vim depressa porque estava com saudades — disse ela, e ele parou para respirar fundo. — E porque eu te amo.

— Eu sei, mãe, e também te amo. Mas não tem nada a ver com isso.

Léo se apoiou no balcão. Na vitrine, os vidros foram substituídos e anos antes ali eram expostos todos os tipos de lanches, desde os salgados aos doces. Se ele se esforçasse um pouco conseguiria até lembrar onde cada item era exposto.

Ouviu o som dos saltos dela pelo recinto, então Charlotte o puxou para um abraço. Ela ainda era um pouco mais baixa do que Léo e ele apertou os olhos durante o gesto, porque sentiu falta do toque acolhedor, do cheiro, e sabia que não queria brigar com a mãe a ponto de deixá-la chateada.

Léo já havia perdido o pai. Charlotte era tudo o que ele tinha.

— Prometo que não vou atrapalhar — disse ela, contra seu peito, enquanto esfregava suas costas. Léo anuiu em resposta. — Estão fazendo um trabalho muito bom, *é* verdade. Não sabia que tinha talento pra isso.

Léo sorriu.

— Aprendi tudo com o papai e a Sofia também fez a maior parte.

— Que ótimo.

Charlotte beijou-o na bochecha. Lá no fundo, Leonardo ainda não se sentia tão à vontade com ela ali, como se uma peça no quebra-cabeça estivesse errada. Charlotte não combi-

nava mesmo com aquele lugar, talvez com aquela cidade. Ele só não tinha como saber se isso era um fato desde sempre ou se Charlotte foi se moldando com o tempo, eliminando suas raízes e se distanciando mais e mais de Pedro II.

Vê-la parada na sua frente foi mais do que uma confirmação. Anos de dúvidas e ressentimentos pelo divórcio dos pais foram quebrados naquele momento. Era tão óbvio.

Léo só lamentava o quão triste seu pai tinha ficado. Ele amou aquela mulher, nunca a esqueceu nem no último dia de vida e ela deixou tudo para trás.

— Vamos passear um pouco — sua mãe sugeriu, quebrando sua linha de pensamento. — Vai ser melhor pra nós dois se eu não ficar aqui por tanto tempo.

Ele engoliu seco.

— Por que?

Charlotte deu de ombros e arrumou sua bolsa no lugar antes de seguir pela porta. O filho a seguiu, pegando apenas a chave e o celular e a acompanhando.

— Porque esse lugar é importante pra você e era pro seu pai também. Desde que nos divorciamos achei melhor não voltar, nem mesmo agora. Só queria ver se você estava mesmo bem, que a obra está indo pra frente.

Antes de ambos saírem, Charlotte deu uma olhadela na lanchonete e Léo quase viu o fragmento de um sorriso no canto de seus lábios.

Devia ser nostálgico para ela. E Léo sentiu alívio ao notar um pouco de felicidade e brilho no olhar.

Ela limpou a garganta e piscou, indo para a calçada de uma vez. Quando Léo vinha passar as férias na cidade, a maioria das vezes vinha de ônibus sozinho, e nas poucas vezes onde Charlotte o trazia de carro, ela nem saía do veículo. Estacionava ali na frente e garantia que o filho entrasse na lanchonete para ver o pai.

Charlotte e José não trocavam nenhuma palavra um com o outro, nem quando Léo estava doente. Falavam por mensagens de texto, avisando se o garoto pegara alguma gripe ou se machucara o joelho brincando. Apenas isso. Aquilo sempre partiu o coração de Léo. Quando era criança, nem tinha esperanças de que eles pudessem voltar a ficar juntos. Sempre foi impossível demais.

Ele ofereceu o braço para Charlotte, que entrelaçou o seu ao dele e logo ambos caminharam rumo à praça. O chão estava molhado e a chuva foi embora. Tudo cheirava à terra molhada e uma leve brisa fria percorreu ambos.

— Eu gosto daqui — comentou, cerrando os olhos para admirar as folhas das árvores altas. — De verdade. Tem como não gostar de um lugar onde a Polícia Municipal anda de bicicleta?

Charlotte o encarou com a sobrancelha erguida e Léo soltou uma risada. Se fosse Sofia teria rido também, porque uma vez viu a polícia e os achou “focos”.

— Eu sei — suspirou a mãe. — Quando era pequeno mal podia esperar pras férias chegarem, e quando voltava, ficava uma semana falando sobre tudo o que fez. — Charlotte mordeu o lábio. — Nunca consegui competir.

— Não era uma competição.

Ela ergueu a sobrancelha e foi o suficiente.

— Mãe, eu amo vocês dois.

— Sempre foi parecido demais com ele — continuou, como se a frase do filho fosse irrelevante. — Por isso se davam tão bem. Aos poucos, entendo o motivo de querer fazer isso por ele e é um lugar que combina com você, por mais que eu não goste de admitir — Charlotte o encarou de cima à baixo.

Léo não conteve uma risadinha. Usava as mesmas roupas de sempre que gostara. Quando queria estar mais casual, usava só uma camiseta larga, bermuda e chinelos. Charlotte

nunca gostou muito, mas ali, na cidade, fazia sentido e combinava.

— Só dá um jeito nessa barba, por favor — reclamou e passou a mão na lateral de seu rosto.

— Mas eu gosto.

— Não, filho. Não. Ano passado, quando você começou com isso eu até deixei passar, porque achei que seria temporário, mas agora tá saindo do controle.

Ele riu mais ainda.

— Saindo do *seu* controle.

— Sim!

Ele fez uma careta e sentiu os pelos que, de fato, precisavam ser aparados. Com toda a correria e cansaço, acabou esquecendo.

Os dois passaram na frente de um comércio aberto e Léo cumprimentou o dono com um aceno breve. Continuaram o caminho sem rumo e até descansar em um banco estava fora de cogitação por conta das gotas de água sobre eles.

— A senhora se preocupa demais. Fora a minha barba, tá tudo bem por aqui. As pessoas são gentis, lembram de mim e do papai, e os lugares não são tão longe uns dos outros se preciso comprar alguma coisa.

Charlotte dispensou o comentário.

— Antes pelo menos eu sabia que estava bem aqui, com *ele*, e agora não acho bom ficar sozinho.

Ela nunca dizia o nome de José.

— Eu tenho a Sofia — respondeu, e logo algo fez seu coração saltar. — A mãe dela é ótima também. Não estou sozinho.

Charlotte fez um bico.

— Eu percebi — enfatizou, e sorriu logo em seguida. Na mesma hora, Léo ficou vermelho como uma pimentinha. — Aliás, quando isso começou?

— Quer mesmo falar disso comigo? — gaguejou.

— Quero. Esse tipo de coisa não acontecia lá em casa. Se queria levar alguém pra lá era só avisar, sabe, eu sempre fui muito aberta...

— Mãe — Léo suspirou. — Não é isso. Eu e a Sofia já éramos amigos antes. Mas eu gosto dela agora, e... — caramba, como era difícil dizer tudo aquilo para ela. Com Charlotte, tudo requer um pouco mais de esforço. — Eu nunca me senti assim antes com ninguém.

— Hm.

— Não faz tanto tempo, mas ela é especial.

Charlotte pressionou os lábios com força. Ele achou melhor não mencionar que beijou Sofia pela primeira vez há menos de vinte e quatro horas.

Apesar disso, ele tinha certeza de seus sentimentos por ela há muito, muito tempo.

Talvez desde que a tenha visto pela primeira vez desde sua volta à cidade. Ele só estava distraído demais para perceber e refletir sobre isso antes.

Sua mãe prolongou um silêncio preocupante.

— A senhora não aprova?

— Claro que aprovo! Estou feliz por vocês.

— Mas...?

Léo torceu para que Charlotte não dissesse nada preconceituoso. Ela nunca foi assim. Nunca.

— Ela está morando aqui permanentemente ou não? Se ficarem juntos e ela quiser continuar na cidade, você vai ficar também? E os seus empregos?

O coração de Léo disparou.

— A gente não conversou sobre isso.

O olhar de Charlotte se esmaeceu aos poucos.

— Talvez deversem. Você não sabe se vai ficar mesmo. A melhor decisão é voltar pra casa comigo, na minha opinião.

— Claro. — revirou os olhos quando ela não estava prestando atenção.

Léo passou tempo demais se deixando ser mimado por Charlotte, vivendo sob sua asa. Não se recusou a nada que a mulher propôs desde pequeno, sempre obedeceu e foi bem na escola, fez aulas de piano e violino, chegou a tocar numa orquestra e ainda teve sorte de poder sair em turnê com os amigos quando se tinha uma mãe tão protetora. A agente da banda teve umas boas dores de cabeça ao conversar com Charlotte todos os dias para atualizá-la da situação do filho.

Charlotte nem reclamou quando Léo não fez faculdade. Nic e Ben ainda passaram em universidades públicas e seguiram carreiras diferentes e, enquanto isso, Léo continuou a praticar seus instrumentos, a fazer terapia e torcer para os meses de junho e novembro chegarem para visitar o pai.

Desta vez, a única barreira e linha de comunicação entre a mãe e o filho era o próprio Léo. Ele podia ditar o que fazer, informava o que queria e, se fosse bem honesto, diria que estava se saindo muito bem sem ela.

Mas ele não disse nada sobre isso. Não queria magoá-la.

Durante toda a sua vida, Léo fez tudo pelos outros. Fez o que foi necessário com a Aura; se manteve perto de Charlotte; ajudou o pai nos últimos dias de vida. E agora?

Agora ele podia *escolher*.

Léo e Charlotte fizeram todo o caminho de volta para a lanchonete e conversaram sobre os detalhes da reforma. Ele não disse nada além daquele assunto mais seguro para ambos; manteve tudo para si mesmo assim como fizera durante a vida toda.

— Vou para o hotel descansar um pouco — falou ela antes de entrar no carro. — Posso passar aqui e te buscar? Podemos almoçar juntos, dar uma volta pela cidade. Podemos ver o Morro do Gritador! O que acha?

Seria bom turistar um pouco. Além da cachoeira, ele ainda não saíra muito daquela parte da cidade mesmo.

— Tudo bem.

Ela lhe deu um beijo na bochecha e entrou no carro que era tão grande quanto o do filho.

Apenas quando ela dobrou a rua, Léo escondeu o rosto nas mãos e soltou um grunhido alto demais.

Os próximos dias seriam difíceis.

Capítulo 18

Mães e seus superpoderes de telepatia

Sofia voltou para casa torcendo para que ninguém a visse naquelas roupas.

Ela não teve muito tempo para pensar antes de sair da casa de Léo, tinha se assustado o bastante com a batida no portão e, quando abriu, viu que era Charlotte. A mulher a encarou com o semblante confuso antes de mais nada e Sofia também não soube mais como se mexer ou pronunciar qualquer sílaba. Ela só não carregava a própria calcinha na mão porque sequer usava uma, pelo amor de Deus, e reconheceu Charlotte graças à sua memória boa e a semelhança do formato do rosto, altura e sobrancelhas que Léo herdara dela.

Por isso e todo o resto, Sofia recolheu apenas suas chaves e celular e partiu para casa. Não se lembrou de estar usando as roupas emprestadas de Léo até estacionar o carro e respirar fundo.

— Merda — cantarolou e olhou para os dois lados da rua. Ninguém à vista. Não que houvesse problema as pessoas saberem que Sofia obviamente usava as roupas de outra pessoa e que dormira com essa tal pessoa. Ela só não gostava de ser o centro das atenções, especialmente naquela cidade, onde passou anos da sua vida sendo assunto de fofocas (a maioria transfóbicas).

Ela se arrependera de dormir com Léo? Óbvio que *não*. Foi perfeito.

Sofia deu batidinhas nas bochechas para espantar as memórias da noite passada e tomou coragem para entrar em casa. De modo silencioso, abriu o portãozinho e a porta da frente, andando na ponta dos pés.

Uma vez em casa, pousou suas chaves na mesa de centro e cumprimentou as figuras religiosas de sua mãe com um aceno breve. Seu plano, para impedir dona Isis de fazer perguntas, era andar de modo silencioso até o quarto, trocar de roupa e fingir que estava dormindo por mais uma hora até...

— EU SABIA! — ouviu um grito animado.

Sofia deu um pulo e quase tropeçou no ar. Odiava ter de passar perto da cozinha, porque aquela casa era pequena, e foi inevitável que Nanda a visse.

Arregalou os olhos naquela direção. Fernanda tinha a aparência de quem acabara de acordar e dava tapinhas no braço de dona Isis. As duas, sentadas na mesa do café, a encravavam boquiabertas.

— Sofia da Conceição Azevedo! — Isis exclamou.

Ela ficou vermelha. Fernanda começou a gargalhar e quase caiu para trás.

— Mãe — Sofia suplicou. Não gostava de ouvir seu nome completo. Quando mudou sua certidão de nascimento, acabou a optar por copiar o nome quase inteiro de sua mãe e agora a mulher poderia repreendê-la daquele jeito.

— O que é isso que você tá usando?!

— Uma roupa — riu, sem graça. Sua pose estava muito engraçada, parecendo um desenho animado de um ladrão tentando invadir uma casa.

— As roupas do Léo! Tia, a senhora me deve cinquenta reais.

— Vocês apostaram?!

— Então aconteceu? — Isis gritou.

Sofia não podia mentir, não *sabia* mentir. Além do mais, era muito evidente.

Isis cobriu os ouvidos.

— Não quero ouvir sobre a vida sexual da minha filha.

— Ótimo, porque eu não quero falar sobre ela com a senhora! — seu rosto se iluminou. — Agora vou ali trocar de roupa e fingir que sempre estive aqui nas últimas doze horas, pode ser?

— Vem aqui agora — ordenou a mãe.

Os ombros de Sofia caíram e ela caminhou até a cozinha com passos lentos. Fernanda se deliciava com um bolo de goma e café com leite. A cozinha cheirava a cuscuz e ovos. Ela pegou um pouco de tudo para si, servindo-se mais uma vez, não se importando se tinha tomado café agora há pouco.

Quando teve coragem de olhar para a mãe, a mulher a encarava com questionamento.

— Pode falar, mãe.

Nanda abriu um sorriso.

— Por que está usando as roupas dele? — sussurrou.

— Porque as minhas ficaram encharcadas com a chuva de ontem — explicou, e apenas deixou a mulher mais confusa.

— Longa história. Ainda não secaram por causa da umidade.

— Hm... E vocês...

— Sim.

— Tipo...?

— Sim.

Ela sabia *exatamente* o que Isis queria dizer, era o tipo de comunicação por telepatia que apenas mãe e filha compartilham.

— E depois vocês...

— Sim.

— E aí você fez...

— Ah, sim.

Nanda gargalhou na mesma hora e ergueu a mão para Sofia bater. Enquanto isso, Isis ficou pálida como uma folha de

papel. Olhou para o nada, algum ponto além de Sofia. Fernanda fez o favor de arrastar sua xícara de café na direção de Isis, se isso fosse lá ajudar, quem sabe.

Depois do que pareceu uma eternidade, Isis juntou as mãos como se fizesse uma prece e olhou para cima. Murmurou palavras que nem Sofia ou Nanda entenderam e depois encanou a filha.

— Isso é ótimo, querida.

Nanda quase cuspiu o café.

— Sêrio?!

— Léo é um bom rapaz e eu torcia para que vocês ficassem juntos alguma hora. Não pensei que fosse ser tão cedo, mas quem sou eu pra questionar o destino? Quando disse que não ia dormir aqui ontem, eu fiquei com medo por um segundo e depois me acalmei — engoliu seco e tamborilou os dedos em cima da mesa. — Também imaginei a cena e me arrependi na mesma hora.

— Eca, mãe.

— Eca, mesmo.

Fernanda não conseguia parar de rir.

Pelo canto do olho, todas perceberam Zezo andando até a cozinha. Ela ainda não sabia como aquele pássaro conseguia se locomover tão bem, porque a maioria acabava caindo no chão sem cuidado, mas ele parecia diferente dos outros. Como se não conseguisse se controlar ao saber que havia uma fofoca das boas rolando no cômodo.

Então, ele estalou a língua e Isis o ajudou a subir em seu ombro. Encarou todas elas com aqueles olhos curiosos.

— Então, foi bom? — concluiu Isis.

A filha gelou.

— Eu vou abrir um buraco no chão e me enterrar *agora* — Sofia escondeu o rosto nas mãos. — Mãe, por favor, não pergunta essas coisas!

— A senhora disse que não queria saber — Nanda murmurou.

— Oxe, qual o problema? Eu nunca te perguntei isso quando foi pra Teresina e começou a transar. Agora que eu tenho a chance, quero saber.

Sofia tentou ignorar que Isis tinha dito o verbo “transar” bem na sua frente às nove da manhã de um sábado.

Zezo começou a repetir “Transar! Transar!” e Nanda gargalhou.

— Eu amo esse papagaio.

— Ok. Foi muito bom, sim — Sofia concluiu.

Ela passou o último ano lutando com a dor e o medo de nunca mais se sentir bem consigo mesma, com medo de se entregar para alguém de novo e ser desrespeitada, porém não era o caso agora.

Ela cerrou os olhos, desconfiada, e sussurrou:

— Meu Deus.

— O quê?

— Acho que a Taylor Swift tem a música perfeita pra isso — disse com os olhos arregalados e sua mãe lhe deu um tapinha no braço. — Ai, mãe! Satisfeitas? Agora não vamos mais falar disso, por favor.

Sua prima e a mãe trocaram olhares.

— Ei, a gente tá feliz por você — Nanda disse e ergueu a xícara. — Estávamos torcendo por isso faz tempo.

— Desde quando? — perguntou, chocada.

— Desde, tipo, o primeiro dia que ele veio tomar café da manhã aqui e não conseguia tirar os olhos de você.

Sofia sentiu o rosto corar mais ainda.

— Devia ser só porque a gente não se via faz tempo, só isso.

Nanda negou.

— Não. Ele sempre gostou de você. Acredita em mim.

Isis anuiu.

— Não queríamos forçar nada entre os dois porque tem muita coisa acontecendo, mas lá no fundo torcemos pra que desse certo. O melhor que fiz foi pedir pra ele vir aqui todos os dias — deu de ombros. — Eu só não consegui processar o fato de que minha menininha fez sexo.

— A senhora pediu pra ele vir aqui de propósito?

Ela ergueu as mãos em rendição e Zezo fez o som que pareceu o de uma risadinha.

— Tive as melhores intenções. Não foi só por causa disso, só acabou sendo um bônus.

Sofia cerrou os olhos para as duas e balançou a cabeça. Por mais surpresa que estivesse, também percebeu se divertir. Era vergonhoso, em parte, porque nunca foi o tipo de garota que contava todos os detalhes de sua vida para Isis ou Nanda e, mesmo assim, gostava da sensação de dividir a experiência com alguém. Com elas.

Sofia as amava demais. Sentia uma leveza absurda no peito agora, uma gratidão sem tamanho. Aquele cenário caótico mal se comparava às suas manhãs solitárias na capital, onde não se comunicava com tanta gente assim. Não compartilhava muita coisa com ninguém.

Ela engoliu seco e continuou a tomar café. Logo, o assunto da mesa mudou e Sofia sentiu um acalento no peito.

Não conseguia se imaginar longe delas, ou daquele lugar.

Era uma segurança ótima. Não tinha preocupações nos ombros. Nadinha. Qualquer preocupação em relação ao futuro pareceu se dissipar por completo. Não parecia tão importante ou urgente, porque Sofia não estava mais sozinha.

Nanda disse que precisava estudar, então depois de lavar a louça saiu da cozinha e foi para a sua casa, ali ao lado — não sem antes dar um beijo estalado na testa da prima.

Isis falou alguma coisa sobre lavar roupa naquele tempo e foi para o quintal com Zezo cantando em seu ouvido. Sofia se

viu indo para o quarto, sem parar de escutar o papagaio cantando ao longe.

O celular vibrou antes de ela poder se deitar na cama.

— Alô? — atendeu, e era Léo.

— Oi, hm, eu achei melhor ligar — disse ele.

— Não tem problema.

Conhecendo Léo, ele deve ter digitado uma mensagem longa demais e apagado tudo, achando melhor se expressar verbalmente. Conseguiu visualizá-lo andando pela casa devagar ao falar.

— *Fiquei conversando com a minha mãe esse tempo todo e mais tarde vamos almoçar. Acho que passar o dia todo juntos, na verdade.*

— Entendi. Quanto tempo ela vai ficar?

— *Uma semana. Isso se ela ficar satisfeita e não quiser estender o tempo no hotel — suspirou. — Ela não vai atrapalhar a obra, só quer ficar de olho em mim.*

— Ela se preocupa com você.

— *Eu sei — Léo fez uma pausa. — Olha, eu não tinha ideia de que ela viria, senão eu e você passaríamos o dia juntos. Desculpa por isso.*

O coração de Sofia acelerou.

— Tudo bem, sério. Passa esse tempo com ela.

Leonardo fez uma pausa e ambos não disseram nada durante esse período. Ela sabia que ele queria dizer mais alguma coisa.

— *Sofia... Eu gosto muito de você. Muito mesmo. E ontem e hoje foi perfeito. Eu...* — gaguejou, e Sofia abriu um sorriso. Léo também soltou uma risadinha tímida. — *Eu espero que a gente tenha mais tempo juntos de novo. Talvez amanhã?*

— Vamos ter muito tempo, não se preocupa.

— *Tá bom. Mal posso esperar.*

Eles riram.

— Tá bom.

— *Agora vou arrumar a casa e esperar a minha mãe* — ele respirou fundo, como se não quisesse encerrar a chamada. Sofia também não queria. Parecia injusto ter de ficar longe dele depois que enfim puderam estar juntos. — *Tchau, Sofia.*

— Tchau, Léo — murmurou, doce.

Eles encerraram a ligação.

Sofia se deitou na cama e absorveu aquela sensação gostosa de borboletas no estômago e logo fechou os olhos para lembrar os detalhes da noite passada. Lembrou do toque firme e gentil de Léo, de seus olhos azuis e intensos, sua respiração, como ele a fez se sentir amada a cada segundo e nunca desconfortável; como ele não hesitou nem por um segundo e ainda disse como ela era *linda*.

Sofia escondeu o rosto com as mãos e suspirou.

Foi tudo verdade mesmo.

Foi *perfeito*.

— Eu amo essa cidade! — exclamou.

Alvin e os Esquilos

Ben: se o Luciano Huck chamasse vocês pro Dança dos Famosos vocês iriam?

Nic: KKKKKKKKKKK apenas um domingo normal às quatro da tarde

Léo: oxe, não era o Faustão?

Ben: bicho você vive debaixo de uma pedra!!!

Léo: eu tô brincando.

Léo: mas sim, eu acho que iria só pela diversão.

Nic: eu também.

Nic: tem alguma coisa pra contar pra gente, BEN?

Ben: eu só tava procrastinando aqui e esse pensamento me veio à mente.

Nic: sei, as coisas tão muito paradas nesse grupo ultimamente.

Ben: tem alguma coisa pra contar pra gente, LEONARDO?

Léo: talvez.

Nic: ENTÃO CONTA

Nic: alôôô???

Ben: ele sumiu.

Ben: não acredito que ele deixou a gente ansioso assim do nada

Nic: @Léo se você não responder a gente vai viajar pra Pedro II ein

Ben: até que não é má ideia...

Capítulo 19

Uma visita inesperada

— Como andam os estudos de violino?

Desde o dia anterior Léo andou evitando aquele assunto. Ele aproveitou que estava bebendo um suco para pensar. Não gostava de mentir para a mãe, mas aprendeu a disfarçar sobre aquele assunto em específico ao longo dos anos.

— Mais ou menos. Não tive muito tempo pra tocar por causa da reforma — umedeceu os lábios. — E estou gravando algumas coisas com a banda.

Charlotte ergueu uma sobrancelha. De onde estavam, na mesa perto da janela, sua pele negra ficou iluminada pela luz do Sol da manhã de domingo. Ambos decidiram tomar café juntos no hotel e ao redor o som era de talheres, pratos e conversas paralelas dos turistas.

Léo percebeu que ainda não havia tantas pessoas, mas em breve as massas começariam a chegar por causa da Festa Junina e do Festival de Inverno. Ele passou muito tempo olhando em volta e quase esqueceu de sua mãe conversando.

— ... algum tipo de música diferente que vai ter o violino, ou não?

Ele limpou a garganta.

— Ainda estamos pensando sobre isso. Não temos pressa pra gravar o álbum todo.

— E a banda vai voltar?

Leonardo balançou a cabeça.

— Vai ser outro álbum só do Benjamin. É uma sonoridade diferente.

Charlotte fez uma expressão engraçada. Ela nunca gostou de rock ou de falar sobre isso, apesar de apoiar a carreira precoce dos garotos com a banda.

— Achei que ficaria animada — Léo provocou-a, sorrindo de canto. — Não estamos falando de quebrar guitarras e andar de skate.

— Claro que eu gosto. Só acho que poderiam colocar mais do seu talento nas músicas. O violino é importante.

— Eu sei, mãe.

— Se você voltar pra casa, pode tentar entrar na orquestra sinfônica de novo.

Léo coçou a nuca, desconfortável. A realidade era que não pegava no violino desde quando chegou em Pedro II. Adorava o instrumento, mas sentia uma pressão muito grande só de olhar para ele.

Desde o dia anterior, sua mãe o encheu de perguntas que ele não queria ouvir ou sequer falar sobre: detalhes da reforma, a cidade, seus planos para o futuro, e muito mais. Charlotte estava desesperada para ter o filho de volta em casa e nem conseguia esconder isso. Já Léo, quanto mais ficava ali na cidade, mais gostava dela.

Gostava da calma, do clima, de correr por aí e conversar com a família de Sofia. Gostava de fazer seu jantar e comer enquanto assistia alguma coisa na TV, e depois de ligar para seus amigos para conversarem sobre música ou qualquer outro aspecto de suas vidas.

Aquilo era demais para a mente de Léo. Assim que terminou de comer, disse que precisava ir para casa e organizar algumas coisas.

— Vou te ver de novo hoje? — Charlotte perguntou. — Pode ser no almoço? Escolhe o restaurante e nos encontramos lá.

Ele mordeu o interior da bochecha e anuiu.

— Sim, claro.

Beijou a lateral do rosto de sua mãe e saiu em passos mais apressados do que o normal. Ele até tinha algumas coisas para fazer, mas prometeu a si mesmo de que iria descansar nos fins de semana e sequer pensar sobre a reforma. Só queria ir para casa, ficar um pouco sozinho e respirar fundo.

O trajeto até sua casa foi silencioso. Não havia trânsito e havia caído um chuvisco agora há pouco, deixando as ruas cheias de resquícios de folhas úmidas no chão por toda parte.

Chegou em casa um tanto apressado e não sabia o porquê. Apenas subiu as escadas e andou depressa até seu quarto. O lugar estava bem arrumado e no canto da parede, onde havia algumas caixas com objetos e roupas antigas de seu pai para doação; ele colocara a *case* do violino também.

Leonardo retesou só de olhar para o objeto. Não se tratava apenas do instrumento – porque ele gostava de tocá-lo, de modo genuíno mesmo, e até acrescentou alguns instrumentos clássicos em músicas da Aura certas vezes –, era só por causa de sua mãe. Toda vez que olhava para aquilo, lembrava-se dela e de sua expressão indecifrável. Nunca soube se ela estava satisfeita com o filho ou não, se ele era bom ou um desastre.

Léo pegou o violino e sua *case* e guardou dentro do guarda-roupa, longe de vista. Tentou respirar fundo e não conseguiu. Percebeu que estava tremendo, e que seu peito começou a doer. Sua pele parecia fria também, apesar de sentir suor começando a escorrer. Engoliu seco e saiu do quarto em passos trêmulos. A cada segundo ficava pior, e tudo por... Léo viu os quadros antigos com fotografias de seu pai e recuou mais ainda. Para onde olhasse, havia algum fragmento de Charlotte ou de Zé e ele já não sabia mais como processar tudo isso.

Parecia um tipo de pesadelo. Ele pensou estar seguro – de alguém, alguma coisa, ou de si mesmo e seus pensamentos

– quando chegou naquele lugar. Mas era impossível fugir. Se olhasse para o lado, via o piano antigo e recordava de seus bons momentos com José que jamais teria de novo, e ao mesmo tempo recordava das práticas incansáveis que sua mãe o fazia ter desde pequeno.

Léo sempre quis agradar. Ele nunca reclamou, só desviou como pôde, porque se falasse algo para Charlotte, ela ficaria magoada ou pensaria que tudo se tratava de uma escolha: ou ela, ou José. Ela era a vilã da história, enquanto o pai era tranquilo, gentil, o deixava se divertir como queria.

Nunca houve alguém certo ou errado. Léo só queria deixar todo mundo feliz.

Mas isso nem sempre podia dar certo, podia?

Ele sentiu o rosto ficar quente e úmido. Lágrimas começaram a escorrer e de algum modo ele não percebeu aquilo. Estava chorando sem parar, quase sem ar também, enquanto escondia a cabeça entre as mãos e apertava os olhos com força. Parecia uma armadilha, não estava a salvo em lugar nenhum.

E pior, ele não tinha coragem. Não queria contar o que sentia para Charlotte ou a magoaria, porque ele era tudo o que ela tinha agora. Mesmo que a mãe o fizesse ter uma crise de ansiedade, ele não queria culpá-la.

Léo se sentia tão incapaz. De tudo.

Era incapaz de se impor. Incapaz de dizer à mãe que queria ficar sozinho e estava feliz com isso; incapaz de decidir o que fazer com a lanchonete, que era o legado de seu pai e a única coisa que lhe restara; incapaz de criar alguma coisa boa e mostrar para seus amigos que podia ser melhor, podia fazer música tão bem quanto qualquer outra coisa.

Léo passou a vida inteira tentando ficar escondido, não falar e não incomodar ninguém. Tudo isso para nada.

O que mais doía agora? Que José saberia o que dizer, mas ele não estava mais ali.

Capítulo 20

Tudo bem desabar, sempre vai ter alguém para te segurar

Sofia estava pronta para tocar a campainha ou ligar para Leonardo, mas logo percebeu a entrada da lanchonete... *aberta*.

Ela uniu as sobrancelhas, desconfiada, e olhou para cima como se pudesse ver algo a partir de uma das janelas do apartamento. A lanchonete não mostrava ninguém ali dentro e sequer havia movimento ao redor, num domingo, para perguntar se qualquer vizinho vira algo.

Sofia engoliu seco e entrou, depois trancou a porta atrás de si. Desviou de todas as ferramentas no chão, pincéis e recipientes com gesso para alcançar as escadas. Estava tudo do mesmo jeito que deixaram da última vez que esteve ali e isso a deixou mais tensa. Ela foi até ali para falar com Léo, apenas *vê-lo*, porque estava com saudades e queria saber se ele estava bem com a chegada de Charlotte.

— Léo? — chamou-o antes de abrir a porta e entrar na sala. Antes que pudesse falar de novo, parou e o avistou no sofá. — O que aconteceu? — sua voz saiu num suspiro.

Ele tremia e Sofia não soube dizer se era por causa de seu choro constante. Léo escondia o rosto nas mãos e soluçava, sem ar, de tanto derramar lágrimas. Os ombros se mexiam, assim como os dedos, que apertavam os fios de cabelo escuros.

Assim que ele ouviu Sofia, ergueu os olhos vermelhos para ela e, ainda assim, não parou. Balbuciou alguma coisa que

a mulher não entendeu e ela apenas se aproximou dele para sentar ao seu lado.

— Ei, vai ficar tudo bem — sussurrou ela. — Acho que você está tendo um ataque de pânico.

Ele concordou, devagar, e ela entrelaçou os dedos ao dele bem devagar.

— Tenta respirar comigo.

Lembrava-se de algumas técnicas de respiração. Léo a acompanhou, ou tentou como pôde, e nem conseguia manter os olhos abertos durante o processo. Quanto mais ele parecia respirar melhor, inspirando e expirando devagar, mais ele chorava. Sofia não se incomodou, afinal, ele parecia ter muita coisa para pôr para fora.

Sofia odiava chorar, mas era necessário. No fim, um alívio mínimo se instaurava em seu peito, e ela se sentia melhor. Esperava que acontecesse o mesmo com ele também.

Engoliu seco e prosseguiu com a respiração. Léo a acompanhou e aos poucos seus dedos não a apertaram com tanta força. Seus tremores foram diminuindo e, honestamente, pareceu durar horas. Ela não se importou.

De imediato Sofia sentiu seu coração se partir. Nunca o viu chorar daquele jeito antes e parecia profundo demais. Ela não sabia o motivo, mas achava ser por causa de Charlotte ou saudades de José.

Fosse o que fosse, Sofia ajustou sua posição e apenas o abraçou de lado, com força, afagando suas costas.

O corpo de Léo aos poucos se moldou para encaixar-se ao de Sofia e ele se reclinou mais, aceitando qualquer auxílio e palavras de consolo.

Sofia apertou as pálpebras com força e respirou fundo. Ele não merecia isso. Mas chorar era necessário.

— Pode continuar — sussurrou ela. — Não precisamos fazer nada hoje. Eu tô aqui — engoliu seco e sentiu-o assentir devagar. — Eu tô aqui — repetiu.

...

Quando Sofia chegou no dia anterior eles ficaram na sala até Léo conseguir respirar melhor e parar de chorar. Sua cabeça latejava e o suor pingava dos fios de cabelo. Sofia fez carinho em seu rosto e disse que cuidaria dele dali em diante. Não fez perguntas de início, apenas o mandou se deitar e foi isso que ele fez.

Sofia preparou um chá e depois passou um pano úmido em seu rosto e pescoço, o que foi bom para afastar a ardência dos olhos. Em algum momento que ele não viu, ela pegou seu celular e mandou uma mensagem para Charlotte, dizendo que não estava bem e que a veria depois.

E foi isso. Eles se deitaram lado a lado na cama pelo resto da tarde e cochilaram por horas. Quando o homem acordou, Sofia sumiu e estava na cozinha preparando sanduíches com suco de maracujá.

— Quer falar sobre isso? — perguntou, gentil.

Léo se recostou no balcão e suas olheiras ficaram evidentes. Ele apoiou o queixo na mão e encarou o nada.

— Lembra de quando fomos banhar na cachoeira e eu falei sobre não me sentir suficiente, essa coisa toda? — falou de modo arrastado, e Sofia anuiu e chegou mais perto. — Eu me sinto bem pior quando a minha mãe está por perto.

— Hmm.

— Essa viagem... assustou ela. Sabe, a minha mãe me tem como um passarinho debaixo da asa, sempre quis cuidar de mim e me manter por perto, mas acho que por isso tentei ser um pouquinho rebelde toda vez que chegava aqui. Agora que eu tomei uma decisão sozinho de fazer algo que nunca fiz só a deixou pior. Você já viu ela me ligando e mandando mensagem, mas não sabe o quanto ela faz isso, Sofia. — Balançou a cabeça. — É um daqueles momentos onde você percebe que seus pais

são seres humanos e têm falhas também, que eles não são perfeitos e você até sente um pouco de raiva deles. Não raiva, acho que a palavra é outra.

— Eu entendi o que quis dizer.

Léo fungou e bebeu um gole de suco.

— Do jeito que eu vejo a questão do divórcio dos meus pais sempre foi questão de “quem é o vilão?”. Mas isso nunca existiu pra mim, eu amo cada um na mesma medida, só que de modos diferentes. A mamãe pode ser bruta às vezes e meu pai tinha um afeto mais tímido e presente. Com ele eu não precisava falar demais, parecia que nós líamos a mente um do outro e, com a minha mãe, eu sempre preciso calcular cada palavra — ele esfregou o rosto. — Então, ela me fez um monte de perguntas e pensei demais sobre o futuro e sobre o passado. Parece que não sou bom o suficiente, que eu desisti de tocar na orquestra ou de estudar música... Não tenho coragem de mostrar composições pra banda, não sei me impor pra minha mãe tanto quanto gostaria, nem sei se sou capaz de tomar conta da lanchonete. E pior, sei que se meu pai estivesse aqui nada disso seria um problema.

Sofia engoliu seco e percebeu estar retendo uma lágrima. Ela nunca ouviu Léo falar tanto assim de uma vez antes, especialmente com tanta emoção. Sua voz era trêmula, ele parecia exausto e com medo.

Ela pegou a mão dele e apertou com força.

— Você é capaz de muita coisa, eu sei disso. Todo mundo sabe — disse firme e encarou-o. O lábio inferior dele tremia. — Sua mãe faz e fala essas coisas porque não sabe como você se sente ainda, mas sei que ela vai entender ou começar a entender. Acho que só de ter a força de vontade de sair da sua casa em Teresina, chegar aqui sozinho e começar tudo do zero foi algo grandioso.

Os dedos se entrelaçaram aos dela com mais força. Ali,

havia calos de uma vida inteira pressionando cordas de aço. Ele retomou:

— Mas sabe de uma certeza que eu tenho? Sei que se eu reformar a lanchonete, vender e for embora pra Teresina vou ficar na mesma rotina de antes, ou seja, nada. É como se a minha vida existisse só enquanto a Aura existiu, depois entrou num limbo estranho e voltou agora, Sofia — enfatizou. — Eu me sinto tão, *tão vivo aqui*.

As últimas palavras se debulhavam quando Léo caiu em mais um choro. Sofia deu a volta no balcão de imediato e o envolveu em seu abraço firme e caloroso, sempre murmurando palavras de conforto e acariciando seus cabelos. Se ela pudesse, afirmaria mais a ele quanto o admirava, como ele era capaz de fazer o que quisesse e, ainda mais, ser bom em tudo.

Mas apenas suas palavras talvez não fossem o bastante. Sofia tinha de estar presente e tinha de torcer para que ele se impusesse, que Charlotte o compreendesse e que, um dia, a dor da perda de José não fosse tão dolorida — mas algo com que ele poderia conviver aos poucos.

Ela decidiu ficar por mais tempo e não disse o que ele precisava ou não fazer, porque.

— Você já sabe que precisa contar o que sente para a sua mãe, então é só tomar coragem, tá bom? — Murmurou para ele.

Ele tentaria. Mesmo que isso o deixasse ansioso pra cama.

Os dois dormiram de novo, cedo, enquanto ouviram o barulho da chuva.

Capítulo 21

(Mais) visitas inesperadas!

No dia seguinte, Léo se sentiu um pouco melhor. Acordou cedo, foi correr só por meia hora e voltou apenas para ver Sofia acabando de acordar. Seu cabelo estava um *ninho* e muito engraçado.

— Bom dia — disse e a beijou.

— Bom dia.

— Eu fiz café.

Ela assentiu e se espreguiçou, depois coçou os olhos.

— Eu tive uma ideia. Pensei em ir pra casa, tomar um banho e trocar de roupa, porque — olhou para baixo e ambos notaram que ela ainda usava a camiseta dele — enfim, não posso usar suas coisas o tempo todo.

— Eu gosto de te ver assim.

Sofia apertou os olhos e sorriu.

— Sei disso. Mesmo assim, quero ver a mamãe e saber se está tudo bem com ela e com o Zezo — revirou os olhos. — Ela já deve estar surtando por saber que passei dois dias seguidos com você, vai dizer pra gente se casar logo de uma vez.

Léo fingiu pensar por um segundo.

— Também não vejo problema nisso.

Isso a deixou sem palavras e com as bochechas vermelhas, o que divertiu Leonardo. Ela balançou a cabeça e se levantou.

— Para de me distrair — murmurou e apontou o dedo para ele. Léo fez menção de mordê-lo, mas a mulher afastou.

— Te encontro daqui uma hora.

— Tudo bem.

Ele a puxou para mais um beijo o qual Sofia lutou para sair, sempre com um sorriso no rosto. Ela colocou um short mais apresentável e pegou o celular. Àquela altura, nenhum deles sabia bem onde as roupas de cada um estavam, então saiu assim mesmo.

Léo tomou banho para tirar o cheiro de suor e tomou um café com cuscuz bem rápido. Depois, desceu para a lanchonete já sentindo um tempo diferente na cidade: o dia estava mais ensolarado e, graças às janelas grandes de vidro, muita luz entrou pelo lugar.

Tudo cheirava a gesso, cimento e tinta, e faltava pouco para acabar a reforma, isso se ele e Sofia fizessem um trabalho braçal mais intenso para, também, instalarem algumas prateleiras e...

Da cozinha nos fundos, ele ouviu a porta da frente se abrindo.

— Sofia, você viu aquele pincel antigo? — falou alto depois de procurar ali e não o encontrar, então foi para a frente do estabelecimento. — Acho que ainda dá pra usar...

Léo arregalou os olhos.

— Não acredito.

Benjamin e Nicolas sorriram na mesma hora que viram o amigo.

Léo saiu de trás do balcão e os três se jogaram em um abraço apertado e nada organizado. Só sabia que Ben estava o beijando na lateral do rosto e Nic batia de leve em suas costas. As risadas se misturaram e Léo ainda recebeu um carinho no topo da cabeça, de modo que ficasse todo bagunçado.

— Finalmente posso fazer isso de novo — Benjamin disse, animado, e apertou as bochechas de Léo até ficarem vermelhas. — Minha pimentinha.

— Ei, você tá bonito — Nic disse, apertando seu ombro.

— Obrigado.

Ele não sabia para onde olhar ou o que dizer, só queria alternar a visão entre seus amigos e garantir que aquilo não era invenção de sua cabeça. Benjamin estava como sempre – a pele marrom, vinda de sua origem indiana, estava radiante e o cabelo nunca esteve tão escuro e comprido, com fios ondulados e macios. Sua barba cresceu um pouco também. Se estivesse com os óculos de leitura, ele pareceria o escritor que era, estereotipado e tudo.

Já Nic, também tranquilo nas roupas de tecido leve, pareceu-lhe um pouco mais alto, mas devia ser só impressão devido ao tempo distante. A pele branca estava bronzeada por causa de suas viagens constantes e o cabelo fora recém cortado.

Léo respirou fundo. Caramba, como sentiu saudades deles.

— Nossa, aqui tá bem legal — Nicolas falou e arrumou os óculos de armação grossas, olhando ao redor. — Você consegue mesmo fazer um bom trabalho.

— Foi tudo a Sofia — Ben comentou, provocando o amigo.

— Ah, é mesmo.

— Está tudo diferente e igual ao mesmo tempo. Mais bonito e arrumadinho, mas ainda me lembra casa — Benjamin caminhou e passou a mão em mesas cobertas com plástico, arrastou os pés no chão cheio de areia, mas ainda assim de um jeito que demonstrava satisfação por ver aquilo. — Que legal.

Léo limpou a garganta alto demais de propósito.

— Podem me dizer o que estão fazendo aqui?!

Os amigos se viraram de abrupto e se entreolharam.

— Estávamos com saudade.

— E viemos ajudar na reforma, né.

— Ah, e continuar a gravação das músicas.

Ambos deram de ombros e, sinceramente, a sincronia foi tamanha que Léo sorriu com o canto da boca. Aqueles dois eram mais do que melhores amigos, eram família também. Se conheciam desde sempre, passavam suas férias ali naquela mesma lanchonete e sujavam o chão de terra até José repreendê-los e servi-los com suco e biscoito.

Agora tudo estava diferente, sim, mas continuava o mesmo. Que nem a lanchonete.

Leonardo deixou a tensão dos ombros se dissipar e respirou fundo.

— Que bom que estão aqui — engoliu seco e olhou um de cada vez, como se as memórias de seus momentos juntos, fosse nos ensaios ou nas turnês pelo Brasil, passassem num *flash* pela sua mente.

Nic franziu o cenho e examinou o rosto de Leonardo.

— Você tá bem?

— Acho que sim — olhou para todos os lados. Ainda era muita informação para assimilar. Mas o alívio de ver rostos conhecidos era maior do que tudo. — É que agora todo mundo tá chegando na minha casa sem avisar, que porra é essa?

— “Todo mundo” inclui a sua mãe também? — Benjamin perguntou e cruzou os braços. — A gente deu uma passada no hotel e vimos alguém que parecia muito com ela.

Léo apenas anuiu depressa.

— Se foi uma mulher de nariz empinado, salto alto e roupa social demais, era ela.

Benjamin estremeceu de brincadeira.

— Ela mesma. Por que não disse que estava aqui?

— Aconteceu tudo rápido demais — Léo uniu as sobranças e limpou os dentes, pensando. — Fiquei meio mal ontem, mas a Sofia me ajudou, então tudo certo. Por quanto tempo vão ficar?

— Até a reforma ficar pronta ou até você expulsar a gente. Por quanto tempo a sua mãe vai ficar? — Nic perguntou. — Eu sei que ela é bem difícil.

— Dizendo ela que só durante essa semana.

— Então vamos ficar e te ajudar a lidar com tudo isso.

Eles mal sabiam o quão perfeito isso era naquele momento. Às vezes, depois de anos de amizade, essas coisas aconteciam: como se os amigos soubessem que Léo precisava de mais apoio e, então, surgiam do nada na sua porta.

— Ainda temos umas cinco músicas pra finalizar — Nic disse conforme todos andavam pelo local vendo paredes que precisavam de acabamentos melhores. — Nós conversamos muito e achamos que seria legal fazer tudo de uma vez aqui, com você: te ajudamos na obra e no tempo livre terminamos as músicas pra então decidir o que fazemos com elas.

Tanto Nic quanto Léo olharam para Benjamin com graça. O vocalista ergueu as mãos.

— A culpa é minha se nós somos muito ecléticos?

— Não dá pra colocar um R&B *quase pop* no mesmo álbum que uma música mais melancólica — repreendeu Nic.

— É tipo querer misturar o Khalid e o John Mayer — completou o baixista.

Ben entalou os dedos para eles.

— Tá aí uma boa definição.

— Ben!

— Eles até têm uma música juntos!

— Essa não é a questão — Nic retomou, sorrindo, e com as mãos nos bolsos. Seus óculos refletiram a iluminação externa. — Vamos dividir os projetos depois, mas é bom pensar o quanto antes. O que eu estava dizendo ao Léo é que sentimos falta dele e planejamos essa viagem há duas semanas.

O amigo piscou depressa.

— Sério?

— Claro.

Léo sorriu devagar.

— Também senti saudades.

Ben sorriu mais que os outros dois juntos e apertou a bochecha de Leonardo mais uma vez, em seguida completou:

— Tivemos que explicar tudo pras meninas e arrumar as agendas de trabalho, mas tudo certo. O que importa é estar aqui.

— E o Benjamin até acordou cedinho pra viajar.

Ele pareceu ofendido e Léo deu risada.

— Eu sou uma pessoa muito matutina. Acho que você tá me confundindo com a Alice que, por sinal, até hoje odeia acordar cedo. Sou eu quem abro a livraria todo dia agora.

Léo e Nic se entreolharam e aquilo já dizia tudo.

— Ela te obriga a abrir a livraria? — provocaram.

Ben deu de ombros.

— É uma troca *super justa* — Deu de ombros e seu olhar indicava que havia algo a mais. Ele apontou para Nic. — E não me olha assim que eu te conheço, Nicolas Braga!

O baterista estapeou o braço de Benjamin, que retribuiu na mesma medida. Eles ficaram assim por trinta segundos e Léo apenas assistiu de braços cruzados com um sorrisinho de canto. Certas coisas nunca mudam.

— Com vocês aqui, a gente termina essa obra rapidinho — informou-os depois de ambos ficarem sem energia para continuar a briga épica.

Léo mostrou tudo ao redor com uma tranquilidade reconfortante. Tê-los por perto era muito bom, porque eles entendiam como Léo se expressava, sabiam como ele precisava de ajuda e companhia mais do que tudo naquele momento, e ele sequer precisava dizer tantas frases de uma vez.

Quando o trio seguiu para a cozinha, ouviram alguém na porta.

— Léo, desculpa a demora, o Zezo acabou fazendo cocô na tampa da máquina de lavar e, por algum motivo, ele sabe falar espanhol! — ela riu e a porta se fechou. — Aliás, tem um carrão lá fora parecido com o seu. Ou tá tendo uma convenção de milionários aqui ou...

A banda seguiu para a frente da loja, curiosos, e Léo abriu um sorriso antes de todo mundo. Quando Sofia quase derrapou no chão de tão surpresa e arregalou os olhos, ela deu um gritinho e eles a chamaram ao mesmo tempo:

— SOFIA!

Léo assistiu um furacão de abraços se formar. Nicolas foi o mais rápido a contornar o balcão, Sofia gritou quando se jogou em seus braços e ele, com sua força, a tirou do chão por um segundo. Benjamin foi o próximo e a mulher deu pulinhos ao abraçá-lo. Leonardo apenas sentiu um calor acolhedor no peito.

— Puta que pariu — Sofia xingou isso e outras coisas conforme olhava para os amigos, um de cada vez, de cima a baixo. — Vocês estão altos demais!

— Você tá tão bonita! — Benjamin comentou animado e Nic concordou. — Caramba. Tá ótima. O seu cabelo e tudo...

Sofia agradeceu dispensando o comentário. Ela usava um short de tecido azul com branco, chinelos e uma blusa branca simples. O charme era um penteado bonitinho que Léo não sabia bem descrever, mas que achava bonito.

— Não sabia que vocês vinham.

— Queríamos fazer uma surpresa.

— Nossa, é como se a gente tivesse se visto ontem e há mil anos ao mesmo tempo. Aconteceu tanta coisa! Léo! — chamou-o e ele ergueu as sobrancelhas. — Vamos colocar eles pra trabalhar. Olha esses braços do Nic, devem servir pra alguma coisa.

— Ah, com certeza.

— Que cara é essa, Leonardo? — Benjamin riu ao olhar para o amigo, que coçou a nuca e deu de ombros.

— A recepção de vocês foi tão legal, ela não fez isso comigo assim, não — disse para Sofia, que enrubescceu.

— Eu tinha acabado de riscar o seu carro e nem sabia que você tava na cidade.

— Ah, é.

— Então foi você que fez aquele risco horrível no carro?

— Benjamin já estava gargalhando e Nicolas ficou curioso para ver o veículo de Sofia lá fora.

— Por que é laranja?

— Porque eu comprei de uma trupe de palhaços aposentados — respondeu na maior seriedade do mundo e Léo não se aguentou. Começou a rir demais. — Poxa, ele tem que acreditar!

— Droga, foi mal.

Sofia revirou os olhos, sorrindo, e de repente a lanchonete ganhou mais vida de novo. Eles se esqueceram que precisavam começar o trabalho do dia e Léo nem se importou na primeira meia hora. Eles se atualizaram de suas vidas, o que faziam e pretendiam fazer em breve. Benjamin gostaria de finalizar o álbum e lançar ainda naquele ano, apenas porque tinha tanto a dizer e a expressar; e, depois, quem sabe, iria atrás de publicar o seu livro. Ele trabalhava em uma livraria agora durante meio período — e foi onde conheceu Alice, sua namorada que era dona do lugar e escritora também.

Nicolas continuaria fazendo música. Produziu música para os amigos e quem quisesse o contratar — isso quando não apresentava seu programa de TV sobre viagens (*o Pé na Estrada*). Fora isso, brincava com sua cadela de estimação e passava o dia com Lulu, apresentadora da mesma emissora que ele.

Léo e Sofia ouviram tudo e ela falou mais do que ele, claro, porque não sabia de todos os detalhes das vidas deles. Tudo

isso apenas fez Leonardo perceber que aquele grupo passou tempo demais afastado desde que a Aura começou e, ainda assim, continuavam a interagir como se fossem os mais íntimos possíveis. Sofia já era uma extrovertida natural e na presença deles ficava super à vontade, mais do que o comum.

Isso fez Léo ficar mais tranquilo. Foi o bastante para assimilar a chegada de Ben e Nic, e só então disse para colocarem a mão na massa.

— Já que estão aqui, podemos começar.

Sofia assumiu seu modo “arquiteta” e explicou a função de cada um deles, ainda enfatizando que inspecionaria tudo de vez em quando.

Cada um deles se separou, fosse para lixar uma parede ou passar gesso onde deveria, então Sofia aproveitou uma brecha e puxou Leonardo pelo braço até a cozinha.

— Ei — ela disse e sorriu, refletindo o olhar dele. — Você tá bem?

— Tô ótimo — respondeu, e era verdade. — Com a ajuda deles vai ser mais tranquilo, eu acho.

— Que bom.

Léo assentiu e se aproximou de Sofia, depois segurou seu rosto entre as mãos, sentindo sua pele macia, então a beijou de modo profundo. Ela fechou os olhos com força e se derreteu no beijo por completo porque, assim como ele, gostaria de perpetuar o momento por muito, muito tempo.

Ainda era tão inédito. A sensação, o calor, o carinho. Ele sentia arrepios pelo corpo todo por saber que Sofia confiava nele plenamente, que ambos se conheciam bem a ponto de não precisar proferir demais. Léo não sentia pesos para se expressar, mas fazia porque o queria. Acima de tudo, queria saber tudo sobre ela — tudo o que ambos perderam nos últimos anos distantes.

Distanciaram-se devagar e Léo ainda sentiu a respiração dela contra a sua. Gostava de examinar o rosto de Sofia bem de perto, de notar suas sardas delicadas e espalhadas nas bochechas e nariz, além dos olhos que brilhavam para ele.

Aquela sensação de carinho assolava seu peito de um jeito que nunca experienciara antes. Foi como se Léo tivesse passado a vida toda sem enxergar uma cor em específico, então Sofia chegara como uma explosão daquela cor. Na verdade, ela era um arco-íris inteiro.

Não conseguia parar de pensar nela e também não sabia se conseguiria ficar tanto tempo distante. Léo nunca foi do tipo gosta de contato físico, porém, com Sofia, queria abraçá-la o dia todo, sentir a textura de seu cabelo e inspirar o cheiro refrescante e doce de seu perfume.

— Escuta, você precisa aproveitar essa chance — Sofia disse, tirando-o de seus devaneios profundos. Léo piscou os olhos azuis para ela e a mulher continuou: — Fala com os meninos sobre a sua música e todo o resto. Eles vão adorar saber disso. Aproveita que não concluíram o álbum e, quem sabe, dê pra encaixar alguma coisa.

Ela tinha razão. Léo concordou mais uma vez, agora com o coração disparado por outros motivos.

— Tudo bem, eu vou tentar.

Sofia apertou seu ombro num incentivo silencioso e sorriu, pendendo a cabeça para o lado.

— Por mais que eu goste muito de você, temos uma reforma pra terminar agora.

— Verdade.

Ela o beijou uma última vez antes de sair, e Léo permaneceu imóvel.

— Você não vem?

— Preciso de cinco minutos — riu, tímido.

Ambos desceram um pouco o olhar e Sofia ficou tão corada quanto ele.

— Ah, tudo bem — sorriu. — *Entendi*.

— Isso é culpa sua, sabe.

Sofia deu de ombros e saiu da cozinha com um sorriso de orelha a orelha. Enquanto isso, Léo esperou até a sensação um pouco dolorida passar um pouco – e, claro, pensou nas palavras certas para dizer aos amigos em breve.

...

No intervalo para o almoço, Sofia foi para casa e deixou a banda sozinha. Eles acabaram subindo ao apartamento para descansar e preparar a comida juntos, coisa que não faziam há muito tempo.

Foi a primeira vez que Léo viu os três coordenados em alguma coisa que não fosse só a música. Eles evoluíram dos instrumentos para as ferramentas, ingredientes e até panelas. Ele riu enquanto Benjamin reclamava da dor nos braços e Nic ficava todo suado.

— Como que você aguenta?

— É a prática, eu acho.

Deu de ombros. Ao contrário deles, não estava tão cansado. Nicolas ainda conseguiu aguentar mais, porque tinha costume de fazer atividades físicas, e Benjamin nem tanto.

— Agora sim eu estou me sentindo muito adulto — comentou o vocalista, olhando para os amigos do balcão. Ele amassava algumas batatas para fazer purê. — Cada um com a própria casa, uma namorada, um emprego — olhou para Léo. — Mais ou menos.

— *Ha ha*.

— Vai virar bartender ou o quê?

Nic arregalou os olhos como se tivesse uma epifania.

— Você tem mesmo cara de bartender. Não aqueles chiques de *pubs*, mas do tipo de um bar de esquina com a inspeção sanitária duvidosa.

Os três começaram a rir.

— Deve ser a barba.

— Por favor, só raspa isso — Ben implorou.

— Vocês tão parecendo a mamãe. Ela me disse a mesma coisa e eu vou fazer isso depois — enfatizou. — Aliás, a Sofia não é minha namorada. Quer dizer, não tivemos essa conversa.

Os amigos se entreolharam. Léo havia gaguejado.

— Ainda não.

Leonardo enrubesceu. *Ainda* não.

— Mas vocês dois já transaram.

Ele se virou de abrupto e encarou um de cada vez.

— Como que vocês sabem?

— Sabendo — Nic deu de ombros e comeu um pedacinho de tomate da salada. — Somos ótimos em ler linguagem corporal. Quando eu fiquei com a Lu pela primeira vez, vocês praticamente me encurralaram.

— Porque foi muito óbvio! — Léo riu, sentindo o peito se encher de ar. Caramba, era tão bom falar com os amigos pessoalmente. — Você tava brilhando de felicidade.

— Então, o que é isso aqui? — Nic indicou Léo como um todo, desconfiado. — Lá embaixo vocês não paravam de se encara-

Léo tentou fingir que prestava atenção na sua receita de Maria Isabel e falhou.

— Odeio vocês.

— *Ha!* — Benjamin riu, satisfeito. — E foi bom?

— Foi — disse, e os amigos ficaram em silêncio. — Porra, eu não vou contar os detalhes pra vocês. Desistam!

— Não quero saber os detalhes, a gente tá fazendo comida e seria meio estranho — Nic brincou. — Eu queria saber como você se sentiu, por causa de tudo o que contou pra gente algumas semanas atrás.

Léo olhou para a panela e concluiu que a comida ficaria boa em alguns minutos. Então, apoiou as costas perto do ba-

tente da janela da cozinha e cruzou os braços. Ainda era difícil falar de assuntos mais profundos e precisou olhar para o chão enquanto o fazia:

— Eu tô me entendendo como uma pessoa demissexual, na verdade — falou e coçou a barba. — É uma longa história, mas conversei com a Sofia e tudo fez muito sentido pra mim. Ela é a única pessoa por quem já fui atraído de verdade porque... a gente se conhece muito bem. Aí, esse fim de semana, nós... — Léo engoliu seco, e não precisou concluir com os detalhes. — Foi isso. Eu gosto muito dela.

Respirou fundo. Ainda era complexo, mas ele torceu para que os dois entendessem.

Quando ergueu os olhos, Benjamin e Nicolas apenas as-sentiram.

— Que bom.

— É, isso é ótimo.

Léo mordeu o lábio para conter um sorriso.

— Obrigado. Tudo estava indo bem até a minha mãe chegar aqui e eu ter uma crise de ansiedade.

De imediato eles mudaram as posturas e perguntaram o que aconteceu. Léo comentou o que aconteceu no geral, seus sentimentos — os quais, desta vez, seus amigos entendiam do que se tratava porque Léo conviveu com isso por muitos anos —, e todo o resto.

Quando terminou, pôde sentir o rosto quente antecipando as lágrimas.

— Isso é muita coisa — Ben murmurou, preocupado.

Léo fungou e cruzou os braços com força, querendo abraçar a si mesmo.

— Tudo isso com o papai... Não sei, eu sinto muita falta dele. Queria que estivesse aqui — piscou rápido e tomou fôlego.

Nicolas, o mais próximo de Léo, abraçou-o num aperto confortável. Ele sempre foi o mais carinhoso dos três, na opi-

nião do baixista, então se deixou ser envolvido naquele gesto de afeto.

— Ele está orgulhoso de você. Nós também.

— Léo, — Ben o chamou baixinho, e não parou de preparar o purê de batatas — nós estamos aqui agora para o que precisar.

Ele concordou devagar e secou os olhos. Antes de viajar havia enfatizado que precisava ir para a cidade sozinho, fazer tudo com a força de vontade a fim de tentar se agarrar a qualquer lembrança do pai. Mas o tempo mostrou que a solidão era a última coisa que precisava agora. Ele tinha Sofia e sua família, tinha seus amigos e sua mãe também.

Querendo ou não, Léo precisava de companhia. Lidou com aquele luto por mais de um ano e as dores apenas começaram a cicatrizar.

— Ah, tenho que mostrar uma coisa pra vocês, senão a Sofia vai brigar comigo — comentou ao se desvencilhar do abraço e pegou seu celular.

Fez uma gravação de sua música, apenas com o violão e a voz, sem nenhum equipamento também. Achou melhor não explicar tudo de uma vez ou cairia no choro de novo, então pôs no maior volume e colocou o celular em cima do balcão para os amigos ouvirem tudo.

Ficou ali, parado e observando suas reações. Benjamin uniu as sobrancelhas numa concentração que era a cara dele, provavelmente ao analisar os acordes e a composição num geral — conforme também mexia a panela com o purê. Já Nic balançou a cabeça no ritmo da música e olhou para Léo em questionamentos sem resposta.

A cada frase ele examinou suas reações. Conheciam bem seus amigos, sabia quando não gostavam de alguma coisa. Eles, na verdade, estavam *surpresos*.

A música chegou ao fim.

— Você que fez tudo isso? — Benjamin sussurrou e recebeu um “sim”. — Caramba, tá muito bom.

— Sêrio?

— Sim!

— A letra é ótima — Nic disse e olhou para o celular e para Léo várias vezes. — Por que guardou isso? É a peça que faltava pro álbum. É uma melodia simples que fica na cabeça, e a letra tem o peso certo. É tão *você*.

Léo coçou a nuca e tomou coragem mais uma vez. O mais difícil talvez não fosse apenas mostrar a composição e sim todo o contexto. Por sorte, seus amigos o conheciam bem o bastante para saber quando ele queria explicar alguma coisa, então ficaram quietos e esperaram Léo conectar todas as palavras certas.

— Essa não é a única música que eu fiz, mas pelo menos está inteira, ao contrário de outras — deu de ombros. — Nunca me achei bom o suficiente pra fazer isso. Na verdade, nunca me achei bom o suficiente pra nada na minha vida.

— Isso não é verdade — Ben murmurou, preocupado.

— Mas é como eu me sinto. *Sentia* — engoliu seco. — Depois de conversar com minha terapeuta nos últimos anos, percebi que é parte culpa da minha mãe, parte minha. Ela sempre quis que eu fosse o melhor na música e aprendi de tudo, apesar de nunca ser o bastante. As aulas eram desgastantes, vocês lembram disso. A culpa também é minha, eu nunca tive coragem pra dizer como me sentia. Achei que vocês dois sempre tiveram mais talento pra criar algo do zero, de se destacar no palco ou em qualquer outra coisa. — Léo umedeceu os lábios. — Não sou tão extrovertido quanto vocês, sempre me comparei demais e me sentia mal por isso. Mas acho que não precisa ser e, agora que tomei coragem pra falar tudo isso, queria compartilhar tudo com todo mundo, começando por essa música que é... bem pessoal.

Quando Léo se deu por conta, Ben sorria de canto e Nic escondia o rosto com uma mão, dando a entender que chorava.

— É sério isso? — o baixista balbuciou e Benjamin gargalhou ao apertar o ombro de Nicolas. — Não chora, vai, eu tô muito sensível também.

Nic secou os olhos e Benjamin puxou Leonardo para um abraço apertado. O amigo retribuiu e bateu em suas costas.

— Obrigado por contar isso pra gente.

— É importante — Nic disse, indo ao encontro de Léo para também abraçá-lo. — Não sabia que você se sentia desse jeito. A partir de hoje vamos ouvir mais e pode dizer tudo o que sentir, tá? Ninguém fica de fora.

— Exatamente.

— E nós queremos a sua música — Nic olhou para Ben. — Mas, pensando bem, não acho que sirva pro álbum. Ela é *sua*, Léo.

Ele sentiu as bochechas quentes.

— Mas eu não canto.

— Claro que canta, sempre cantou — desdenhou Ben.

— É diferente. Eu sirvo de apoio vocal, e essa aqui foi só uma gravação — gaguejou e apontou para o celular. — Se não usarem no álbum, então vai servir pra quê? Cinco minutos atrás vocês queriam.

Os amigos se entreolharam.

— Agora o contexto mudou.

— Gente, eu não canto — gracejou.

— Canta sim! A sua voz é ótima — Benjamin insistiu e passou a mão no cabelo. — Pode não ter um alcance tão grande, ou ser tão aveludada e sexy e rouca ao mesmo tempo quanto a minha, mas é uma ótima voz.

Léo o empurrou pelo ombro enquanto ambos riam.

— Vai se foder.

— Então você topa pelo menos gravar? — Ben ergueu a sobancelha. — Por favor. Aí depois do *Meraki* resolvemos isso. Quem sabe algo só seu, ou da Aura.

Léo sentiu o coração disparar. Havia muitas dúvidas enquanto pensava na possibilidade de gravar uma música com apenas a sua voz em destaque, mas a principal era:

— Que porra significa *Meraki*?

— É o nome do meu álbum, com licença — Benjamin cruzou os braços em defesa e Léo riu alto. — Tô falando sério. Gosto dessa palavra e combina com *Káiros* do EP — ele respirou fundo e reparou como Nicolas segurava uma risada. — Vem do grego e, basicamente, significa colocar um pouco de você e da sua alma em algo, de usar toda a criatividade e amor possível naquilo. Por isso é especial.

Os três ficaram em silêncio por tanto tempo que se tornou constrangedor. Depois, Léo deu uma olhada para Nic, que foi o bastante para ambos se comunicarem por telepatia.

— Que coisa de nerd — concluiu Léo.

Os dois desataram a rir e Benjamin os mandou se foderem, já que o nome já estava decidido e precisavam almoçar antes que a comida esfriasse.

— Podem brincar o quanto quiserem, mas eu vou usar. E agora que o Léo se mostrou um gênio da música mais do que já era, vou me aproveitar dele — comentou Ben ao procurar os pratos nos armários. — Vamos compor, ensaiar e gravar, nem que eu tenha que viajar pra cá toda semana.

Os três continuaram sorrindo, satisfeitos com a presença uns dos outros e com a empolgação para os próximos dias. Era bom tê-los por perto.

Só algumas horas depois que Léo se deu conta: quando Benjamin falou sobre viajar para encontrá-lo, referindo-se ao futuro. E, para sua surpresa, ele nem se incomodou — como se já fosse certa a sua morada definitiva em Pedro II.

Léo respirou fundo e olhou ao redor da sua casa, tentando se comunicar com seu pai de alguma forma.

Talvez *ficar* fosse mesmo a decisão certa, no fim das contas.

Capítulo 22

A Aura se diverte com a sua maior fã

Os dias seguintes passaram tão rápidos e intensos quanto uma montanha-russa. Sofia se acostumou a uma rotina tranquila – nos parâmetros do quanto uma reforma poderia ser –, e de repente ela já tinha dois ajudantes extras e uma “supervisora” quase que indesejada.

Sim, era Charlotte.

Durante os três dias seguintes, Sofia acordava e encontrava Léo tomando café com Isis e Nanda (o de sempre). Ambos chegavam na lanchonete e mal tinham tempo para trocar uns dois beijos, porque Nicolas e Benjamin chegavam prontos para trabalhar. Logo depois, Charlotte dava uma “passadinha rápida” no local para averiguar a obra e garantir que seu filho não tinha sido atingido por um tijolo ou algo assim.

Uma manhã, no entanto, Sofia obrigou todos os amigos a almoçar em sua casa porque dona Isis estava doida para vê-los.

— Ela quer autógrafos nos peitos — brincou, e toda a Aura riu.

Cada pessoa levou alguma comida e quando deram por si Isis já os enchia de perguntas sobre a banda, pedia fotos e tudo mais. Sofia quis se esconder debaixo da mesa de tanta vergonha.

— Mãe, nem parece que a senhora até dava banho na gente, meu Deus.

— É diferente, filha — dispensou o comentário com um abano e apoiou o queixo na mão. — Nicolas, querido, me fala da sua namorada famosa. Quando vão se casar?!

— Mamãe! — Sofia repreendeu mais alto e viu Nic ficar com o rosto e pescoço vermelhos.

— Qualquer dia desses, tia. A senhora vai ficar na primeira fileira, eu prometo.

Sofia riu pelas narinas. Quando deu por si, todos falavam de suas vidas e trajetórias após a Aura. Até Leonardo embarcou na conversa com animação e ficou mais feliz ainda quando Zezo apareceu na cozinha.

— Ele não gosta de perder conversas — Isis disse, e na mesma hora os rapazes se encantaram. A mulher o pôs em cima da mesa. — Bom dia, Zezo.

— *Bom dia!*

Benjamin cobriu a boca com a mão e Sofia sorriu de canto.

— Tá na hora de você aceitar que tem um irmão — Léo murmurou em seu ouvido.

Isso fez a arquiteta torcer o nariz. Mesmo assim, ela se arrumou para ficar de frente com o papagaio (ou de lado, talvez? Os olhos dele era um de cada lado da cabeça, então difícil dizer). Zezo estalou a língua e mexeu o pescoço de um jeito engraçado.

— *Sofiaaaaaa!*

— Ele sabe o seu nome — Nic se impressionou.

— É porque fica me imitando — falou Isis. — Tenho que acordar a minha filha assim todos os dias.

— Ele é um espião do governo — Sofia encarou-o. — Se for um espião, pisque duas vezes.

Zezo não piscou.

— Ok, amigo, vamos resolver isso de uma vez.

Ela imitou os mesmos sons que sua mãe fazia para ele: de beijinhos, estalos e tudo mais. O silêncio se instaurou na mesa e Sofia conseguiu fazer carinho nas penas de Zezo. Correu os dedos devagar pela cabeça dele e o pássaro até inclinou

a cabeça para o lado. Foi uma sensação macia que deixou Sofia com o coração quentinho.

Então, ela estendeu o dedo e Zezo caminhou até ele para se apoiar. Suas garras envolveram o dedo dela e ele pareceu bem confortável ali.

— Muito bom — Sofia disse, sorrindo. Isis apertou sua bochecha em resposta.

Todos na mesa voltaram a conversar e agora ela tinha de lidar com aquele pássaro querendo andar pelo seu braço, ombro e cabelo.

— Você lembra de quando implorou pra gente gravar um vídeo daquela música de Shrek? — perguntou Benjamin, sorrindo. — Achou que ia ser super engraçado, mas aí o vídeo bombou. Foi ótimo, na verdade.

— Meu Deus, isso foi quando? 2013?

— Acho que sim.

Se fechasse os olhos poderia se teletransportar até aquele ano. Ela havia acabado de começar a transição. Lembrava de ter sido um ano difícil, mas que pelo menos seus amigos chegaram da capital cheios de instrumentos e brinquedos, ansiosos para darem uma volta na praça e banhar na cachoeira. Ela esquecia das preocupações e simplesmente passava o dia inteiro com seus melhores amigos sem se sentir julgada nem por um segundo.

Agora, ela só estava mais à vontade ainda, se é que era possível.

— *Sofiaaaa* — Zezo cantarolou seu nome. Ela mirou o pássaro.

— Até que eu gosto de você, sabia?

Zezo assentiu depressa como se dançasse e o sorriso de Sofia foi tão genuíno que ela se esqueceu de todas as preocupações.

...

— Preciso comprar mais tinta — Léo disse uma tarde e ergueu os olhos para Sofia. — Vem comigo?

Ela assentiu depressa e ambos saíram da lanchonete deixando seus amigos encarregados da obra. Charlotte havia tirado o dia para descansar, então todos tiveram um pouquinho mais de liberdade para conversar — ou no caso de Sofia e Léo, de se esconder no apartamento e se beijarem até perderem os sentidos.

Sofia zombou do quanto o carro de Léo era enorme, eles compraram a tinta da cor certa e pararam na praça para comprar um sorvete. Ela reparou em como as pessoas ao redor — crianças brincando e idosas sentadas nas calçadas — também os encaravam com curiosidade. Eles viam o garoto estrela, o jovem Leonardo que foi embora cedo demais e voltou para honrar o legado do pai.

— Você tá muito quieta — Léo disse e a entregou o sorvete do sabor que gostava. — Tudo bem?

Ela assentiu com a cabeça. Ambos sentaram no banco da praça, perto do carro, e comeram o sorvete.

— Tava pensando que precisamos comer rápido, senão os meninos vão perguntar por onde andamos e depois brigar porque não levamos sorvete — brincou e Léo riu. — É o doce favorito deles.

— Antes de irmos eu compro. Pode comer tranquila.

— Tá bom.

Léo respirou fundo e relaxou a coluna no banco. Eles ficaram encostados ombro a ombro e Sofia não podia deixar de comparar a situação atual da anterior. Da última vez que estiveram ali, ele prometeu pagar por sua cirurgia e nem sequer haviam se beijado ainda. Agora, Sofia sentia mais frio na barriga ainda, porque podia olhar para Léo com paixão pelo tempo que quisesse e ele retribuiria o gesto.

— A praça tá ficando mais bonita com a decoração — observou ele, olhando as bandeiras coloridas espalhadas por todo

lugar. Elas balançavam com o vento e deixavam tudo mais festivo. — Nem acredito que o tempo passou tão rápido.

— Nem eu.

Léo cerrou os olhos azuis para Sofia.

— Você tá estranha — disse e analisou-a. — É por causa da minha mãe? Olha, desculpa de novo que ela atrapalhou a gente naquele dia, eu queria ter passado o dia inteiro com você e vou recompensar isso assim que ela largar do meu pé.

Sofia pousou o sorvete no colo.

— Não acho que é só isso. Mas juro que tô bem, de verdade — virou-se de lado a fim de encará-lo melhor. — Eu tô feliz por causa de tudo, por ter você e os meninos, por ter voltado pra cá onde é a minha casa. Parece que estou me curando e esquecendo de tudo o que aconteceu no último ano depois do divórcio — deu de ombros. — Você me faz sentir bem, eu consigo te falar qualquer coisa e sei que não vai me julgar, sei que posso te beijar, te abraçar e não vou dar a mínima se alguém ver porque estou segura. E isso é muito importante pra mim.

Léo mostrou um daqueles sorrisos tímidos e se inclinou para beijá-la, aproveitando a deixa. Sofia se derreteu ali mesmo, sentiu o gosto gelado e doce de seus lábios e ainda teve aquele frio na barriga tão bom e satisfatório apenas de estar com Léo.

Ele se afastou e fez carinho em sua bochecha.

— Quando a reforma acabar, prometo que vamos passar mais tempo juntos — beijou-a de novo.

Uma enxurrada de pensamentos a invadiu. A reforma estava no fim, logo quando o que eles tinham havia acabado de começar. Ela não fazia ideia do que aconteceria dali para frente.

Como se lesse seus pensamentos, Léo arrumou a postura e disse:

— Andei pensando muito sobre o que fazer.

Sofia assentiu e ouviu, além de torcer para que Léo ficasse com a lanchonete – não só porque significava que ele ficaria na cidade, mas porque era um lugar especial demais para ser deixado nas mãos de outra pessoa ao vendê-la. O Cantinho do Zé foi o lugar favorito de muita gente dali, em especial dos moradores do bairro. Todos estavam ansiosos para ter sua lanchonete favorita de volta, um local para se reunirem, conseguirem um bom café da manhã, lanche, o que fosse.

— Eu ia dizer algo do tipo “acho que quero ficar na cidade”, — continuou ele — mas é definitivo. Isso sempre foi decidido no segundo que pisei nesse lugar e não sabia direito. Eu quero ficar. Quero reabrir a lanchonete do papai, fazê-lo feliz e fazer porque eu também *quero* — Léo piscou, como se fosse chorar. — Apesar de sentir falta dele o tempo todo e lembrar de tudo, não são memórias ruins, sabe? Eu sinto que é o certo a se fazer e que vou ficar em paz. É um objetivo novo que não sinto pressão nenhuma de seguir.

Ele inspirou ar, tanto que Sofia notou seu peito se inflar mais. Ela engoliu seco e percebeu que ficou tempo demais em silêncio.

— Eu fico feliz.

As sobrancelhas de Léo arquearam.

— Mesmo? — caramba, seus olhos brilharam de alívio. Sofia anuiu. — Olha, se você voltar pra Teresina eu vou entender. A gente dá um jeito, porque eu quero tentar isso entre a gente...

— Léo, — interrompeu-o, sorrindo. — nós vamos ficar bem. Ainda estou me decidindo, mas eu sempre soube que você devia ficar aqui. É o seu lugar e tenho certeza de que vai dar tudo certo.

Ele balançou a cabeça, incrédulo.

— Só fui ter certeza disso três dias atrás. Não tenho a menor ideia do que fazer com a lanchonete. Eu só tenho as recei-

tas de comida, mas não sei merda nenhuma de como administrar um lugar. As pessoas fazem faculdade pra isso, né? Eu sei tocar quatro instrumentos diferentes, mas não sei como cuidar da lanchonete do meu pai! E a banda? Como que...

— Léo — repetiu e segurou o rosto dele para que a visse.

— Você consegue. Seu pai deve ter passado pelas mesmas coisas. Ele por acaso fez faculdade?

— Não.

— Pois é, então isso não prova nada — Sofia deu uma colherada no sorvete. — Você tem força de vontade, amigos que trabalham na gestão de uma livraria, outra amiga que literalmente tem um programa de TV de culinária e uma mãe advogada. Além de mim, que vou ajudar em todo o resto — ergueu a sobrancelha para ele, que concordou. — Viu só? Eu tô certa.

Léo relaxou de novo, o que fez a própria Sofia relaxar.

Eles terminaram o sorvete e, antes de se levantarem do banco, o homem soltou um xingamento baixinho e apertou os olhos com força.

— Minha mãe vai odiar.

Sofia suspirou. Ele estava morrendo de medo.

— Ela vai ter de lidar com isso.

De novo, Sofia tinha razão. Sabia como Charlotte podia ser chata, então o melhor a se fazer era apoiar Léo e torcer para que tudo ocorresse bem. Afinal, tanto ela quanto Léo foram até a cidade buscando uma cura e estavam perto de concluir esse processo.

Capítulo 23

Os melhores amigos que alguém poderia ter

Léo sentiu uma dor familiar nos dedos, do tipo boa. Aquele latejar nas pontas sempre esteve presente na sua vida e a carne já estava calejada e dura em ambas as mãos. Tocava tantos instrumentos que os efeitos disso eram inevitáveis – porém, não se importava com isso. Seus amigos tinham marcas iguais desde sempre.

Parando para pensar agora, ele não teria conseguido passar pela fama sem a ajuda de Nic e Ben. Apenas eles entendiam o que haviam passado juntos e toda a pressão de fãs, da mídia, gravadora e sociedade no geral teria deixado Leonardo mais afetado do que o normal se estivesse sozinho. O que ele sempre mais gostou foi ensaiar e tocar nos palcos, onde o som das pessoas cantando era tão alto que ele mal conseguia ouvir o que tocava no baixo.

Já havia mais de seis anos desde que pararam com a exposição da banda, mas os ensaios e gravações continuaram.

— Ficou ótimo! — Ben exclamou depois que terminaram de ouvir a faixa que gravavam naquela tarde. Ele saiu da cadeira para se esticar e respirou fundo. — Agora faltam duas, né?

— Sim — Nic respondeu sem tirar os olhos do computador.

Aquela era uma cena típica de se ver. Nicolas era bom em produzir, deixar tudo mais organizado e refinado, o arquivo

cheio de camadas que faziam sentido e Léo, às vezes, nem percebia serem necessárias até estarem inseridas ali. Ben andava com seu caderninho de composições e rabiscava tudo diversas vezes e Léo quase sempre ficava ao lado de Nicolas para observar e dar pitacos sobre teoria musical.

Os três improvisaram um estúdio de gravação na garagem, de volta às suas origens. O lugar ainda estava meio empoeirado, com muitas caixas de José que Léo aos poucos tinha coragem de abrir e decidir o que fazer com os pertences, mas era bom. Seu pai havia colocado atenuadores de ruído nas paredes anos atrás e o cantinho da bateria de Nicolas nunca fora ocupado. Aquilo permitiu que ele montasse sua bateria e na mesa do canto colocaram o notebook, conectaram todos os cabos aos microfones, guitarra, baixo e violão.

Léo olhou para as horas e sorriu. Estavam ali há cinco horas seguidas e começava a anoitecer. Pelos seus cálculos, a obra estaria finalizada na semana seguinte, porque não havia muito o que fazer além de esperar a tinta das paredes secar e limpar os móveis, ou a sujeira no geral.

Tudo estava chegando ao fim. Aquele álbum também e eles gravavam há meses. Em uma semana, conseguiram progredir com três músicas.

Nicolas arrumou os óculos e virou para o amigo.

— Sua mãe deu notícias?

— Não — respirou fundo. — Disse que vai esperar até segunda-feira. Uma hora ela vai ter que ir pra Teresina, né.

Nicolas assentiu devagar, porque não queria forçá-lo a continuar com o papo.

— Tudo bem.

— Vocês podem dormir aqui, se quiserem — comentou, olhando para os dois. — Tem o quarto do meu pai, a cama é grande, e ainda tem uma rede ou o sofá. Eu... quero terminar de gravar o álbum aqui.

Léo engoliu seco. Precisava contar a eles. Bastava respirar fundo.

Benjamin, que agora também usava seus óculos de leitura, baixou a visão do caderno para o amigo e ergueu uma sobancelha.

— Conta logo, Léo.

— Como você sabe que eu quero dizer alguma coisa?

— Oxe, eu te conheço — deu de ombros e sorriu. — Desembucha.

Nicolas cruzou os braços e relaxou na cadeira velha de rodinhas. Tudo ali, exceto seus instrumentos, era praticamente o mesmo. De repente, Léo teve uma visão acolhedora e nostálgica deles mesmos e não pode deixar de ficar satisfeito com isso — porque, de algum lugar, José deveria estar olhando para a cena com alegria.

É isso, pai, ele pensou consigo mesmo, certo de que podia arriscar em fazer coisas novas ou recomençar algo antigo há muito tempo parado. *Tudo o que o senhor sempre gostou: a garagem, a música, as amizades, tudo.*

— Quero que vocês fiquem aqui mais tempo porque tive umas ideias. E além do mais, decidi que vou ficar na cidade — falou, decidido, e as palavras lhe soaram bem. — Vou assumir a lanchonete e tentar fazer com que isso funcione e não é por pressão de ninguém, eu só quero ficar aqui. Gosto desse lugar e que estou me sentindo melhor do que nos últimos anos morando em Teresina.

Ele olhou para os amigos, que não pareciam surpresos, apesar de meio abatidos.

— A gente meio que já desconfiava disso — Benjamin comentou.

— Pois é, você parece mais saudável e feliz aqui — Nicolas sorriu de canto. — Ainda estávamos preocupados de te deixar sozinho, mas a família da Sofia está aqui, então também é ótimo. Dá pra ver que você não fica... aéreo.

— Acham que eu sou aéreo?

Eles assentiram ao mesmo tempo.

— Desde que o tio Zé faleceu, sim. Não de um jeito distraído, e sim distante. Triste.

Leonardo relaxou os ombros. De fato, ele ainda sentia saudades do pai, mas esse luto mais pesado passou e só restava uma saudade e carinho imensuráveis. Voltar a Pedro II foi necessário e ele estava se curando. Não seria definitivo, mas as cicatrizes saravam aos pouquinhos.

— Estávamos esperando você falar sobre isso — continuou Nic. — Então tudo bem, vamos te apoiar no que precisar, até porque amamos esse lugar. Só vamos sentir muita saudade mesmo.

Era isso que partia seu coração.

— Eu também.

Nic olhou para cima e Léo pensou que era por conta das prateleiras cheias de caixas antigas, mas Benjamin deu uma batidinha no ombro dele.

— Não vai chorar de novo.

— Não tô chorando — disse ao piscar diversas vezes. Ele até afastou os óculos para esfregar as pálpebras e isso fez Léo dar uma risada. — Eu tô feliz. É que não vai ser a mesma coisa sem você.

— Vamos ter que viajar pra cá vez ou outra — o vocalista disse e fez um bico triste. — A gente nunca passou tanto tempo distante em, sei lá, quinze anos? O Nic já viaja muito, mas sempre volta. Vou ter que me acostumar com isso.

— Vocês têm alguma dependência emocional em mim, só pode ser — balbuciou, brincando, e Benjamin gaguejou.

— Talvez?

Aquilo apenas os fez rir mais. Nicolas e Benjamin abraçaram o amigo por quase um minuto e se afastaram.

— Estamos nos abraçando demais.

— Porque nós somos muito fofos — Ben retrucou. — Olha só, eu tenho uma ideia. Vamos ficar aqui até terminar de gravar as músicas e limpar a lanchonete e o apartamento inteiros, aí depois voltamos pra Teresina e organizamos tudo melhor no estúdio. Quando o Léo quiser ajuda de novo, é só ele ligar e voltamos.

Ele concordou e já se sentiu mais confiante.

— Assim está bom. Na verdade, queria pedir mais uma coisinha pra vocês e pode ser mais complexo.

Ele os atiçou a curiosidade. Benjamin sempre foi um pouco mais sério (por fora) do que Nicolas, e seu semblante ficara mais concentrado, enquanto o baterista não conseguia esconder qualquer entusiasmo. Para eles, quando Léo tinha algo importante a anunciar, então era importante mesmo, coisa que poderia alterar a dinâmica deles. Meses atrás, quando anunciou estar indo para Pedro II sem data para voltar, foi um caso desses.

— Primeiro, eu gostei muito de gravar isso tudo com vocês. O tal do *Meraki* vai ser diferente do que a Aura costumava fazer, mas ainda tem a nossa essência, o que é bom. Então, eu considere, talvez, dar uma aprimorada nas minhas músicas e produzir com vocês.

— Isso! — Nicolas comemorou. — Eu tenho muitas ideias.

— É claro que tem — riu.

— E segundo...? — Benjamin perguntou.

Caramba, o coração de Léo batia muito forte. Desta vez, era de empolgação.

— O que vocês acham de nos apresentarmos no Festival de Inverno?

Sua voz até ficou mais baixa ao dizer aquilo, como se fosse um segredo muito importante. Seus amigos piscaram.

— Tá em cima da hora, sim, mas eu sinto falta de me apresentar. Se vocês não quiserem, tudo bem, eu vou entender.

— Eu topo! — Benjamin exclamou e sorriu.

Alívio invadiu o corpo de Leonardo. Logo, eles olharam para Nic, que não conseguiu forçar o suspense, porque logo ficou vermelho e com um sorriso crescente nos lábios. Ele até tentou ocultar aquilo com a mão apoiada no queixo, mas não deu certo.

— Claro que eu quero — disse, e aos poucos sua voz ficou mais alta. — Tem músicas que nunca cantamos ao vivo e seria super legal fazer isso pelo menos uma vez. Eu... — umedeceu os lábios e seus olhos castanhos alternaram entre os amigos. — Sinto falta de tocar, *às vezes*. O que me deixa nervoso não é tocar, é a internet. E vocês sabem que eu já passei por umas merdas.

Léo recordava como se fosse ontem. Nicolas e Lulu passaram por isso, na verdade, e a internet falava sobre eles toda semana sempre que apresentavam o programa de Lu. Algumas pessoas eram mais invasivas do que outras e eles quase foram demitidos por causa dessas confusões.

— Eu também sinto falta — Benjamin disse. — A energia é muito boa.

Leonardo concordou.

— Você tem que cantar pelo menos duas musiquinhas — continuou o vocalista, apontando para Léo. — Por favor.

Ele hesitou um momento.

— Vou pensar no seu caso.

— Acham que vai dar tempo de anunciarem a gente? — Nicolas perguntou, preocupado. — Precisamos ensaiar e chamar a banda de apoio. A *line-up* já não tá completa?

— Olha, eu não quero me gabar, — Ben começou, malicioso — mas somos uma das maiores bandas do Brasil, lembra?

— *Éramos*, e “boyband”, você quis dizer — provocou.

— Ei! *Boyband* é o One Direction, Nic. Somos uma *banda*.

A baterista conteve um sorriso e pediu-o para prosseguir.

— Tanto faz. Somos bons e se anunciarem a gente vai vir uma enxurrada de pessoas. A nossa agente resolve.

— Ela vai ficar tão feliz — riu Nic, então estendeu a mão para Ben e Léo o cumprimentarem, um de cada vez.

— Vou ligar pra ela agora antes de qualquer coisa — o vocalista pegou o celular e saiu da garagem. — Essa é a coisa mais impulsiva que já fiz na minha vida.

Benjamin estava tão feliz que quase dava pulinhos ao andar. Já Nicolas continuou relaxado na cadeira, então uniu as sobrancelhas ao pensar.

— Seria loucura eu já estar montando uma *setlist* na minha cabeça agora?

— Não — Léo riu.

— Cada um de nós tem pelo menos uma música que cantamos sozinhos. O Ben vai cantar algo do EP e desse álbum novo, você tem uma e eu já tinha outra. Vai ser ótimo — sorriu de canto. — É muito legal que você esteja fazendo isso.

Léo deu de ombros, tímido.

— Andei pensando muito sobre. Acho que o meu pai ia gostar de ver a gente voltando às origens, sabe. E eu gosto de tocar, de me soltar um pouquinho em qualquer palco. Tô trabalhando nisso.

— Que bom. E o que a sua mãe e a Sofia acharam disso tudo, do show?

Léo jogou a cabeça para trás e grunhiu.

— Elas ainda não sabem. A Sofia vai gostar, mas a mãe...

— Boa sorte, então.

Léo fez menção de chutar Nicolas, mas não conseguiu porque ele desviou. Podia ser brincadeira, mas ele precisaria mesmo de sorte para lidar com Charlotte.

— Mas a Sofia sabe que eu vou ficar.

O rosto de Nic se iluminou.

— E?

— Ela gostou muito da ideia. Acha que vai ficar na cidade também, só não tem tanta certeza ainda por causa do trabalho e tudo mais. A decisão vai ficar depois da reforma aqui. O baterista arrumou os óculos ao analisar melhor o amigo. Então, algo aconteceu em seu semblante que Léo não conseguiu identificar, apesar de ser calmo e decidido, quase que admirado também.

— Você a ama — Nic falou, e aquilo não foi uma pergunta. Léo ficou sem respirar por dois segundos.

— O quê?

— Você a ama, não é? — repetiu, e se inclinou para frente. — Na verdade você sempre amou a Sofia, mas não sabia disso. Eu percebi desde que a gente era criança e vocês não se desgrudavam. Não era a mesma coisa que vocês tinham comigo ou com o Ben, sabe. A gente reparou.

Leonardo piscou depressa e coçou a nuca.

— Tem algumas partes que não me lembro.

— É normal — Nic sorriu de canto e suspirou. — Vocês tinham um mundinho só de vocês, mal precisavam conversar muito, só ficavam um do lado do outro. Se queríamos andar de skate e a Sofia não, você a chamava pra jogar cartas, damas, qualquer coisa. Ficava todo vermelho perto dela — riu e revirou os olhos: — Por isso o Ben começou a te chamar de Pimentinha e depois passou pra mim também, aquele chato.

Aquilo foi confuso para Léo, apesar de ele não refutar, porque havia pensado que sim, que sentia algo muito forte por Sofia e ainda não tinha nomeado. Era diferente de tudo o que sentira na sua vida inteira, porque queria estar perto dela o tempo todo, ouvi-la falar sem parar e a admirava também por tudo — porque ela era forte, inteligente, destemida, e nunca desistia de tentar coisas novas ou de se arriscar na vida.

Aquilo podia ser amor?

— Tudo bem, não precisa me responder — Nic continuou mais leve.

— Isso é muito novo pra mim.

O amigo anuiu.

— Vai no seu tempo. Sei que com você é diferente, mas pra mim foi muito fácil saber com a Lu. Não foi uma grande realização, eu só *sabia* — Nic olhou para longe, talvez pensando no passado. — Com o Ben foi a mesma coisa, eu acho.

— Não é que eu não tenha certeza, só estou tentando entender — explicou, calmo. — O que você tá querendo me dizer com tudo isso mesmo?

Nic sorriu de canto, como se a situação fosse óbvia.

— Pede pra ela ficar.

Léo piscou e inflou o peito, porque aquilo fazia todo o sentido, como se a ideia já estivesse na sua cabeça, porém oculta por um vidro embaçado e Nic acabara de limpar.

Ele podia fazer isso. Talvez na noite seguinte, quando fossem para a festa junina na praça. Não podia esperar mais um segundo. Não que Sofia fosse ficar porque ele pedira, mas ao menos ela saberia que Léo a queria de verdade, que ela era importante.

Benjamin voltou à garagem todo animado.

— Ela adorou a ideia! Vai tentar colocar a gente no palco Opala no último dia do festival, porque sempre são quatro performances por noite e nesse dia só têm três — ele sorriu e guardou o celular. — Vai falar com a prefeitura agora.

— Legal! E quanto tempo de show?

— Sempre são duas horas.

— Anotado — Nicolas arrastou-se de volta ao computador e começou a digitar loucamente o que devia ser a setlist deles. Ainda nem sabiam se daria certo, mas melhor prevenir antes de qualquer coisa.

— Sobre o que estavam falando?

Léo tinha certeza de que seu corpo estava mais leve agora. Ele deu de ombros, pensou em Sofia, e respondeu:

— Amor.

Capítulo 24

Depois de várias semanas, uma decisão (Ah, e Léo finalmente aparou a barba!)

— Tá pronta, mãe? — Sofia exclamou do quarto. Quando se deu conta, Isis apareceu na porta e analisou-a dos pés à cabeça. — O que acha?

Sua mãe sorriu.

— Minha menina é muito linda.

O coração de Sofia deu um salto. Tudo o que sempre quis foi ouvir aquelas palavras e era perfeito saber que sua mãe sempre a trataria assim dali para frente, que sempre foi acolhida em casa e respeitada por ela. Sofia deu uma vultinha para mostrar o vestido amarelo que era justo na parte de cima e, embaixo, a saia era em godê. O tecido era leve o bastante para que ela pudesse dançar qualquer música de festa junina sem passar calor.

— Faltam só os brincos — continuou Isis, e apontou para a caixinha de joias na penteadeira. — Aqueles de flores brancas devem servir.

— Ok.

Sua mãe também estava arrumada, usava suas roupas mais novas – um conjuntinho vermelho e estampado que era a sua cara –, brincos e batom. Era domingo, noite de celebração na praça na frente da igreja e boa parte da cidade devia comparecer. Como sempre, Isis contribuiria na venda de comida, levando seu mingau de milho numa panela gigantesca que acabaria praticamente vazia ao final da noite.

Sofia suspirou enquanto se via no espelho para colocar os brincos. No fundo do reflexo, Isis aparecia sentada na cama e à sua espera.

— Eu já fechei a casa toda e o Zezo está dormindo — comentou Isis, alisando a saia. — Nanda vai encontrar a gente lá com a Cecília.

— Tá bom.

Aquela cena era tão típica. Sofia teve uma relação conturbada com essas festas da cidade. Quando mais nova, frequentava-as sem problemas, porque só queria saber de brincar. Depois, na transição, tinha medo de chegar perto da igreja ou de ser julgada e maltratada pelas pessoas ao redor. Isis nunca a forçou a ir e, aos pouquinhos, Sofia compareceu de novo e de novo, nem que apenas por uma hora, só para fazer companhia à mãe e à prima. Isso durou até ter ido para Teresina.

Aquela seria a primeira noite de Sofia numa festa de verdade em Pedro II após o seu retorno. Dessa vez, não se importava com a opinião ou olhares de ninguém. Estava feliz por completo, confiante, e era o que importava.

— Mãe — chamou, com a voz trêmula, porque sentiu que era a hora certa. Sofia apenas sabia que gostaria de ressignificar todos os aspectos da sua vida naquela cidade, e aos poucos tudo tomava uma nova perspectiva. Era ótimo. Ela não sentia falta da capital, de estar sozinha ou se sentir desse jeito. Talvez ela tenha apressado as coisas, ou talvez tivesse sido o melhor a se fazer ao crescer. Seja como for, ter ido embora e voltado já aconteceu, não tinha como mudar ou adivinhar como sua vida estaria agora se tivesse permanecido ali.

A única constante era Isis. Não importava se a vida de Sofia estivesse um inferno, sua mãe sempre estaria lá por ela — fosse para fazer alguma piadinha ou encher a sua paciência, ainda era amor incondicional. Às vezes, tudo o que Sofia precisava era abraçá-la e ter certeza de que havia um lugar seguro no mundo para si: os braços de Isis.

Não que ela fosse se apoiar em Isis para sempre. Ela apenas queria passar mais tempo com a mãe, porque sabia que Isis também sentia muita falta da filha.

— Hm?

— Escuta, eu estive pensando... — começou e umedeceu os lábios, então virou-se para ela. — Não sei o que fazer depois que a reforma da lanchonete acabar, mas vou procurar outro emprego, desde que seja aqui.

Isis uniu as sobrancelhas.

— Aqui na cidade?

— Isso — Anuiu depressa. Caramba, porque aquela conversa parecia tão intensa na sua cabeça? Era um passo e tanto, né? — Mãe, eu quero ficar aqui. Senti saudades de casa, da senhora, da Nanda e o Zezo pode ser meio doido, mas até que é engraçado — ela engoliu seco. — Isso que a senhora me quiser aqui, claro.

Isis já tinha começado a chorar sem Sofia ter terminado de falar. A mulher ficou com os olhos cheios d'água, até que veio uma enxurrada de lágrimas e teve de limpar o rosto com os dedos.

— Não chora, mãe.

— Ah, minha filha — ela estendeu os braços e Sofia sentou ao seu lado para abraçá-la. — É claro que pode ficar o tempo que quiser, eu até prefiro assim. Senti tanta sua falta.

— Eu também.

— Fique aqui, minha princesa, e faça o que achar melhor. Trabalhe, estude, o que for. Vou estar aqui pra te ajudar sempre.

— Obrigada — Sofia tomou ar para não chorar também e borrar a maquiagem. Encostou o queixo na curva do ombro de Isis e pensou que aquele era o melhor abraço do mundo. — Amo você.

— Amo você demais.

Elas continuaram a se abraçar com força, até quase perderem o equilíbrio e balançarem de um lado para o outro. As duas riram com aquilo e prolongaram ainda mais o abraço até Isis se distanciar e secar o rosto.

— Mas e o Léo, filha?

— O que tem?

— Ele vai ficar na cidade também? Queria tanto que vocês ficassem juntos, sabe, ele é um homem bom. O pai dele o ensinou bem e quero que vocês fiquem juntos.

Sofia sorriu e fez carinho no rosto da mãe.

— Ele disse que também quer ficar.

— Ah!

— Vai assumir a lanchonete. Quando ele me contou, eu ainda não tinha me decidido, mas sei que é o certo. Eu preciso disso, ele também. Vai ser bom.

— Vai, sim.

Isis se levantou e beijou a testa da filha antes de sair do quarto.

— Vou lavar o rosto e retocar minha maquiagem. Aí você me ajuda a levar a panela pro carro.

— Combinado.

Isis saiu cantarolando pela casa e Sofia riu consigo mesma. O alívio a atingiu por completo e soube que era a coisa certa a se fazer. Não havia medo ou hesitação.

Ela gostou dessa paz.

...

— Sofia!

Alguém a chamou e ela reconheceu a voz antes de se virar para Léo. Tinha acabado de posicionar a panela gigante de mingau na barraca de sua mãe, dividida com uma amiga sua da igreja e, quando se deu conta, lá estava ele.

— Oi! — Sorriu do mesmo jeito que Léo fazia, vindo até ela. A praça começava a lotar, mas aqueles olhos azuis não se perdiam.

Léo usava as roupas leves de sempre, mas dessa vez havia colocado uma camisa de botão flanela verde como sobreposição, para dar um mínimo de toque de festa junina.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele chegou mais perto, se inclinou gentilmente e a beijou. Sofia ficou tão surpresa que demorou para fechar os olhos, então o abraçou. Quando ficaram sem fôlego, eles recuaram. Léo desvencilhou seus dedos da cintura de Sofia aos poucos e dava para ver em seu semblante como ele estava feliz por vê-la.

— Oi — ela disse num sopro.

— Oi.

Com exceção daquele dia na praça, aquela foi a primeira vez que Léo a beijou em público, logo em meio à tantas pessoas, sem hesitar um segundo. Ele podia não saber como aquilo era significativo para Sofia, mas o fez, e foi perfeito.

— Você tá muito linda — disse, observando o vestido e o rosto. Depois se virou para trás e apontou em um ponto não específico. — Os meninos estão ali.

Sofia os encontrou na multidão, porque num grupinho de pessoas reconheceu ambos e começaram a tirar fotos com os dois.

— Será que precisam de ajuda?

— Eles vão ficar bem — deu de ombros. — Posso comer o mingau que a sua mãe fez ou tá muito cedo?

— Fica à vontade — Sofia riu e Léo foi cumprimentar Isis.

Ela cruzou os braços e assistiu tudo ao redor. Isis falava de modo animado com Léo, que assentia ao aproveitar o mingau. As pessoas na praça se animavam com a banda que tocava apenas os clássicos de forró e em breve uma pequena quadri-lha seria formada. Havia barracas de comida típica para todo

lado – paçoca, creme de galinha, maria isabel, milho –, e as crianças corriam sem parar, outras faziam fila para entrar nos brinquedos mais distantes.

Sofia sorriu para Nicolas e Benjamin quando eles enfim se aproximaram.

— Difícil de fugir dos fãs?

— Fugir? Imagina — Ben falou, sarcástico, e arrumou o cabelo bagunçado. — Acabaram de pedir pra gente tocar alguma música do Falamansa lá no palco.

— Eu sei tocar *Xote dos Milagres* — Nic brincou.

— *Haha*, eu também, mas a banda de agora já tá perfeita — Ele estalou a língua. — Droga, se ao menos eu soubesse tocar sanfona...

Eles continuaram a brincar sobre a possibilidade de performar ali no palco, mas Léo os interrompeu.

— Então, vamos contar a novidade? — perguntou e passou o braço ao redor dos ombros de Sofia. Ela ainda não tinha se acostumado com aqueles gestos sutis, e pelo visto seus amigos não estavam surpresos. Na verdade, o olhar deles indicava admiração.

— Que novidade?

A banda trocou olhares que apenas serviram para deixar Sofia ansiosa. Pelo menos parecia coisa boa.

— Nós vamos tocar no Festival de Inverno.

Sofia estreitou os olhos sem entender de primeira e só então caiu a ficha: a Aura, que não performava num palco para muitas pessoas há anos, faria aquilo mais uma vez na cidade natal de Léo.

E estava muito perto.

— Quê? — sussurrou, desacreditada, então os amigos sorriram entre si. — É sério?!

— É, sim.

Sofia deu um gritinho animado, pulou e beijou a bochecha de cada um deles, dizendo parabéns e não sabia o que fazer primeiro além de...

— A mamãe precisa saber disso!

Foi uma noite muito divertida. Sofia puxou todos eles até a barraca de Isis e eles disseram sobre o show. A mulher quase caiu para trás de tão empolgada. Eles tiraram fotos juntos, riram e comeram o melhor mingau de milho de suas vidas.

Benjamin puxou Nicolas para dançar na frente da banda de forró e ele não teve muita escolha. De longe, Sofia e Léo assistiram a cena admirados, porque eles até sabiam dançar uma coisa ou outra.

Sofia sabia que Léo não era muito fã de dança, mas o convidou mesmo assim apenas com um aceno de cabeça. O homem suspirou e pensou por um segundo, então cedeu e estendeu a mão para ela a fim de puxá-la.

Eles riram conforme giravam ao redor um do outro. Leonardo não tinha aquela habilidade, dava passos mínimos e tímidos, enquanto Sofia gostava de pular e cantar a música. Mesmo assim, ele continuou e pareceu se divertir no processo.

Quando todos se cansaram daquilo, Léo guiou Sofia para perto de uma árvore de ipê amarelo enquanto os amigos buscavam algo para comer e beber. Sofia recobrou o fôlego e respirou o ar fresco dali e riu.

— Seu rosto tá vermelho — apontou ela para as bochechas de Léo. — Ei, você aparou a barba e cortou o cabelo! — Arregalou os olhos, percebendo agora.

Léo desviou os olhos por um momento, mais tímido.

— Minha mãe brigou muito por causa disso aí decidi aparar, mas só um pouquinho — deu de ombros. — Ela já foi embora mesmo, então vou deixar crescer de novo, não sei.

— Eu gosto assim.

Léo umedeceu os lábios para não sorrir. Era adorável como ele ainda ficava nervoso perto dela.

— Sua mãe vai voltar?

— Talvez sim. Eu ainda não contei que vou ficar — encolheu os ombros. — Não tive coragem, mas vou dizer. Talvez ela brigue comigo ou algo do tipo, mas vou entender, e uma hora ela também vai.

Sofia assentiu.

— Ela se preocupa com você.

— Muito — enfatizou com um sorriso, e Sofia concordou com um aceno.

— Também não gostei de deixar a minha mãe sozinha. Quer dizer, pelo menos ela tinha a Nanda e o resto da família, mas não sei se a sua mãe tem alguém em Teresina — respirou fundo. — Vai ser difícil para ela.

Léo concordou em silêncio e uniu as sobrancelhas. Na sua mente, Sofia imaginou, ele devia estar desembaraçando alguns pensamentos bagunçados, porque sabia que era o mais saudável para ele se ficasse na cidade. Era difícil ter de dar um passo tão grande quando se tinha uma mãe protetora como Charlotte.

Eles falaram ao mesmo tempo:

— Léo, eu...

— Preciso te contar uma coisa...

Sofia apertou os lábios e deixou que ele falasse.

— Você primeiro.

Ele, que tinha as mãos atrás das costas, relaxou o corpo e olhou para cima durante um segundo, depois respirou fundo e chegou mais perto de Sofia. Ela não sabia porque, mas sentiu frio na barriga.

— Eu sei que nós estamos tendo isso há pouco tempo, — disse, e com “isso”, quis dizer apontando na direção de ambos. Sofia ficou mais atenta — mas parece que é há mais tempo. Não

sei explicar. Você significa muito pra mim desde sempre, desde que éramos crianças — Léo engoliu seco e sorriu, então Sofia segurou sua mão. — Você me conhece mais do que qualquer pessoa, tirando o Ben e o Nic, mas deu pra entender.

Revirou os olhos e Sofia riu. Então, sem mais nem menos, ele chegou mais perto ainda, segurou seu rosto com as duas mãos e a fitou de modo tão doce que Sofia quase derreteu ali mesmo. Léo continuou, com gentileza:

— O que eu quero dizer é que eu sempre amei você. Eu te amo tanto que meu peito dói e parece que o meu coração quer sair e te seguir como se você fosse um ímã e ele fosse de ferro — respirou fundo. — Eu passei muito tempo sem pensar nisso porque parecia algo impossível por causa das nossas vidas. Aí nós voltamos pra cá ao mesmo tempo e pareceu certo. Eu senti sua falta mais do que imaginei e agora não consigo me imaginar passando um dia longe de você. Então, se você puder, fica aqui na cidade. A gente dá um jeito.

A visão de Léo começou a embaçar e Sofia entendeu o motivo: lágrimas surgiram em seus olhos em espelhos d'água perfeitos. Ela apertou as pálpebras com força e mostrou um sorrisinho, além de tremer um pouco nas pernas.

Sofia puxou ar e mesmo assim não conseguiu proferir nada.

— Eu falei coisas demais, desculpa — Léo murmurou e ela negou.

— Você me ama mesmo?

Sua garganta estava rouca, mas a voz saiu mesmo assim. Léo, sem nem hesitar, confirmou.

— Sim, eu te amo.

Sofia fechou os olhos e deixou as lágrimas saírem, porque de alguma forma aquilo era tudo o que ela queria ouvir. Além disso, sabia que era verdade, que Léo sempre seria sincero e jamais mentiria. Ela nunca pensou que poderia ser amada

de novo depois de tudo o que aconteceu, se sentiu insegura demais, tentou construir uma barreira ao redor de si mesma com todas as dores ainda lá dentro.

Mas Léo nunca se importou com nada disso. Não fazia diferença se Sofia tinha algum defeito que ela via em si mesma, se haviam dias que ela se incomodava com a própria aparência ou se agradaria as pessoas ao redor, porque ele sempre a viu como era.

Ele a amava, sempre amou.

E Sofia sempre o amou também, mesmo que fosse um amor inocente e puro de amizade, isso evoluiu ao longo da vida. Ela guardou Léo e suas lembranças em uma caixinha dentro de seu coração e enfim pôde abri-la de novo quando se reencontraram.

— Sofia — ele a chamou, e secou o rosto dela com os dedos, em seguida com beijos delicados. — Me desculpa.

— Você não tem que se desculpar — Ela esfregou o rosto e riu. — Eu também amo você.

Léo gaguejou alguma coisa, como se absorvesse a informação, então os dois riram.

— É um choro bom, eu prometo.

— Tudo bem.

Sofia o puxou para um beijo profundo, do jeito que gostava de fazer, então Léo aprofundou ainda mais. Ele a abraçou pela cintura e Sofia sentiu as costas no tronco da árvore. Não queria se distanciar dele e era como se fosse explodir em fogos de artifício a qualquer segundo.

Léo a beijou uma, duas, três vezes, a fazendo sentir sua língua macia e quente. A cada segundo, ele estava mais apaixonado. Esses beijos se dissolveram em outros menores e ela sorriu contra sua boca.

— Eu sou apaixonada por você desde sempre — balbuciou, e Léo assentiu. — E hoje mesmo eu contei pra minha mãe que vou ficar na cidade.

Ele a beijou de novo.

— Jura?

Sofia sorriu e concordou com um aceno.

— Quero tentar construir uma vida aqui. Acho que fugi da cidade por tempo demais porque já sofri muito também. São muitas memórias ruins, mas eu me sinto bem melhor agora porque sei que tenho você, a mamãe, todo mundo que importa. Não ligo pro resto — Sofia deu de ombros. — Pode dar certo. E quero tentar ficar aqui por você também — Acariciou seu rosto e repetiu o que Léo havia dito: — A gente dá um jeito.

Léo sorriu de canto e assentiu. Sofia nunca o viu tão feliz antes.

Ele a puxou para um abraço, envolvendo-a por inteiro. Não precisaram dizer mais nada, porque ela apenas fechou os olhos com força e permaneceu ali, segura, e com a certeza de que tudo ficaria bem no final.

Sofia soube que poderia cair e se levantar de novo, que não teria problema.

Ela era amada e estava feliz.

Era o que importava.

Capítulo 25

Reconciliações

— Como você está se sentindo?

— Apavorado — Léo respondeu e estremeceu.

— Faz parte — Ben disse e arrumou seu chapéu de sertanejo. Leonardo apontou para o acessório.

— Pode explicar isso?

— Comprei na feira de artesanato na frente da igreja, oxe — respondeu o cantor, e Sofia soltou uma risada. — Sério, a gente podia fazer um álbum meio country.

— Você não existe — foi tudo o que Léo murmurou. Todos eles foram até a feira de artesanato no dia anterior, exploraram e compraram de tudo. Agora, a cidade estava viva, repleta de turistas ansiosos para conhecer mais a cultura ou revisitar a cidade, presenciar shows a cada esquina e, claro, o Festival de Inverno que já começara.

Sofia e a Aura olhavam para a lanchonete da calçada. Tudo parecia perfeito — as janelas enormes onde se poderia ver o interior, a nova mobília organizada, as paredes com cores claras e reconfortantes, além do novo menu pintado à mão atrás do balcão principal do estabelecimento —, porém tinha um detalhe faltando.

— A placa — disseram em uníssono.

Léo assentiu e deu uma colherada em seu sorvete. Todos ali compraram um.

— Não se preocupa — Nic disse e apertou o ombro do baixista. — Eu já resolvi essa parte.

— Como é que é?

— Mandei fazer uma placa nova pra você — deu de ombros. — Surpresa! Vai ficar pronta logo depois do festival, eu acho — apontou para a placa antiga, ainda ali presente, onde mal se podia ler nada. — Vai ter a mesma fonte e cores, não se preocupa.

O coração de Léo acelerou e ele agradeceu.

Todos deram algum presente, incluindo aquela placa. Sofia fez a pintura do menu, Benjamin pegou uma foto antiga e bonita de José e mandou emoldurar para ser pendurada em qualquer local que Léo quisesse.

— Espero que o papai goste.

Eles concordaram. Em seu âmagô, ele tinha certeza de que Zé teria gostado. Léo fez aquilo para o pai e agora que o trabalho estava pronto, faltava apenas começar a próxima parte.

As últimas três semanas foram agitadas. Quando a reforma acabou, seus amigos voltaram para a capital e Léo ficou com Sofia para resolver o resto. Compraram tudo o que a lanchonete precisaria, desde uma nova caixa registradora até panos para as mesas. Havia tanto o que resolver e Léo ainda fora atrás das partes burocráticas também, resolveu qualquer pendência e só isso lhe deu uma pequena dor de cabeça. Mas agora estava tudo pronto. Ele finalmente podia respirar fundo e saber que fizera o seu melhor, e que estava orgulhoso de si mesmo por concluir aquilo.

Não interrompeu sua rotina: de manhã acordou cedo para correr, e à noite ensaiava todas as músicas que escolheram para a *setlist* do show. Seria uma apresentação longa e a banda exploraria de tudo, desde seus clássicos mais antigos, *covers* e canções novas nunca performadas antes.

Ele também passou todo o tempo livre que tivera com Sofia, claro.

Agora que o festival já começara e a banda se apresentaria no dia seguinte, a soma de todos os fatores apenas deixava Leonardo mais ansioso. Era um sentimento bom e ruim ao mesmo tempo, havia expectativa e medo.

A cidade começou a lotar. O festival atraiu pessoas do país inteiro e por isso ficou mais difícil para Léo andar por aí nas ruas. Ele decidiu que a reinauguração do Cantinho do Zé seria apenas depois que todo esse caos passasse. E agora que os seus amigos voltaram para a cidade, poderiam ensaiar em casa, depois do palco e fazer o show em si.

Só faltava apenas um detalhe...

Um carro enorme parou atrás do Fusca laranja e Léo nem teve de ler a placa para saber que pertencia a sua mãe.

— Boa sorte — Benjamin deu uma última colherada no sorvete e acenou para o próprio carro. — Vamos estar na garagem arrumando os instrumentos.

— Tá bom — suspirou.

Sofia deu um beijo encorajador em sua bochecha, então ajudou Benjamin e Nicolas a tirar as peças da bateria do carro, além dos cabos, violão e guitarra. Uma banda de apoio chegaria apenas no dia seguinte bem cedo, então eles teriam tempo de sobra para ensaiar e fazer o *soundcheck* antes do horário. Todo mundo parecia empolgado e ele também estava, mas preferia não pensar no frio da barriga que o assolava sempre que se imaginava no palco de novo.

Apesar de tudo isso, ele não podia negar que tinha vontade de sorrir sem parar apenas ao ver Nicolas girando suas baquetas nos dedos como se não fosse nada demais, ou como se Ben aquecendo sua voz cheia de alcances incríveis não o deixasse arrepiado.

— Léo, filho — ouviu Charlotte o chamar ao sair do carro.

Seu cabelo estava preso naquele dia e ele se surpreendeu com todo o seu visual, na verdade. Charlotte havia trocado

o salto alto por uma sandália baixa, as roupas sociais por uma saia e uma blusa simples. Eram roupas que só a via usar para ir ao mercado, por exemplo, e ele estranhou.

— Oi, mãe.

Eles se abraçaram por um bom tempo, prolongando o gesto que ele sentiu falta durante as últimas semanas.

Quando se desvencilharam, a mulher olhou para a lanchonete.

— Então está tudo pronto.

— Entra — convidou-a e abriu a porta.

Um novo sino foi instalado e soou limpo quando entraram. Charlotte observou tudo, desta vez sem aquele olhar julgador ou preocupado de sempre. Agora, parecia que estava encantada com tudo. Léo tinha de admitir que também estava, não conseguia parar de pensar naquele lugar e de sentir orgulho do trabalho bem feito. Com o passar dos anos, o Cantinho do Zé foi se tornando mais abafado e escuro porque seu pai não tinha tempo de cuidar, e agora mudara tudo.

Léo sentou em uma das mesas novas e Charlotte fez o mesmo, do lado oposto. Ficaram perto da janela e até ali dentro estava fresquinho. Sua mãe sentiu a textura do tecido que cobria a mesa e perguntou:

— Prontos para amanhã?

— Sim. Vai ser divertido, eu espero.

Na verdade, ele estava um pouco nervoso. A expectativa para o número do público era de dez mil pessoas na praça. Isso nem chegava perto de apresentações de anos anteriores – onde a prefeitura trouxe Xande de Pilares e até o Samuel Rosa, por exemplo –, mas era um número gigantesco. Desde jovem, Léo não conseguia mensurar o que eram cem, quinhentas ou dez mil pessoas.

Charlotte sorriu de canto.

— Vim mesmo só para ver vocês e o resultado da reforma — ela engoliu seco. — Ficou tudo perfeito, filho. Seu pai teria adorado cada detalhe.

Léo sentiu algo novo e estranho, apesar de bom.

— Obrigado, mãe.

— Esse lugar me traz muitas memórias, e todas são boas — indicou o canto perto do balcão. — Eu costumava amamentar você numa mesa ali do canto no finalzinho da tarde e aí assistia o Sol se pôr. Já te contei isso?

— Não.

Léo sorriu e tentou imaginar Charlotte mais nova naquela posição.

Ele piscou algumas vezes e tomou fôlego até conseguir dizer, sem criar tanta expectativa:

— Mãe, eu vou ficar aqui.

Pronto, foi isso. Sem mais enrolações, porque já estava mais do que na hora. Ele tinha medo de decepcioná-la, sim, mas tinha mais medo de ficar parado por mais um ano seguido, de não viver experiências que requerem um pouco de coragem.

Léo estava cansado de se sentir triste o tempo todo, como nos últimos dois anos.

— Eu sei — ela murmurou e apoiou o queixo na mão.

Eles se encararam em silêncio. A mente de Léo continuou a funcionar como se engrenagens se movessem para entender aquelas duas palavras proferidas por sua mãe. Ele já tinha tudo pronto para uma leve discussão, como ela costumava fazer sempre que era contrariada.

— Sabe?

Charlotte suspirou e soltou todo o ar que podia.

— Claro que sei e, mesmo que não fosse, uma parte de mim estava considerando sugerir para que você ficasse — ela piscou depressa, contendo um choro. — É óbvio só de te olhar. Você mudou pra melhor, parece até mais jovem e... *feliz*. Tentei cuidar de você do meu jeito, mas não funcionou.

— Mãe, não é isso — Léo esticou as mãos para entrelaçar os dedos com os dela. — Você sempre cuidou bem de mim, eu só precisava mudar os ares. Precisava fazer isso pelo papai e percebi que gosto daqui.

Ela desviou o rosto por um momento, sem largar do filho. Léo pôde jurar que viu um de seus lábios tremer.

— Desculpa — ela balbuciou com a voz falha.

— Pelo quê?

— Por ter sido protetora demais, por querer te prender demais e você sentiu essa necessidade de ir embora. Agora vou ficar com saudades.

Léo apertou-a em resposta.

— Eu gosto que a senhora sempre me protegeu.

Uma lágrima escorreu pela bochecha de Charlotte e foi uma visão dolorosa, mas necessária ao mesmo tempo. Léo não perdeu a coragem:

— Eu amo mesmo esse lugar, me traz uma paz que eu nunca senti, e parece que me conectei com o papai de novo. Não sinto pressão nenhuma de ser o melhor músico, o melhor filho, aluno, o que for. Eu sou só eu. Tô vivendo um dia de cada vez e é bom cuidar da lanchonete — deu de ombros devagar. As palavras foram ensaiadas diversas vezes, mas agora ele as improvisava, porque parecia o certo a se fazer. — E a senhora tem razão. Me prendeu demais e eu fiquei receoso por tentar coisas novas, nunca me achei bom o suficiente pra nada até que... Eu entendi que não preciso ser o melhor em nada, porque não preciso agradar ninguém além de mim mesmo. E eu gosto de quem eu sou — assentiu e sorriu de canto. — Gosto que consegui reformar essa lanchonete, descobri que gosto de compor músicas e ainda gosto de passar o tempo com os meus amigos, com a Sofia e de caminhar por aí pela cidade tomando sorvete. Gosto de lembrar do papai e gosto de me sentir seguro quando estou com a senhora.

Charlotte chorava mais e Léo percebeu que ele mesmo estava chorando também. Ninguém avisa que, quanto mais você cresce, mais percebe que seus pais também são humanos e têm defeitos. Ele passou a vida inteira achando que devia baixar a cabeça para o que lhe era dito, que devia ignorar a pressão de sua mãe e apenas isso. Mas não agora. Léo entendeu os motivos dela e tinha o direito de discordar do que acontecera.

Dizer tudo aquilo em voz alta lhe causou uma bela ansiedade no peito, do tipo que ardia o corpo inteiro como se entrasse em um rio gelado demais para um ser humano aguentar. Mesmo assim, Léo aguentou.

— Por isso eu quero ficar aqui, mãe — continuou e fez carinho em seus dedos. — Porque eu não quero tocar em uma orquestra sinfônica nem passar o dia pensando no que quero fazer. Eu só quero fazer e pronto. E vou começar do zero aqui, nessa lanchonete, fazendo o que o meu pai fazia... Além de continuar sendo músico nas horas vagas, claro, porque eu ainda amo isso.

Charlotte assentiu e secou o rosto. Léo não tinha a menor ideia de como seria seu futuro a partir dali, mas não estava ansioso por isso. Era um leque muito amplo de possibilidades maravilhosas – tudo num local acolhedor, com pessoas boas e que ele amava.

— Eu sinto muito por te fazer se sentir desse jeito — sua mãe disse. — Eu amei o seu pai, mas não deu certo, você sabe. Ele foi um homem bom, sempre foi respeitoso e um pai incrível por criar alguém como você — Charlotte sorriu e fungou. — Estou orgulhosa.

— Obrigado — sussurrou.

— Só queria te dar o melhor porque não tive isso quando era pequena e achei que fosse a coisa certa. Mas... — ela fungou de novo. — Pensei muito sobre você nesses últimos dias, desde que voltei pra Teresina. Fiquei insegura e com inveja do José

por ainda te entender mais do que eu, mesmo hoje — balançou a cabeça.

— Mãe...

— Aí depois pensei que isso era besteira, porque você é importante demais e isso não é culpa de ninguém. O jeito que você foi criado já aconteceu, então agora é hora de ver o resultado — sorriu. — E que bom resultado. Eu te vi aqui, conserutando encanamentos e satisfeito em fazer isso. Achei estranho, mas fez sentido, e a lanchonete ficou perfeita. Eu não ia deixar você vendê-la nem se quisesse.

Léo deu uma risada.

— Nunca.

Ela anuiu em concordância.

— Se você está feliz, então eu também estou.

Aí estava tudo o que Léo queria ouvir.

Um peso enorme saiu de seus ombros. Estava pronto para discutir com Charlotte, mas ela tirou a maioria daquelas conclusões sozinha. Ele se sentiu bem em desabafar e explicar tudo que o afetou desde criança. Quando saiu da cadeira para abraçar a mãe e dizer que a amava, Léo teve ainda mais certeza de sua decisão. Eles dariam um novo passo adiante, e dali para frente tudo ficaria bem.

— Só vou sentir muita saudade, então se prepare para muitas visitas, ok? — ela falou e acariciou suas costas.

Léo sorriu. Ele mal podia esperar.

— Claro que sim.

Capítulo 26

O último show

— Cheguei! Eu cheguei! — Sofia exclamou enquanto desviava de todas as caixas e equipamentos de som.

Acabara de chegar nos bastidores e foi guiada pela agente da Aura até ali. Ela quase não ouvia nada direito por conta do barulho lá fora, uma multidão enorme. Não sabia o número exato, apenas que todo ano pelo menos quase cem mil pessoas apareciam para assistir os quatro dias seguidos de shows.

Hoje, daqui a mais ou menos quinze minutos, grande parte desse público assistiria a Aura performar.

Sofia encontrou os olhos de Léo e correu mais depressa para dar-lhe um abraço. Sentiu a textura de sua jaqueta de tecido verde escura e o cheiro de perfume também. Ela se afastou. Léo também vestia uma calça larga, tênis e uma camiseta larga com estampa do símbolo da Aura.

— Desculpa a demora, eu tava deixando a mamãe e as meninas na área dos convidados lá na frente do palco, juntas da Charlotte.

— Tudo bem — ele a beijou e sorriu. — Você tá linda.

— Você também — ela disse, quase sem fôlego. Sofia se estilizou com uma camiseta da banda, sapatos confortáveis, saia brilhante e meia-calça. Além disso, colocou alguns adereços no cabelo que também brilhavam, tudo combinando com a maquiagem. — Pronto pra subir?

— Até que sim.

Sofia passou as mãos pelos braços de Léo, como se para esquentá-lo. Era verdade, ele se mostrava bem tranquilo. Já tinha posto seu fone de retorno, não tremia nem gaguejava ou coisa do tipo, apenas ficou à vontade em meio à arrumação atrás do palco. Pessoas da produção andavam de um lado para o outro, as luzes estavam postas e os instrumentos também. A banda ensaiou horas mais cedo com o pessoal de apoio, então faltava esperar dar meia-noite.

— Minha mãe tentou dormir depois do almoço pra descansar bem, mas não conseguiu — Sofia riu. — Nem eu, fiquei ansiosa demais.

— Espero que ela não fique muito cansada. O Zezo ficou dormindo?

— Ele tá ótimo — Sofia revirou os olhos.

Léo olhou para algum ponto além dela, então sorriu.

— Preciso te apresentar as meninas. Vem.

Sofia se deixou guiar até um ponto perto do que era o camarim. Nicolas e Benjamin estavam prontos para subir e Sofia notou que todos se vestiam de modos diferentes, apesar de remeterem à estética original da banda. Eles não eram mais garotos de quatorze anos e isso foi, de algum modo, um baque. Aquele não era o primeiro show da Aura que Sofia frequentava e um flash de memórias a fez viajar no tempo.

Ben usava roupas mais soltas e quase sociais, que combinavam com sua personalidade. A camiseta de botão azul-escuro aberta era a única estampa dali e ele vestia tudo com confiança. Já Nic apostou apenas em uma regata branca e calça de alfaiataria, porque já ia suar demais mesmo ao tocar bateria. Os acessórios eram as tatuagens espalhadas pelo corpo, aquilo bastava.

Sofia engoliu seco quando notou as pessoas que ela não conhecia. Ainda.

— A Sofia chegou — Léo anunciou ao se aproximarem.

Ela abraçou seus amigos primeiro, e depois nas meninas. — Essas são a Lulu e a Alice.

— Oi! — Lulu exclamou e deu um beijinho na sua bochecha. — Você é tão bonita.

Ela corou na mesma hora.

— Obrigada. Vocês também.

Não podia acreditar que era mesmo a Lulu Rocha na sua frente. Ela era mais baixa pessoalmente, mas ainda muito linda. A pele negra brilhava mais com a maquiagem agora e seu estilo continuava o mesmo que Sofia assistia na televisão, delicado e com muito vermelho.

— Minha mãe não perde um programa seu — disse para ela, que sorriu de volta. — Eu também tô com tempo pra assistir agora quero aprender algumas receitas.

— Que legal, qualquer coisa, é só me mandar mensagem pra gente conversar sobre.

— Você ajudou o Léo na reforma, né? — Alice perguntou e a arquiteta assentiu — Olha, já estou até vendo ele precisar de ajuda na cozinha, mas sorte a dele que todo mundo sabe uma coisa ou outra — ela deu um empurrãozinho no ombro de Lu, que riu em resposta. — A Lulu mais do que todo mundo.

— Toda ajuda vai ser bem-vinda — Léo comentou e apertou o ombro de Alice.

Ele deu uma piscadela para Sofia e foi conversar com os meninos em um canto. Sofia se viu conversando com Alice e Lulu e ficou hipnotizada pela primeira, que não conhecia muito além de fotos das redes sociais.

Alice tinha uma energia mais calma, embora batesse o pé para conter a ansiedade de ver a banda se apresentar, ela percebeu. Aquela mulher era o total oposto de Lulu, porque se uma usava um vestido soltinho, ela vestia uma jaqueta de couro, blusa justa e saia longa, além de botas. Sofia também percebeu uma tatuagem enorme em seu pescoço, destacava-se ainda mais por ser escura em contraste com a pele clara.

Sofia acabou sorrindo.

— Desculpa, é que eu tava pensando em como o Benjamin conseguiu ficar com você — disse e apontou para ela. — Você dá medo. E conhecendo ele, deve ter ficado assim também.

Alice riu.

— Ah, ele teve mesmo medo de mim no começo. O cara derramou café no meu manuscrito na primeira semana de trabalho!

— Achei que você já tinha me perdoado! — ouviram Ben de longe, que erguia uma sobancelha para Alice. A mulher o dispensou com um aceno e um sorrisinho.

— Eu perdoei, óbvio. E você não precisa ter medo de mim.

— Verdade — Lulu disse como se contasse um segredo. — Pode não parecer, mas a Alice tem uma tatuagem dos *Úrsinhos Carinhosos* bem na...

— Ei, Lu. — Ela a empurrou brincando.

— É verdade!

— Enfim, o que importa é que agora somos nós três, finalmente — Alice suspirou e apontou para trás, na direção da Aura. — Estávamos falando que se o Léo conseguiu uma namorada, então é porque você deve ser importante mesmo. Ele nunca foi de falar muito, nem sobre esse assunto, então bem-vinda ao grupo. Eles são muito chatos, então vamos servir de apoio pra você.

— Ah, eu tô sabendo. Conheço eles desde crianças, então imagina só — Sofia sorriu e Lulu tocou o seu ombro. — Obrigada. Eu tô ansiosa pelo show.

— Nós também, eu nunca os vi tocarem pra um público tão grande.

— Nem eu — Alice engoliu seco e passou a mão no cabelo escuro e liso. — Meio que estou realizando meu maior sonho adolescente.

Elas compararam suas histórias, todas diferentes. Enquanto Lulu nunca ligou pra Aura, Alice era super fã da banda desde sempre e Sofia tratava aquele fato mais naturalidade por estar inserida naquele mundo desde cedo.

— Cinco minutos! — alguém da produção avisou passando por eles, que se agitaram e agradeceram.

Sofia respirou fundo. Quando deu por si, o grupo estava todo reunido num círculo.

— Ok, hm, vou tentar ser breve — Nicolas começou. — Faz tempo que não fazemos isso, mas vai ser bem divertido assim como quando gravamos no estúdio lá de casa ou aqui mesmo na garagem do tio Zé, então é depois de tantos ensaios, vamos conseguir. Eu amo todos vocês. Léo? Alguma coisa?

Ele deu de ombros e sorriu de canto.

— Não tô preocupado com esse show. Só tento me lembrar de que todo mundo que veio gosta da gente, então vai dar tudo certo. Espero que o meu pai goste — ele olhou para cima, o céu completamente estrelado. — Ben?

O vocalista sorriu.

— Tiraram as palavras da minha boca e olha que sou eu quem falo demais. Vamos juntar as mãos?

Todos colocaram as mãos uma em cima da outra e contaram até três. Sofia apenas sentiu um frio na barriga incrível. Eles exclamaram em comemoração e se afastaram.

Léo deu um último beijo em Sofia antes de seguir para o palco.

— Ah, mais uma coisa! — Benjamin falou quando todos foram para lados opostos. — Só queria dizer que a Alice vai subir no palco, então se prepara! — Piscou para ela antes de saírem.

A mulher ficou pálida e gaguejou.

— Como é que é?!

Tarde demais, a banda foi para o outro lado até os fundos do palco e as meninas tiveram de seguir para o outro —

tudo enquanto Alice murmurava xingamentos para Benjamin e Lulu ria da situação. Uma moça muito gentil da produção as guiou até ficarem no palco, bem na lateral esquerda.

— Caramba — Sofia sussurrou e segurou Lulu pelo braço.

As três inclinaram a cabeça para ver mais da plateia adiante. Tudo no palco ficou um breu, prontos para começarem o show. Aquilo deixou o público animado e começaram a gritar e chamar pela Aura. Eram tantas pessoas que a visão não chegava até o fim e Sofia via apenas pontos de luz dos celulares.

Como eles conseguiram fazer aquilo por cinco anos sem parar e em lugares ainda maiores?, pensou.

— Só eu tô meio tonta ou é efeito da serra? — Alice sussurrou e apertou os olhos.

— Acho que os dois — respondeu Sofia.

Uma imagem surgiu no telão atrás do palco. Na verdade, era um vídeo. Todo mundo se empolgou e gritou, porque eram registros da Aura: fotos, gravações caseiras deles mesmos com cara de adolescentes, vídeos postados na internet de covers e outras de shows que viriam a ser os seus últimos, quando todos tinham cerca de dezenove anos.

Sofia sorriu ao reconhecer tudo. Esteve presente em muitos momentos como aqueles e era divertido notar como todos os seus amigos cresceram. Aquele show de agora poderia não ser o maior que já fizeram, mas era aberto ao público, e a maioria daquelas pessoas também acompanhou a Aura durante os anos.

Melhor ainda, eles os conheciam porque a Aura praticamente nasceu naquela cidade.

Os músicos de apoio tocaram um instrumental conhecido, composto em sua maioria por piano e violinos.

— Que dramático — Alice brincou.

Era bonito, também. A música ficou mais aguda, criando expectativa, e as luzes do telão piscaram. Parecia o início de

um filme e assim que todos viram as silhuetas de Léo, Ben e Nic indo até seus instrumentos, todos gritaram ainda mais.

Do ângulo em que estava, Sofia enxergou tudo com mais clareza: Léo e Benjamin ajustando o baixo e a guitarra, Nic sentando no banco da bateria e segurando suas baquetas. Ele até cruzou o olhar com as três mulheres e ergueu o polegar, confiante e animado.

Os primeiros acordes de sua música, *Sinestesia*, começaram e, como se a plateia não pudesse se empolgar mais, o som dos gritos aumentou. As luzes finalmente se acenderam e a partir daí pareceu um sonho.

Sofia cobriu a boca em choque. Mesmo após tantos anos, a banda parecia ter a mesma energia e química entre si, como se não tivessem passado um dia longe dos palcos. Sinestesia era a sua música mais famosa e eles começaram chutando a porta. Antes mesmo de cantar, a melodia soava pelas caixas de som altas conforme Ben fazia a base da guitarra e Nic e Léo continuavam.

Sofia tinha a impressão que Nicolas sairia daquela bateria se pudesse, no sentido de se mover pelo palco e chegar mais perto dos fãs. Ele sorria feliz ao ver Benjamin praticamente pular pelo palco com sua guitarra e Léo andava tranquilo ao passar os dedos nas cordas do baixo, tão despreocupado, porque tocava aquela música há mais de dez anos e já não era um problema.

Ao seu lado, Alice teve um mini ataque de alegria. Ela gritou e pulou quando Benjamin começou a cantar e Lulu riu tanto que quase perdeu o equilíbrio.

- Desculpa, isso vai acontecer só essa vez, eu prometo!
- Alice gritou por cima da música.
 - Mulher, você tá tremendo!
 - É que eu amo essa música!
- Sofia riu com elas e se viu berrando a letra também. Para

sua surpresa, Léo também acompanhou Ben nos vocais, estando mais ativo ainda nesse quesito. Ela sabia que ele conseguiria cantar mais. Ele também sorria, o rosto iluminado, e foi perfeito.

Quando a primeira música chegou ao fim, o público berrou de animação. Sofia pensou que eles fariam uma pausa rápida, mas emendaram com a próxima – o que deixou todos surpresos e mais entusiasmados.

Léo e Nicolas iniciaram com seus instrumentos um ritmo bastante conhecido.

— Boa noite, pessoal! — Ben falou por cima da música e sorriu. — Aproveitem!

Ele iniciou o *riff* da música que gerou arrepios.

Lulu começou a dançar em seu próprio metro quadrado e Alice acabou entrelaçando o braço com o de Sofia. A imagem no telão do fundo mudou para uma animação que lembrava a estética do videoclipe e mais uma vez a banda revisitou um de seus clássicos que faziam os corações de todo mundo baterem.

A plateia cantou junto.

Os telões laterais mostravam imagens alternadas de Ben cantando e tocando, depois Léo e Nic também. Apenas depois da segunda música eles pararam, e tanta energia foi descarregada que Sofia já estava sem fôlego. Todos eles aparentavam estar suados, e muito, muito felizes. As pessoas gritaram quando a Aura acenou.

— Vocês estão bem? — Ben perguntou ao microfone em voz baixa, como se conversasse com um grupo pequeno de duas pessoas. A resposta foi óbvia e ele sorriu mais ao arrumar o fone de retorno. — Nós estamos muito felizes por estar aqui. Foi de última hora, então achamos que não ia vir muita gente, mas... caramba!

O guitarrista olhou para trás e Nic se inclinou ao microfone da sua bateria. Na mesma hora, com sua imagem enorme

aparecendo no telão, ele foi recebido com aplausos. Só de brincadeira, ele esperou todos ficarem em silêncio.

— Oi!

Sofia tapou os ouvidos e viu Lulu revirar os olhos com humor.

— Se ele tira o cabelo suado do rosto no dia seguinte aparecem dez *edits* na internet — disse, e Alice e Sofia riram. — É sério, ele não é inocente.

— Muito obrigado por terem vindo — continuou o baterista. — Nós preparamos um show bem legal com músicas clássicas da Aura, claro, além de algumas inéditas — arregalou os olhos e sorriu. — Esses anos todos nunca paramos de produzir canções pra vocês, então espero que gostem de ouvir ao vivo pela primeira vez.

Nic apontou para Léo com uma baqueta, indicando ser a sua vez. Na mesma hora o coração de Sofia deu um pulo. Ele observava a plateia de modo contemplativo, os olhos azuis brilhavam, e ele exibia um sorriso contido.

— Essa cidade faz parte da história da Aura. Obrigado mesmo por essa recepção incrível! — Ele riu para Ben, como se não acreditasse. Enquanto isso, o vocalista assentiu e colocou a guitarra de lado. Algo estava para acontecer.

— O que ele tá fazendo? — Lulu perguntou.

— Não sei direito — Alice murmurou sem tirar os olhos do namorado. — Ele não me disse como o show ia ser, falou que era surpresa. Mas acho que é música nova do EP.

Léo apresentou toda a banda de apoio: tecladista, guitarrista solo, violão, *backing vocals*, alguém numa mesa de som que Sofia não entendia muito bem porque o equipamento era grande, além de dois violinistas e um violoncelista.

— Ah, e antes de passarmos para a próxima música, tenho mais uma coisa a dizer — Léo continuou e olhou para o lado, como se captasse o olhar de Sofia, apesar de ela estar um

pouco longe. Foi apenas por um segundo. — Conversei com toda a nossa equipe e eles concordaram em fazer uma boa ação, bem necessária, na verdade. — então ele apontou para o público. — Vocês sabem que o festival é gratuito, mas a prefeitura nos paga, claro.

Risadas soaram.

— Os últimos meses foram importantes pra mim, pude entender e conhecer pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAP+ e isso serviu pra que eu me entendesse melhor também — ele respirou fundo, e Sofia logo sentiu o corpo ficar gelado. — E me sinto muito bem com isso.

Com essa última frase, Léo sorriu, mais para si mesmo do que para o público.

— Queremos doar o dinheiro que conseguimos para instituições de apoio à essa comunidade, especialmente as que acolhem pessoas transsexuais. Todos os detalhes vão ser postados nas nossas redes sociais agora.

Benjamin e Nicolas bateram palmas, junto com toda a banda. Logo, a plateia fez o mesmo, soltou gritos de incentivo e apoio. Para Sofia, aquilo foi um choque muito bom. Ela não conseguiu se mexer. Apenas ficou ali, olhando para Léo, que acabara de fazer algo incrível e importante — não apenas para ela, mas para milhares de outras pessoas que precisavam.

Ao seu lado, Lulu limpou uma lágrima e Alice tirou a mão da boca.

— Isso é incrível — Alice falou para as duas. — O Léo...? Sofia umedeceu os lábios e sorriu, orgulhosa.

— Sim.

— Muito obrigado! — Léo concluiu e acompanhou os aplausos.

— Isso é incrível — Alice disse. — Antes de ele se mudar nós conversamos bastante sobre o assunto. Ele pareceu muito interessado sobre como eu me assumi bissexual e tudo mais. Já era uma pulga atrás da minha orelha.

— Fico feliz por ele — Lulu suspirou.

Sofia assentiu em resposta, satisfeita demais para elaborar alguma frase. Seu olhar já dizia tudo.

— Essa música faz parte do meu EP, mas é nossa — Benjamin falou ao microfone. — Espero que gostem.

Sofia reconheceu a música como uma das principais que Ben promoveu no lançamento do *Káiros*. Tinha o piano mais marcado, uma batida voltada para o R&B e o ritmo animado. O baixo, ao vivo, fez toda a diferença. Agora, Benjamin se movia livremente pelo palco com o microfone, cantava usando seus alcances vocais tanto em notas mais altas quanto mais baixas e seus amigos também o ajudavam com os *backing vocals*. A voz de Léo ficou ainda mais marcada.

Foi mágico, de verdade. A música já era boa, e ao vivo ficou ainda melhor.

O resto do show seguiu com diversas surpresas e Sofia levou um tempo para absorver o quão feliz estava por estar ali tão perto, além de uma boa ação da parte de todos. Ela não conseguia parar de olhar para Léo e pensar: eu o amo. Eu o amo muito.

Benjamin pulava pelo palco com e sem sua guitarra, dependendo da música. Às vezes, precisava tirar o cabelo escuro da frente do rosto e isso causava gritinhos de alvoroço porque, caramba, ele era muito charmoso. Léo também parecia se divertir mais do que o normal, andava com o baixo, tocava as cordas perto do amigo e ambos chegavam até a cantar usando um só microfone. O público, enquanto isso, cantava junto letra por letra, virava um mar infinito de luz e mãos que batiam palmas no tempo das músicas. Era apavorante e perfeito ao mesmo tempo.

Não brincaram quando diziam explorar todas as músicas possíveis. Performaram canções que Sofia quase nem se lembrava mais, fizeram covers de *Slide*, *Mr Brightside*, *Lutar Pelo Que É Meu* e *Star Girl*.

Nicolas até saiu da bateria e foi para a frente do palco para cantar. A música era eletrônica, que a banda fez em participação com um DJ pouco tempo antes da Aura fazer a “pausa”. Nic cantava quase tudo, mas nunca tinha feito aquilo ao vivo antes. Foi aí que Sofia descobriu mais do talento do homem naquela mesa enorme. Ele botou a música em prática que crescia cada vez mais até fazer todos pularem sem parar. No palco, o trio principal dançou e gargalhou tanto que foi impossível não fazer o mesmo.

Sofia riu tanto quando acordes inéditos soaram pelas caixas de som quando Benjamin os tocou e, na mesma hora, Alice quase teve um treco.

— Eu vou matar ele.

— O que foi?

A mulher hesitou por um momento, observando Ben.

— Eu canto essa música com ele — disse, por fim. — E o álbum nem lançou.

Sofia piscou e sorriu.

— Você canta?!

— Um pouquinho.

Lulu deu pulos de alegria quando alguém da produção entregou um microfone a Alice e ela foi praticamente empurrada para o meio do palco por elas. Alice ficou um pouco nervosa no início, mas olhou para Benjamin e apenas seguiu o caminho até ele. O homem não tirou a atenção dela, com o semblante totalmente apaixonado, e não interrompeu um acorde da guitarra.

Ela cantou mais alto, melhor, e ficou ao lado dele.

Sofia sentiu arrepios. Dava para ver que suas vozes combinavam, que eles faziam aquilo por amor e nada mais. Alice sorria para Ben e tocava em seu ombro com carinho, e em dado momento até fechou os olhos para alcançar uma nota mais alta.

Se ela quisesse, poderia ser uma cantora também. Dava para ver a conexão dos dois com a letra, que falava sobre um novo amor que mudou suas vidas, algo bem diferente de um passado conturbado. Como Sofia estava bem perto do palco conseguia ver o brilho no olhar do casal, como Ben não tirava os olhos dela mesmo ao tocar.

A música chegou ao fim e Ben murmurou algo inaudível no ouvido de Alice. A mulher revirou os olhos e bagunçou o cabelo dele antes de voltar para o seu lugar de início.

— Aquela foi a Alice, pessoal! Eu te amo, sabia? — Ben falou em alto e bom som no microfone e a mulher enrubesceu, depois respondeu um “eu também te amo” que não fora captado pelo microfone.

— Ela não é uma cantora, infelizmente. Mas vocês podem comprar os livros dela.

Alice fez uma mesura para a plateia, que a aplaudiu. Na volta, a mulher cumprimentou Léo e Nic.

— Ele vai ver só — disse quando chegou ao lado das meninas.

— Você gostou — provocou Sofia. — Por um segundo achei que ele fosse te pedir em casamento.

— Em público? Sem chance. Eu mato ele — elas riram e Alice se virou para Lulu. — Mas óbvio que o Nicolas vai te pedir primeiro.

— Jura? Aposto uma torta de morango que não, o Ben é muito mais emocionado.

Alice apenas enrubesceu e deu de ombros sem jeito, porque aquilo era verdade. Enquanto isso, Sofia riu consigo mesma e fitou o palco.

A melhor parte, no entanto, foi quando Léo pegou o violão e foi para o centro do palco.

— Essa música é nova — começou a dizer. — Ainda não sei bem o que fazer com ela, mas é especial. Escrevi quando

cheguei aqui na cidade e só conseguia pensar no meu pai que faleceu e em tudo o que aconteceu a partir disso.

Sofia até deu um passo mais à frente. Não sabia há quanto tempo estava em pé e isso nem fazia diferença. Ela apenas assistiu os pequenos detalhes da performance: como Léo fechou bem os olhos ao tocar os primeiros acordes – da música que Sofia já conhecia –, ou de como ele cantou olhando para o céu em primeiro lugar, como se pudesse se comunicar com José de alguma forma.

A bateria entrou num compasso calmo, assim como o piano e a gaita que Benjamin pegou para servir de apoio. Agora, os papéis se inverteram e Léo ficava em primeiro plano, usando sua voz em toda a potência. Havia uma rouquidão reconfortante ali, ele não brincava muito com os alcances e timbres, mas era marcante.

Antes da ponte da música, a plateia ergueu os celulares com suas lanternas ligadas e balançou os braços, apenas ouvindo a música ecoar por todos os lados. O violão percorreu a noite fresca da cidade e o vento causou arrepios não só em Sofia, mas em todo mundo. Isso, somado à história da música, apenas deixava tudo mais bonito.

Todos bateram palmas, e Léo piscou depressa para afastar as lágrimas, olhando para o céu com a certeza de que, de algum lugar, José estava olhando para ele com muito amor.

Sofia secou o rosto. Acima de tudo, estava orgulhosa.

Epílogo

— Alguém viu a tesoura? — Léo perguntou alto.

— Quem precisa de tesoura quando dá pra usar os dentes?

— Que nojo, Nicolas! — Sofia exclamou e riu em seguida.

Leonardo revirou os olhos e foi atrás da tal tesoura. Havia criado um sistema muito bom em sua cabeça, mas não lembrava muito bem agora, porque, enfim, a inauguração da lanchonete o deixava ansioso – de um jeito bom – e meio atordado, com elementos demais ao seu redor para conseguir focar em apenas um.

Lulu guiou todos para fora do estabelecimento porque colocariam uma faixa vermelha com um laço bem na entrada do Cantinho do Zé. Na cabeça de Léo, metade da cidade estava lá, apesar de ser apenas o pessoal do bairro. Ele convidara todos que moravam ao redor e fizeram parte da história da lanchonete, além de outros amigos de seu pai que moravam mais distantes também.

Sofia e toda a família estavam lá – incluindo Zezo, que não saía do ombro de Isis por nada –, além de Nicolas, Benjamin e a equipe da Aura que acompanhou a banda por anos e no show de dois dias atrás. Alice e Lulu também continuaram na cidade, bem como Charlotte. Todo mundo ficou para assistir a reinauguração da lanchonete. Léo já sabia que o lugar era especial e agora tinha mais certeza ainda.

— Achei! — Exclamou quando encontrou a tesoura atrás do balcão.

Ele passou por baixo da fita e parou na calçada. As pessoas ficavam ali e no meio da rua mesmo. Era um dia comum, não tinha tanto movimento e o céu estava de um azul claro bonito, com nuvens fofinhas espaçadas. Após tantos dias de chuva, enfim veio uma calmaria. Léo acreditou ser um bom sinal.

Benjamin uniu as duas mãos em formato de concha e falou alto:

— Discurso!

Alice deu um peteleco nele e todos riram.

Léo ficou tímido por um momento, então viu Sofia e Charlotte fazendo sinais de aprovação bem perto dele. Todos o assistiam com expectativa.

— Ok, — respirou fundo — acho que é isso. O dia chegou e eu fiquei tão nervoso com coisas mínimas que nem pensei em elaborar um discurso — Léo coçou a nuca e riu. — Primeiro, quero agradecer a todo mundo que ficou na cidade, mesmo depois do show ter acabado. Por mim a inauguração teria acontecido ontem, mas eu fiquei todo dolorido, sem voz e precisei esperar a placa nova chegar.

— Você tá ficando velho, isso sim — provocou Nic.

Léo fez um sinal de silêncio com o dedo na frente da boca. Mais risadas. De fato, todo mundo ficou exausto depois do festival e eles passaram o dia dormindo, com dores demais nos músculos para sequer se moverem. Os que aguentaram fizeram um tour pelos pontos turísticos da cidade — e Léo foi incapaz até disso.

— Enfim, muito obrigado de qualquer forma. Essa lanchonete representa tanta coisa pra mim, pra essa comunidade. Eu sei que não sou muito falante, não conheço todo mundo aqui tão bem quanto o meu pai conhecia, mas é um passo que estou dando. Eu não tinha certeza se queria ficar com o lugar

porque ainda doía demais ficar aqui e pensar no papai, mas sei que ele está feliz por mim e por reunir todos vocês. Se tem uma coisa que eu lembro bem é disso: o sentimento de união — Léo fungou e piscou depressa. — Ele gostava de como o cantinho dele reunia todo mundo: família, amigos, turistas; pessoas de qualquer idade. Então... Quero fazer o mesmo. Quero deixá-lo orgulhoso e fazer as pessoas felizes, fazer com que elas tenham um lugar aconchegante pra se reunir e comer comida boa, conversar, ouvir música...

Léo sorriu e percebeu sua mãe secando o rosto. Não só ela, mas a grande maioria assentiu e limpou uma lágrima ou outra ali.

— Então acho que é isso. Tive ajuda de muita gente nesse processo. A Sofia, — indicou-a e sorriu — quem agora posso chamar de namorada, foi a arquiteta, designer, tudo, o trabalho ficou impecável.

Todos aplaudiram Sofia, que agradeceu com um aceno de cabeça.

— Dona Isis me alimentou e distribuiu fofocas da cidade, então muito obrigado por isso — Léo riu. — Minha mãe verificou tudo com olhos de águia umas cinco vezes pra garantir que a lanchonete ficasse em pé... E o Nicolas e o Benjamin até que sabem pintar uma parede direito.

— Ei! — Os amigos exclamaram e mais risadas soaram.

— Eu tô brincando. Enfim, muito obrigado! Essa lanchonete é pro meu pai e espero que ele goste.

Léo cortou a fita e todos comemoraram com aplausos e assobios altos. Ele ficou todo tímido, mas não parou de sorrir. Abriu a porta e fez um gesto para convidar todos a entrarem.

O sino da porta soou e ele assistiu os convidados adentrarem a lanchonete para observar tudo. A decoração era mínima com objetos escolhidos, na maioria, por Sofia. Plantas aqui e ali, quadros, enfeites em prateleiras e mais.

Léo acenou para o novo cozinheiro contratado, que foi direto para a cozinha, porque logo os primeiros pedidos começariam. Enquanto ninguém se sentava para olhar o cardápio, o novo proprietário suspirou e contemplou tudo.

Quando ouviu música saindo pelas caixas de som, ele olhou para o balcão e recebeu um aceno de Nicolas.

— E aí, chefe, o que está achando? — Sofia disse e chegou ao seu lado. De imediato, Léo a abraçou pela cintura e sentiu seu cheiro doce, sem acreditar que estaria na presença dela por muito, muito tempo a partir de agora.

— Tudo ótimo. Eu quero saber a sua opinião de arquiteta.

Sofia analisou o ambiente e cerrou os olhos. Léo percebeu suas sardas pequenas no rosto e sorriu. Ela mirou tudo, desde o teto até o chão.

— Gostei do resultado, até porque você deixou que eu escolhesse quase tudo.

— Porque confio na sua opinião.

— Ou porque já estava caidinho de amores por mim e nem sabia — provocou-o e ergueu uma sobrancelha. Léo não teve resposta, o que a fez rir. — Falando sério, ficou bom. É organizado, acolhedor e modesto ao mesmo tempo. Não está chique pra assustar as pessoas. Ficou a sua cara e isso é um elogio.

Léo pousou a mão no peito e suspirou de alívio num gesto dramático.

— Fico feliz — respondeu e Sofia o cutucou nas costelas.

— E agora? O que você vai fazer?

— Duas semanas atrás eu já estava procurando um lugar pra trabalhar — deu de ombros. — Melhor me prevenir sempre. Enfim, só depois me toquei que tudo o que procurei e achei era aqui na cidade, acho que pode dar certo. Não tenho nada confirmado, mas consegui três entrevistas pra semana que vem.

Léo arregalou os olhos.

— Isso é muito bom!

— Eu sei — Sofia enrubesceu. — Ainda não contei nada porque não sei o resultado disso. De qualquer forma já posso ampliar meu portfólio e começar uns trabalhos *freelancers*, é até melhor.

O baixista pousou um beijo na bochecha de Sofia com ternura e murmurou:

— Você vai conseguir.

Ela o beijou de volta. Mesmo que Sofia não conseguisse, ela tentaria de novo e de novo. Daria um jeito, nem que precisasse viajar até a capital de vez em quando. Ela não estava mais sozinha, tinha amigos em todos os lugares, além de uma família bem ali de braços abertos.

— Qualquer coisa você fica trabalhando de garçonzete pra mim — Léo a provocou e ela fez uma careta.

— Eu te odeio.

Sofia começou a empurrá-lo, mas Léo insistiu, e ambos provocaram um ao outro no canto da lanchonete, rindo e com as bochechas vermelhas.

Alguém fingiu uma tosse e interrompeu o momento.

— Oi, mãe — Léo arrumou o cabelo bagunçado e Sofia engoliu seco, os dois ainda com resquícios de sorrisos.

Charlotte também parecia se divertir. Ela escondia algo atrás das costas.

— Eu só queria dizer que gostei muito do resultado — falou, e olhou em especial para Sofia. — Nós não tivemos tempo de conversar tanto, mas admiro muito o seu trabalho.

— Obrigada — Sofia gaguejou e anuiu.

— Eu trouxe presentes.

Charlotte revelou suas sacolas de papel reciclado, uma para cada. Eles agradeceram e Léo não conteve a curiosidade, abriu logo e sorriu. Era um boné verde escuro, sua cor favorita. Nele, o símbolo da Aura – um círculo com um triângulo ins-

crito – foi bordado de branco. Sofia recebeu um igual, porém amarelo.

— Você gosta dessa cor, não é?

— Sim! Obrigada — ela disse e sorriu, colocando o boné.

— Percebi que o site da banda não tinha bonés dessa cor, então mandei fazer desses. Não sabia o que bordar, então deixei esse símbolo mesmo — ela apontou para algo perto deles na parede. — O seu pai usava um igual. Acho que é o toque final pra você começar a gerenciar a lanchonete.

Léo olhou para trás e olhou o quadro que recebera de Ben. Nele, estava uma foto bonita de José, onde ele usava o seu boné desgastado, vestes simples e sorria de alguma coisa. Foi um momento espontâneo capturado para sempre.

Ele colocou o boné e sorriu. Agora sim.

— Obrigado, mãe.

Léo puxou Charlotte para um abraço apertado, envolvendo-a por inteiro. A mulher riu e balançou junto com o filho. A música nas caixas de som mudou, e Léo reconheceu no mesmo instante. Charlotte também.

Era *Tiny Dancer*.

— Era a música favorita do seu pai — sua mãe falou, contemplativa. — E minha também.

Léo sabia disso. Eles não precisaram dizer mais nada. Ela beijou a bochecha do filho e foi sentar-se junto de Isis, Nanda e Cecília (e Zezo).

— Garçom! — Alice chamou de outra mesa, acenando para Léo. — Você que vem me atender, Léo?

— Deixa comigo — Benjamin falou do balcão e deu a volta. Para a surpresa de todos, ele usava um avental na cintura e carregava um bloquinho de papel e caneta. A cena fez as mulheres darem risada. — Eu já fiz isso antes, lembra?

Alice revirou os olhos para o namorado.

Sofia se juntou a elas, então Léo foi para trás do balcão também, junto a Nicolas.

— Você que vai ser o garçom? — o baterista perguntou e arrumou os óculos.

— Vou ser um pouquinho de tudo, eu acho. Mas tenho vagas, se tiver interesse.

Nic riu e arrumou os óculos.

— Não, obrigado.

Benjamin foi direto para a cozinha a fim de entregar os primeiros pedidos. Quando voltou, deu uma batidinha nas costas de Léo.

— A clientela é exigente — brincou.

— Vou contratar mais duas pessoas, amanhã faço as entrevistas — Léo ressaltou, porque era verdade. — Acho até que a Nanda vai ficar aqui meio período pra juntar dinheiro.

Os amigos assentiram e Léo não pôde deixar de comparar as histórias. José e Charlotte não deram certo, ele e Sofia conseguiram se separar e voltar, de alguma forma, e ele torcia para que tudo corresse bem para Nanda e Cecília também. Aquela cidade sempre estava juntando e separando pessoas, de certa forma.

Ele contemplou a cena: Isis e Charlotte conversavam alegremente, embora sua mãe estivesse com medo de Zezo cantando no ombro de Isis vez ou outra. Nanda e Cecília conversavam sobre outra coisa, sempre olhando nos olhos uma da outra com carinho.

— Quando você vai pra Teresina? — Nic perguntou. — Já tô com saudades.

— Hmm, não sei. Vou terminar de compor algumas coisas e aproveitar pra gravar aqui também. — Léo suspirou. — Não tô com pressa.

Nic assentiu.

— Vamos dar os últimos ajustes no álbum do Ben, aí cuidamos do seu.

O vocalista arregalou os olhos.

— Você não perde tempo, né?

— Eu tô de férias da emissora, ué — disse Nic. — Se aproveitem de mim e do meu estúdio enquanto dá tempo.

— Relaxa e espera eu aprender a tocar alguns instrumentos. Já sei o *talkbox* e gaita, tô pensando em comprar um *stylophone*...

— A gente não precisa dessas coisas todas — retrucou Léo, com graça, e depois se virou para Nicolas: — E por que eu tenho a impressão de que você sempre tá de férias?

— Meu programa é sobre viagens!

Ben estalou a língua.

— Quero lançar o meu livro.

— Lança tudo de uma vez, então! — Nic jogou as mãos para o alto.

— Não é assim que minha cabeça funciona, eu preciso de organização... — Benjamin começou a dizer, então os dois entraram numa “briga”, em que Nicolas contestava tudo o que o amigo dizia e a ponto de sorrir, até Ben perceber que ele estava brincando o tempo todo. No meio disso, Léo só cruzava os braços e assistia. Amava aqueles dois.

Léo saiu do meio daquela discussão e ajudou a servir os pedidos. Ouviu Lulu e Alice perguntando sobre o carro laranja de Sofia lá fora. Logo, seus amigos se juntaram a elas na mesa.

A tarde passou correndo, e ele não se cansava de assistir aquelas pessoas, tão queridas por ele, todas reunidas em um só lugar. O Cantinho do Zé ganhou vida de novo. Seu desejo virou realidade e todo o peso em seus ombros se esvaiu, e deixou apenas felicidade. Ele secou o suor da testa com o antebraço e suspirou cheio de satisfação. *Eu consigo fazer isso*, disse a si mesmo.

Sofia o chamou. Estava pronta para fazer o seu pedido, depois que todos já haviam feito o mesmo.

Seus olhares se encontraram. Léo apenas via amor ali.

Todos os seus amigos interromperam a conversa para vê-lo e o chamaram para se juntar a eles também.

— Ei, chefe — falou Sofia, com um sorriso no rosto. — Esqueceu de nós?

Léo balançou a cabeça, sorriu e foi ao seu encontro.

— Nunca.

DECLARAÇÃO EDITORIAL

A presente obra foi publicada no âmbito do Edital nº 01/2025, destinado à seleção de originais para publicação pela Editora da UFPI – EDUFPI.

O manuscrito foi submetido a processo de avaliação por pareceristas ad hoc, conforme os procedimentos editoriais estabelecidos no referido edital, com vistas à apreciação acadêmica e editorial da obra.

As opiniões, conceitos, interpretações, análises e conclusões expressos neste livro são de exclusiva responsabilidade do(a) autor(a), não refletindo necessariamente o posicionamento institucional da Universidade Federal do Piauí, da EDUFPI ou da instituição responsável pela produção gráfica.

A Universidade Federal do Piauí, a EDUFPI e a instituição gráfica responsável pela editoração e impressão da obra não se responsabilizam pelo conteúdo, pelas interpretações ou pelas posições teóricas apresentadas neste trabalho.



Livia Medeiros é autora de comédias românticas e ficções científicas. Nascida e criada em Teresina, Piauí, é graduada em Moda, Design e Estilismo pela Universidade Federal do Piauí. Suas obras são focadas em leveza e representatividade, pois acredita que romances devem ser lidos com um sorriso no rosto. Quando não se dedica à escrita, ela brinca com seus cinco gatos, assiste séries de comédia ou bebe muito café.



Capa:

Nome da Ilustração "Léo e Sofia".

Artista:

Karolayne N. Santos (@kahnsdesign).



UFPI 55 Anos



FUNDAÇÃO AMARAL DO PRADO
DO ESTADO DO AÍAS

SCS
SUPERINTENDÊNCIA DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL

Tipologias
Jost e Loretta

“Nada de mocinho com uma única dimensão, seja o moreno sarcástico ou o golden retriever. Esqueça a mocinha frágil e perdida que precisa de um salvador. Aqui temos pessoas complexas, que enfrentam dificuldades com as quais podemos nos identificar e que, muitas vezes, quebram estereótipos. A autora tem um jeito muito especial de trazer representatividade, além de caprichar na ambientação piauiense e nos brindar com expressões, gastronomia e várias outras referências culturais do seu estado.”

Marcela Rocha Mendes

Jornalista, escritora e revisora. Formada pela Universidade Federal do Paraná, trabalha em veículos de comunicação há mais de 15 anos e já publicou dez livros entre independentes e por editora.



UFPI 55 ANOS



SCS
SUPERINTENDÊNCIA DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL

ISBN: 978-65-5904-472-6

